

## Redacção e administração

LARGO DA FREIRA

Não se restituem originaes sejam  
ou não publicados

Assumptos de redacção, dirigir a

Pedro Cardoso

EDITOR

Assumptos d'administração, a

Antonio Augusto dos Santos

ADMINISTRADOR

## O ALARME

Publica-se ás quintas feiras e domingos



## Condições de assignatura

(PAGA ADIANTADA)

Com estampilha	Sem estampilha
Anno... 2\$700	Anno... 2\$400
Semestre... 1\$350	Semestre... 1\$200
Trimestre... \$680	Trimestre... \$600
Avulso... 30 réis	

Anuncios (cada linha) 30 réis  
Repetições 20 réis  
Permanentes contracto especial

Annunciam-se publicações enviando  
um exemplar

## A derrocada

O sr. Thomaz Ribeiro, dizem, escreveu uma carta ao rei, dando-lhe parte do seu proposito deliberado de abandonar não só a politica activa mas ainda o proprio paiz, fugindo a refugiar-se em Hespanha, a fim de não assistir á continuação da derrocada moral que todos estamos presenciando, especie de chuva de lama que vaé cahindo, cahindo, até subverter de todo as instituições, se é que não a nacionalidade.

Faz bem o sr. Thomaz Ribeiro?... faz mal?...

Por certo que ao sr. Thomaz Ribeiro assiste o direito pleno de ir para onde melhor lhe pareça. Devera porém recordar-se de que, tendo sido ministro em diferentes situações transactas, tendo por esse facto assumido responsabilidades que facil lhe não será recusar, não ha de ser fugindo que o seu peccado ha de ser expiado.

Todos os partidos monarchicos — e note-se que nesses todos são incluídos os diferentes partidos pelos quaes tem passado o sr. Thomaz Ribeiro — todos elles, são reus de esbanjamentos e de delapidações, dos quaes apenas tem aproveitado o poder que, por isso que é irresponsavel, maior numero de abusos se julga no seu direito de commetter. Se os progressistas, em 14 de maio de 1880, auctorisaram a administração da casa real para levantar um emprestimo de 80 contos, para que pudessem ser concluidas as obras das cavallariças da Ajuda; se os progressistas, pela mão habilidosa do sr. Mariano de Carvalho, roubaram a outra metade em beneficio d'uma senhora d'alta gerarchia, conforme confessavam os proprios amigos do sr. Mariano; se os progressistas doaram á casa real o palacio da Pena com o respectivo parque e a torre do Oulão; hão de os regeneradores dizer-nos d'onde foi que sahiram os 40 contos da espectacular beneficencia da senhora D. Amelia de Orleans; hão de dizer-nos em que foi gasto o dinheiro que, a titulo de portarias surdas, elles foram sempre tão pouco escrupulosos em gastar.

O que é que ennoja o sr. Thomaz Ribeiro na hora presente? é a contemplação do triste quadro em que, presentemente, nós apparecem ministros dando o braço a ladrões convictos? é o espectáculo da gatunagem bancaria ennobrecida de honrarias

pelo chefe do Estado, vendo cahir o seu nome infamado das columnas do *Diario do Governo* para os boletins policiaes?...

Mas o sr. Thomaz Ribeiro ajudou os triumphos dos taes banqueiros. A sua retirada significa nójo ou significa medo?...

Do atoleiro creado pelos ultimos governos da monarchia só se salvou aquelles que, sinceramente contrictos dos passados erros, se penitenciaram confessando-os, e propondo-se a entrar, collaborando nelle com todo o seu talento e com toda a sua boa vontade, numa obra de vida nova, de regeneração nacional.

Foi por não saber ver isto que o sr. Mariano de Carvalho se perdeu. Para que se ha de perder tambem o sr. Thomaz Ribeiro?...

Lucte, trabalhe, fique; para assistir muito embora á agonia da patria, mas fique! Todas as culpas se redimem quando se morre, por uma ideia, quando se morre pela patria.

E, quem sabe?... Talvez que ainda não seja preciso tão grande sacrificio...

Cadeia do Limoeiro.

HELIODORO SALGADO.

## Registamos com louvor

Reunida no domingo a assembléa geral da corporação de salvação publica para escolher os seus corpos gerentes, decidiu nomear uma commissão que se encarregasse de promover soccorros nesta cidade, para os operarios que na Figueira da Foz estão sem trabalho.

Faz parte d'esta commissão a nova direcção eleita que é composta dos srs. José Narciso Simões, presidente; José Ernesto Marques Donato, 1.º secretario; Antonio Corrêa da Costa, 2.º secretario; e Jorge da Silveira Moraes, thesoureiro; e os socios, srs. Antonio Simões Faria, Augusto d'Assis e Costa, Ismael de Jesus Cardoso, Antonio Ribeiro das Neves Machado, Francisco dos Santos Porto e Arthur de Carvalho.

Já ha recebido algumas prendas para este louvavel fim, e recebe qualquer donativo o thesoureiro da corporação.

X

## Pagamento de contribuições

Finda este mez o prazo para o pagamento das contribuições ao estado, municipio e parochia.

Como nos mais annos torna-se impossivel, pelo muito serviço de cobrança e affluencia de contribuintes das freguezias ruraes, satisfazer a todos em tão curto prazo estando porisso em debito grande numero de cidadãos, que apesar dos seus esforços para conseguirem os talões de cobrança, não o tem podido fazer pela constante concorrência á recebedoria.

Bom será que o prazo se prorogue, e o contribuinte não se veja onerado com mais os juros de mora e outras alcavalas que a lei exige aos desgraçados contribuintes.

## As economias dos governos constitucionaes portuguezes

Entre os attributos que deviam coincidir nos homens que são chamados ao poder, ou que a elles são arastados por força de circumstancias e occorrencias, que contribuem mais ás vezes para gerir mal do que para gerir bem os negocios da publica governação, tem um lugar muito distincto uma boa economia a qual, no dizer de economistas distinctos, consiste em não gastar mais do que o preciso e não gastar ao preciso, e em adoptar firme e invariavelmente, ao menos em condições normaes, a norma e divisa de equilibrar uma receita razoavel com uma despesa sensata, indispensavel e, quanto possa ser, productiva.

Esta phrase encontrada em todos os programmas ministeriaes, passa ha muito, como uma palavra banal que, na opinião publica, exprime o contrario do que significa na theoria, porque os actos governativos do dia seguinte até o fim de cada gerencia, desmentem a promessa feita no começo d'ella.

Quem não governar com economia, necessariamente ha de governar mal e os resultados perniciosos hão de fazer-se sentir mais tarde ou mais cedo, e são estes resultados que a nação portugueza de ha muito começou a sentir e que, ha um anno a esta parte se tem accentuado, desvendado e manifestado d'uma maneira assombrosa e assustadora, para aquelles que ainda prezam o nome portuguez, que desejam a conservação e a prosperidade da sua patria e o bem estar dos povos que tão longe estão de gozar.

Passa, ha seculos, entre os povos, o dictado assás judicioso — que o pouco bem governado chega para muito, e o muito mal governado não chega para nada. Eis o que tem acontecido entre nós.

Se se tivesse feito uma justa e acertada applicação dos redditos publicos; se os dinheiros publicos tivessem sido empregados nas cousas necessarias e uteis e só nellas; se se não creassem, como se tem creado muitas despesas que podiam e deviam dispensar-se, não estaríamos, como estamos, esmagados debaixo do peso de enormes tributos, não estaríamos empenhados com uma monstruosa divida consolidada e outra fluctuante, cujos juros, só por si, absorvem metade e mais das rendas publicas, a despeito da sua grandeza, porque — diga-se a verdade — os governos constitucionaes, ou assim appellidados têm disposto de grandissimos recursos nacionaes que — mal empregados — não passarem por melhores mãos, para fazerem d'elles melhor uso.

Sem remontarmos ás manobras de Tancos, ás fanigeradas epochas das pavorosas e a uma avultada somma de contos que se diz ter naufragado na passagem de um ministerio para outro e da qual não houve mais noticia, alguns annos depois, aventou-se a infeliz ideia que foi levada á pratica de crear de novo alguns corpos de infantaria e cavallaria, com o que o ministerio da guerra soffreu um grande augmento para a sua sustentação, fardamentos, armamentos e com-

pras de cavallos. Este augmento de corpos militares era então como hoje desnecessario para sustentar a independencia e a integridade do reino e defendel-o dos seus inimigos, que é ou deve ser, a missão da força armada. Se depois da queda do absolutismo se passou, e melhor, sómente com os corpos que fizeram a guerra civil entre os dois irmãos, tendo ficado dissimulado pelo paiz um exercito de oitenta mil homens, exercitados, que tinham militado nas fileiras miguelistas e que estavam fanatisados por essa causa, ficando ainda de pé, no Algarve, uma forte guerrilha, bem armada, que afinal foi dispersada e vencida, só por uma pequena parte dos corpos existentes ao fim da guerra, que razões de conveniencia nacional determinaram a criação de alguns corpos novos e o grande augmento da despesa respectiva? Nenhuma necessidade, nenhuma utilidade, com prejuizo certo, para a nação, mas houve a vontade de quem queria e podia, que mais era preciso? Se a nação e o thesouro podiam com o augmento da despesa é que se não quiz saber.

Mais tarde cuidou-se de augmentar o soldo a toda a officialidade do exercito, o que mais avolumou a despesa publica e esse augmento não foi reclamado por ella — honra lhe seja — que se resignava a viver com o que até ahi recebia.

Com o andar do tempo foram apparecendo novas lembranças de augmentar despesas, sabendo-se ou devendo-se saber se a receita era insufficiente, e que era prejudicial á nação e aos povos o augmento do imposto e ao recurso a novos creditos. Crearam-se muitos corpos de policia civil, e guardas fiscaes e tudo isto com enorme despesa, os quaes, a não ser em Lisboa e Porto, não eram de urgencia, despesa que não tem sido compensada com serviços equivalentes. Se antes havia crimes, a cifra criminal dos crimes de sangue, de roubos e outros, até nas repartições publicas, não tem diminuido, se não tem augmentado, e para o serviço da policia bem podia servir o exercito que não pôde servir para a guerra, que se não receia do estrangeiro, e que não pode, nem deve agredir qualquer outra nação. Terminamos por hoje aqui, tencionando continuar a occupar-nos do assumpto.

Taboa, 18 de janeiro de 1892.

BERNARDO JOSÉ CORDEIRO.

## Calote aos empreiteiros

Ainda não receberam os seus debitos os empreiteiros das obras da Escola agricola de S. Martinho, d'esta cidade.

Quando se disse que o governo transacto ia satisfazer esse debito, apenas o fez em parte e hem insignificante; por ex.: o empreiteiro a quem se deviam 5:000\$000 réis só recebeu uns 900\$000 réis!

Faltas de dinheiro, dizem. Mas teve o Mariano de Carvalho 5:000 contos para dar de mão beijada á Companhia real dos caminhos de ferro, subtraídos dos cofres publicos.

E a justiça a deixal-o em paz e os pobres industriaes a suportarem os effeitos do calote.

Veremos o que se passará no reinado do sr. José Dias.

## Homem morto

Vivia na casa da nora, na quinta de Santa Cruz, um hespanhol, viuvo ha poucos mezes. Era serralleiro e viera trabalhar para o caminho de ferro d'Arganil.

O trabalho paralytava por semanas, diziam os empreiteiros; mas é certo que de semanas passou a mezes e ao pobre homem, como aos seus companheiros desapareceram algumas economias.

Procurou trabalho pelo seu officio; não encontrou e deitou-se ao serviço de trabalhador; mas a crise augmentava e o infeliz operario viu-se sem onde houvesse o seu sustento. A mulher morreu-lhe no hospital; os filhos, dois foram para o hospicio e um estava a servir. Sem casa nem beira, vivia naquelle casebre. De manhã apparecia no mercado; se as vendedeiras lhe davam alguma cousa, aceitava, se não, não pedia.

Mal alimentado e mal vestido, dormindo numa esteira, coberto por um farrapo d'uma manta, ia passando os tristes dias da vida. Tinha accidentes e suppõe-se que elles, a fome e o frio fossem a causa da sua morte. No domingo de manhã foi encontrado morto pelo filho, que o ia visitar.

\*

A auctoridade teve conhecimento do facto. A policia foi para o local guardar o cadaver; mas sabia-se que só na terça feira ao meio dia se lhe deu sepultura.

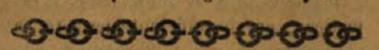
Dois dias e meio foram precisos para levantar o competente auto!!!

X

## Desastre — operarios feridos

Na segunda feira recolheram no hospital tres operarios, que caíram, por motivo de desabamento do andaime em que trabalhavam, d'uma casa que anda em construcção na rua da Sophia, ficando hastante contusos.

O mestre de obras tambem soffreu. Bom serviço prestava a camara municipal, exigindo dos empreiteiros e mestres d'obras a responsabilidade d'estes desastres, que se muitas vezes são produzidos por desleixo dos proprios operarios, outras vezes são devidos á falta de material bom para a construcção do andaime e pela brevidade com que se exige o serviço.



## Espetadas

## O que elles são!

Alguem pensou que o Zé Dias, homem probo, liberal, nos vinha dar as franquias da Carta constitucional.

Que elle era homem capaz de equilibrar as finanças, dar quinao ao Lopo Vaz, impondo-se — aos taes braganças.

Que seria um justiciero, dentro das instituições, liquidand., por inteiro toda a corja de ladrões...

Mas tres vezes nove — nada! É defeito d'este clima.

Do governo é camarada o sr. Magalhães Lima!

Diz o povo: Filho de gato matar um rato... não é novo.

PINTA-ROXA.

## Papeis velhos

O sr. ministro da fazenda, preliou uma sonata, sobre motivo *contribuições*, em que diz que só por uma dedicação patriótica, se pôde equilibrar o orçamento. Fora d'isto estamos inevitavelmente perdidos.

Ainda te restam alguns cobres ó Zê?

Está aqui o Martins — põe o chapéu, homem — que os quer para endireitar isto.

O *Correio da Manhã*, responde ás variações do ministro, assim:

«O que nos levou a isto foi a insensatez com que alguns governos dispuseram, como de cousa sua, dos dinheiros da nação, foi ainda ha pouco o erro financeiro de ir accidir com o dinheiro, que o Estado, á custa de sacrificios enormes grangeára nos mercados, a companhia, cuja administração se reconhecia que era desde muito ou escandalosa ou inepta. O povo portuguez é bom e generoso, mas no fundo da sua alma pôde bem ser que se vão accumulando reflexões, que, no dia sinistro da miseria podem produzir o seu fructo.»

Como de cousa sua, dos dinheiros da nação... entende-se, é certo, com o socio de Mac-Murdo. Aquelle celebre escandalo do caminho de ferro de Lourenço Marques!

Esta e muitas outras patifarias estão accumuladas no fundo da alma do povo, e com razão esperamos que no dia sinistro produzirão seu fructo — olaré.

Como a consciencia os accusa, e como elles vão pondo as barbinhas de molho!

Ah ricos malandretes, que ainda haveis de pagar duro como ossos, todos os vossos crimes. Tenho uma esperança maior que a legua da Povoá.

O sr. Fuschini, muito ligorio e muito manhoso, anda a fazer tirocinio para ministro. No discurso acerca das pautas, deixou escapar esta affirmativa:

«É necessario remodelar tudo isto, antes de pedir sacrificios aos pobres. Se assim não praticarem, exclama o orador, offereço a minha voz no parlamento e o meu braço lá fora para os que quizerem reagir contra as iniquidades e as injustiças. Pague quem dever e na justa proporção das suas forças.»

Mais um combatente; mas por quem? A favor do throno, contra o povo, ou vice-versa?

Ao tempo que vemos este homem a reagir contra as iniquidades e injustiças, era o sufficiente para ter a convicção de que a monarchia não pôde dar-nos nem honra, nem proveito; logo s. ex.<sup>a</sup> em vez de se ligar ha muito se deveria ter desligado de tal sucia.

Mas elle ainda quer ser conselheiro de estado. E penta-se para Messias.

De calibre Marianaceo. Traz o *Diario de Noticias*:

«Para a vaga que, na alfandega deixou o tinado João Guimarães, foi nomeado o sr. G. Mariano de Carvalho, industrial, estabelecido na rua Aurea.»

Isto bastava, se tantas outras não houvesse, para delinir o caracter do pifio ex-ministro. E' o que se vê: os cofres d'estado tem sido para elles, parentes, amigos e compadres.

Famosa quadrilha.

O *Jornal do Commercio* perfilla-se ao lado do governo — está com o Se-

culo — e atira-se aos outros partidos monarchicos como Santiago aos mouros. Porém, o *Dia* abespinha-se e desanda-lhe uma ripada d'este feitio:

«As avessas do sr. José Dias Ferreira, cuja politica se propõe defender, o *Jornal do Commercio* vem cheio de insinuações aos partidos. Cá o temos, ao moralista severo cujas virtudes todo o paiz conhece!...

«Como elle gosta de ajustes de contas e se compraz em esmiuçar os attentados e responsabilidades dos partidos, havemos de ver como a gente lá de casa, aproveitando-se de *condescendencias* de homens d'esses partidos, medrou e cresceu. Depois de servida, e já de olho posto em quem agora lhe possa encher a sacola, exerce a sua má lingua contra os que não estão no poder, e ajoelha fervoroso diante do sol que nasce, atirando pedras ao que julga ir no caso. Porque não se hade fazer a historia d'estes severos catões, com tinturas de philosophia e posições arrebiques de moralidade?»

Doe ó Burnay? E' uma chicotada valente.

Quer o *Dia* que se faça a historia d'estes Catões; mas tenha o collega cuidado que pôde tambem apparecer dentro d'algumas luvas...

São uns Lazaros estes monarchicos. E o *Seculo* a querer afinar. Ambições de quem deseja ser ministerial. Estão verdes?!

O pinhal d'Azambuja na Companhia real dos caminhos de ferro. Lê-se num jornal:

«Ouvimos que, nas contas lançadas na escripturação da companhia, ha *prodigios* como o seguinte:

«Despeza do director F... na viagem a Madrid, por conta da companhia (fora transportes)—seis dias—10:000\$000 réis!...»

Para moralisar o systema que nos rege não ha como isto.

Os republicanos são uns pedaços d'asnos!

Ora salve-nos Deus. Viram os senhores as duas almas candidas: *Novidades* e *Seculo* a agataharem-se no caso das Trinas e em outros casos? Pois já se encontram os dois em fraternal amplexo. Leiam essas palavrinhas das *Novidades*:

«Nós só temos em vista animar o *Seculo*. Nós, imprensa ministerial, devemos manter com firmeza, a união e mutuo auxilio.»

Hein? Caspité! Nunca vimos o *Seculo* tão infamemente injuriado!

A dar o braço ás *Novidades*! Tarrenego!

O *Seculo*, aquelle bello jornal democratico de ha 12 annos, tem baixado de temperatura, e a tal ponto, que já o vemos em contemporisações com os partidos monarchicos, em *actos de contricção e penitencia*! Mas estes sacrificios: em nome da patria e do futuro do paiz! E' impudico.

E' o sr. Magalhães Lima quem põe em duvida se o partido republicano tem gente habilitada para a administração da fazenda publica, e é o seu jornal que está queimando incenso em honra do ministerio presidido pelo sr. Dias Ferreira, attitude esta que tem produzido profunda sensação entre as fileiras republicanas, bem desgostosas pelo triste pacto e ligações que parecem existir com o actual presidente do conselho de ministros.

Collocou-se o *Seculo* ao lado de jornaes monarchicos que applaudem o novo governo, e levando mais longe a sua adoração elle ali está a estampar na folha os retratos dos ministros, precedendo-os de biographias,

onde se apaga o passado d'essa gente, que têm responsabilidades na immoralidade que está ali bem patente aos olhos do povo.

Do sr. Oliveira Martins, elle esconde o facto d'este conselheiro da corôa haver pertencido a um centro republicano do Porto (socio n.º 57). E quem não conhecer este homem ha de suppor o honrado e sem manchas, quando não passa d'um transfuga, vendido á causa monarchica!

Ao dar o retrato do ministro das obras publicas, visconde de Chancelleiros, diz o *Seculo*:

«Chamado de novo aos conselhos da corôa, e num momento de tamanha gravidade como este, ao illustre parlamentar não faltará occasião de provar o seu tino administrativo, e de vincular gloriosamente o seu nome á historia do resurgimento do paiz. Conseguil-o-ha? Todos os nossos votos são pela affirmativa.»

Babado de todo; sendo pela affirmativa: de que dentro da monarchia o paiz ha de resurgir!!!

E não quer o sr. Magalhães Lima que os puros democratas se insurjam contra a sua maneira especial de fazer politica?!

Que admira que haja descontentes, que admire que isto lhe traga inimizadas dos correligionarios, que vêm actos tão condemnaveis?!

Regosija-se o *Seculo* por ver gorada uma manifestação hostil que se lhe preparava no domingo e diz:

«O *Seculo* ha de seguir imperitubavelmente o seu caminho politico. *Filho da idéa republica*, trabalha por ella, empregando os processos que entende serem os melhores, como entende toda a gente que quer pensar e reflectir, que não vive na politica com *intuitos reservados, e para alimentar vaidades pessoais.*»

Ora porque os processos que está empregando esta folha merecem os protestos de todo o republicano convicto e sincero; porque os processos do *Seculo* devem tambem repugnar a monarchicos, que vêm um filho da idéa democratica a pactuar com homens da sua tempera e estofo, applaudindo os em nome da patria; não admira pois que appareça na capital, ou na provincia, quem bem ao vivo pretenda significar-lhes o seu descontentamento, ou o seu desprezo.

E' preciso que o *Seculo* oiça de toda a parte: que o jornal, filho da nova idéa está falseando, com indignidade, as suas doutrinas, o seu credo e o seu passado; que o *Seculo* está mentindo á sua consciencia, por isso que quer viver na politica com intuitos reservados, alimentando vaidades e amizades pessoais, á sombra e á custa do povo que tem acreditado na sua sinceridade.

Se a razão de ser do *Seculo* ha muito não esteve-se conhecida, e bem patenteada, a sua attitude presente desacreditaria o partido republicano.

Mas ha annos que o *Seculo* está em evidencia e ha mezes que o *Seculo* bem mostra ao que se dedica e ao que mira.

Lembre-se, porém, que o paiz tem na sua mão e na sua bolsa o meio pratico de o fazer entrar na ordem.

E parece-me que tem razões de sobra para o fazer.

TRAPEIRO.

## Associação dos Artistas

No domingo os corpos gerentes d'esta associação foram entregar ao sr. dr. Manoel da Costa Alemão o diploma de socio benemerito, pelos serviços prestados como presidente do municipio. Ao mesmo tempo lhe entregaram tambem o producto da subscrição para a defeza nacional, a fim de s. ex.<sup>a</sup> se encarregar de o dirigir á grande commissão.

## Sciencias e Lettras

## Conto do natal

(CONCLUSÃO)

Ora, debaixo do portico, sentado em um banco de pedra, por cima do qual havia um nicho ogival, estava uma creança dormindo, uma creança com um vestido de lã branca, e com os pés nus, apesar do frio. Não era um mendigo, porque o vestido era aceiado e novo, e ao seu lado, no chão, viam-se, atados dentro d'um pedaço de sarga, um esquadro, um compasso, um machado e outros utensilios de aprendiz de carpinteiro.

O seu rosto, illuminado pela luz das estrellas, tinha uma expressão de bondade divina, e os seus cabellos compridos e annellados, d'um loiro ruivo, formavam-lhe como que uma aureola em torno da fronte. Mas os seus pés pequeninos, arroxeados pelo frio d'aquella noite cruel de dezembro, opprimiam o coração.

Os estudantes, tão bem vestidos e calçados para o inverno, passaram com indifferença junto da creança desconhecida; alguns, filhos dos sujeitos mais notaveis da terra, dirigiam áquelle vagabundo um olhar onde se lia o desprezo dos ricos pelos pobres, dos gordos pelos magros.

Mas o pequeno Wolff, que fôra o ultimo a sabir da igreja, parou comovido defronte da formosa creança que dormia.

— Ah! pensou o orphão, que horror! este pobre pequeno anda descalço, com um tempo tão mau... E, o que é ainda peor, não tem um sapato ou um tamanco onde o menino Jesus possa deixar-lhe alguma coisa para lhe alliviar a miseria, enquanto elle dorme!

E, impellido pelo seu bom coração, Wolff descalçou o tamanco do pé direito, pol-o no banco, ao lado da creança adormecida, e, conforme pôde, ora com o pé no ar, ora molhando a meia no gelo, voltou para casa da tia.

— Que patife este! exclamou a velha enfurecida, quando viu o pequeno descalço. O que fizeste tu, ao tamanco, miseravel gaiato?

Wolff não sabia mentir; e, apesar do terror que sentia vendo os cabellos grisalhos do nariz da megera já eriçados, tentou balbuciando, contar a sua aventura.

A velha, porém, deu uma gargalhada medonha.

— Ah! o senhor descalça-se por causa dos mendigos! Ah! o senhor inutilisa o seu par de tamancos por causa d'um vadio!... Bonitas coisas, sim senhor!... Pois bem, visto isso, vou pôr na chaminé o tamanco que te resta; e o menino Jesus ha de deixar lá esta noite, affianço-te, alguma coisa para te acotitar quando tu acordares... E amanhã estarás todo o dia a pão secco e agua... Veremos se, para a outra vez, tornas a dar os sapatos ao primeiro vagabundo que te apparecer!

E a velha avarenta, depois de dar um par de bofetadas no pobre pequeno, fel-o trepar para o sotão onde elle dormia. A creança desesperada, deitou-se ás escuras e não tardou que adormecesse em cima do travesseiro ensoado em lagrimas.

No dia seguinte pela manhã quando a velha, acordada pelo frio e pelo catarrho, desceu á sala debaixo — ó maravilha! viu a grande chaminé cheia de brinquedos scintillantes, de caixas com bollos magnificos, de riquezas de toda a especie; e, no meio d'este thesouro, o tamanco do pé direito, o que seu sobrinho dera ao pequeno vagabundo, estava ao lado do pé esquerdo, que ella deixara ali, nessa mesma noite, e onde tencionava metter um molho de chibatás.

E, quando o pequeno Wolff, que acordara ao ouvir os gritos da tia, se extasiava ingenuamente defronte dos

explendidos presentes do Natal, ouviram-se grandes gargalhadas lá fora. A velha e a creança saíram para saberem o que aquillo significava e viram todas as visinhas reunidas á roda do chafariz. O que succedeu? Uma coisa muito engraçada e muito extraordinaria! Os filhos de todos os ricos da terra, aquelles que os paes queriam surprehender com os melhores presentes, tinham encontrado apenas chibatás dentro dos sapatos.

Então, o orphão e a velha, lembrando-se das riquezas que estavam na sua chaminé, sentiram-se atemorizados; mas, de repente, viu-se chegar o senhor cura com a physionomia transtornada. Tinha visto, naquele momento, por cima do banco collocado á porta da igreja, no lugar onde, na vespera, uma creança vestida de branco e descalça, apesar do frio, estivera com a cabeça encostada, dormindo, um circulo de ouro incrustado na pedra.

E todos se benzeram com devoção comprehendendo que aquella formosa creança adormecida, que tinha ao seu lado utensilios de carpinteiro, era Jesus de Nazareth, em pessoa, que se tornára por uma hora tal como era quando trabalhava em casa de seus paes, e curvaram-se perante aquelle milagre que Deus se dignara fazer, afim de recompensar o animo e a caridade d'uma creança.

FRANÇOIS COPÉE.

## Antonio da Silva e Cunha

Na semana finda falleceu na sua casa de S. Pedro d'Alva este honrado cirurgião, sogro do nosso amigo sr. Antonio Jorge dos Santos.

O finado que era já de avançada idade, era um cidadão honrado, probo, cavalheiro em toda a extensão da palavra.

A toda a familia dorida enviamos a expressão da nossa condolencia.

## Afogada

Na terça feira, seriam 9 horas da noite, alguns individuos que estavam ao Caes, observaram que uma mulher se dirigia aos barcos e pouco depois viram-a atirar-se á agua. Immediatamente correram a avisar os barqueiros, conseguindo-se salvar aquella desgraçada que pedia socorro e clamava por seu filhinho. A mulher é casada com um industrial do bairro alto.

Ignora-se o que a levára áquelle desesperação, pois se sabe que o marido é de porte serio e homem trabalhador.

## Pedro Peig Doria

Falleceu na segunda feira este cidadão hespanhol, socio da firma industrial e proprietario da fabrica de pannos, em Santa Clara.

Peig Doria era um tecelão habil e activo trabalhador. O seu funeral foi muito concorrido, sendo acompanhado o seu feretro por todo o pessoal da fabrica.

Os nossos pezames á familia do finado.

## Theatro-Circo

Têm continuado os espectaculos, neste theatro, pela companhia dirigida pelo sr. Enrique Diaz, com uma concorrência regular.

Alguns novos artistas appareceram, cujos trabalhos agradaram; porém, não têm feito grande sensação no publico.

Estamos convencidos que se a companhia desse espectaculos mais variados teria mais concorrência.

Além d'isso os preços são bastante elevados, razão esta porque o publico se retrae a assistir a repetições de trabalhos, que vistos uma vez até duas, satisfazem por completo.

Continúa a sentir-se a falta de illuminação externa, o que deve merecer a attenção da direcção do theatro.

Hoje ha espectáculo com novos trabalhos e no domingo dois: á tarde e á noite.

# RECLAMES

**Caldas da Cunha** — Modas e confecções, últimas novidades de Paris e Berlim — rua F. Borges 117.

**Correio e selheiro** — estabelecimento de Evaristo José Cerqueira — rua da Sophia.

**Casa Leão** — Loja de pannos e atelier de alfaiate — Rua Ferreira Borges.

**Para variar**  
Pergunta innocente — Qual é a fructa que nunca faz mal nem ás creanças nem aos padres.  
Resposta innocente — A maçã (ama sã).

Aquelles que mostram muitas vezes a mulher e a bolsa, dizia Franklim, expõem-se a que lh'as peçam emprestadas.

Um dos amigos d'Arlot Piovano, cura d'Italia, pediu-lhe um livro d'orações. Elle respondeu-lhe:

Resae ao levantar um Padre Nosso e uma Ave Maria; depois fazei esta oração: Senhor, livra-me d'um burguez arruinado; d'um pobre enriquecido; d'um usurario; da tutela de um procurador; das leviandades d'um medico; dos enganos d'um boticario; d'aquelles que ouvem missa duas vezes; e d'aquelles que juram pela sua consciencia ou pela sua honra.

**Calçado e tamancos** — Solá e cabedae — Antonio Augusto da Silva — rua dos Sapateiros, 2 a 6.

**Drogaria e deposito de tintas** de Mattos Areosa — rua de Mont-arroyo, 25 a 33.

**Funleiro** — estabelecimento de Luiz d'Almeida Junior — Obra em folha branca — rua do Corvo, 53 a 57.

**Instrumentos de corda e seus accessorios** — Augusto Nunes dos Santos — rua Direita, 18.

**Para variar**  
Vogava por sobre as aguas um pequeno barco, que levava a seu bordo um unico passageiro e o barqueiro.  
— Amigo, perguntou o passageiro que era um grande philosopho, sabes astronomia?  
— Não sei, respondeu o barqueiro.  
— Infeliz! perdeste metade da tua vida.  
E, depois d'uma pausa, tornou a perguntar:  
— Sabes geologia?  
— Não, respondeu o barqueiro.  
— Pobre homem! perdeste tres quartas parte da tua vida!  
No momento em que o sabio acabava de pronunciar estas palavras, batia a barca em um penhasco occulto, e os dois homens acharam-se subitamente em lucta com as ondas enfurecidas.  
— Sabes nadar? perguntou então o barqueiro ao philosopho.  
— Não sei... respondeu este ultimo já com a voz entrecortada.  
— Desgraçado! tornou o barqueiro; perdeste a vida inteira!

**Mercearia** — José Paulo Ferreira da Costa — rua Ferreira Borges.

**Officina de calçado** — Antonio da Silva Baptista — Trabalhos em todos os generos — Sophia.

**Professora complementa** — R. da Sophia, 15 — Recebe alumnas internas, semi-internas e externas, ensina e aprrompta para exames.

**Sola e cabedae** — Vendas por junto e a retalho — Ricardo Pereira da Silva — rua dos Sapateiros.

**Canções populares**  
Toda a moça que é bonita  
Nunca de vera nasce;  
Parece pera madura,  
Que todos querem colher

**Lomelino de Freitas**  
Retirou na terça feira para Lisboa, este nosso distincto correligionario que viera a esta cidade, onde conta numerosos amigos e admiradores, para tomar parte na defeza d'um dos accusados no celebre processo politico em que se considera subversivo da ordem publica sus vivas — á patrial

**Fuga de Santos Cardoso**  
Telegrammas de Lisboa annunciavam que se dizia ter desaparecido da ilha do Principe, este sympathico vulto da revolução de 31 de janeiro.  
Oxalá a noticia se confirme e Santos Cardoso possa gozar a liberdade de que é digno.

**Banco Lusitano**  
Já foi encerrado o summario no processo que trata do desvio de fundos que no Banco Lusitano tinham sido depositados e que pertencem á caixa de socorros e pensões dos empregados dos caminhos de ferro.  
Vae começar a extrahir-se o traslado do processo a fim de ser remetido á camara dos pares, para julgamento do sr. conselheiro Mendonça Cortez, que não pôde ser preso pelo poder judicial.

**Banco do Povo**  
O sr. dr. Trindade Coelho, delegado junto ao tribunal auxiliar do 2.º districto, requereu se instaurasse processo contra o Banco do Povo, por causa do descaminho de fundos de que toda a imprensa se tem occupado, e nomeadamente o *Correio da Tarde*, no seu n.º 872, sob a epigraphe: — *Questão de moralidade*.  
Sobre este caso foram ouvidos, no tribunal, os srs. José d'Almeida Vilhena, redactor do *Correio da Tarde*, e Joaquim da Luz Rumina, agente da antiga empresa.

**Cedulas falsas**  
Não foi ainda marcado o dia para a inquirição dos srs. conselheiros Mariano de Carvalho, Augusto José da Cunha e José Frederico Laranjo, embora já se haja sollicitado das camaras auctorisação para isso e estas a concedessem.

**D'olho á espreita**  
Sempre havemos de ver de que tamanho serão as deducções feitas nas *taludas prebendas* que recebem do estado os felizardos: Peito de Carvalho e Francisco d'Albuquerque.  
Dizem que aquelle arranja 20 contos de reis por anno, e este uns 13!

São d'esta argamassa as pilastras que sustentam o throno. Quem lhe ha de querer mal por elles combaterem a Republica?!

**Operarios em grève**  
Em consequencia de uma questão que tiveram com os engenheiros das minas, declararam-se em grève 150 mineiros da região do Loire.  
Em Berlim tambem os operarios impressores estão declarados em grève. Apesar das grandes difficuldades com que estão luctando, pela falta de trabalho, os operarios não querem submitter-se ás imposições dos proprietarios das typographias, e declararam que só voltarão ao trabalho quando lhe forem satisfeitas as suas reclamações.

**Guy de Maupassant**  
O brilhante contista francez que pretendeu matar-se dando um golpe no pescoço, continúa refractario ao tratamento.  
A doença de que soffre é o principio d'uma paralyisia geral e symptomas de loucura das grandezas e das perseguições.  
Tem causado a maior consternação a doença de Guy de Maupassant.

# Noticias da beira-mar

**Figueira, 26 janeiro.**  
Ao 8 de maio cordeal agradecimento pela transcripção de alguns periodos da nossa penultima correspondencia.

\* Falleceu no dia 20 do corrente o sr. Abilio Alves Fernandes Aguas, acreditado negociante d'esta cidade. Foi operario tanoeiro e lavrante de aduela ainda no nosso tempo, e depois estabeleceu se com o pae, (já fallecido tambem) tendo a sorte de em poucos annos, arranjar grande fortuna. Era considerado como um dos principaes exportadores de vinhos para o Brazil.

A seus filhos e genro os nossos pezames.  
\* Acabou vergonhosamente o grande patriotismo (sic) da redacção do já celebre jornal — *Reporter — Portuguez*. . . *Reporter!!!* — Com o ultimatum de 11 de janeiro de 1890, toda cheia de indignação e arrotando patriotismo balófo, fez espalhar uns quartos de papel onde declarava: «O *Reporter* vae mudar de nome. Deixará o titulo inglez, que os ultimos acontecimentos tornaram infamante. Passará a intitular-se *O Portuguez*, etc. *Satisfazemos os impulsos do nosso coração*. (o italico é nosso). *Acaba o Reporter surge o Portuguez*».

Passados dois annos: acaba o *Portuguez*, resuscita o *Reporter!!!*  
Vão lá comprehender tal patriotismo... de barriga!

Eis porque está desactorada parte da imprensa monarchica: — desdiz hoje o que disse hontem... Envolvidos no maldito egoismo e pensando só no estomago e algebeira, arrastam a dignidade pela lama, onde se rojam. É infamante tão ignobil procedimento, que tanto faz descer a classe honrada a que pertencem. Repugna tanta baixeza!

Se houvesse verdadeiros portuguezes, tal papel só teria serventia para embrulhar assucar.

\* No sabbado ultimo esteve aqui o nosso amigo Manoel Ningre, negociante d'essa cidade, que veio tratar de negocio e a quem tivemos o prazer de cumprimentar. Causa-nos sempre satisfação ver aquelles que nos dispensam estima.

\* Proseguem com actividade os trabalhos do bazar a favor dos operarios sem trabalho. Foram hontem nomeadas commissões para os diferentes trabalhos, encontrando-se todos os membros que as constituem animados da melhor boa vontade pelo fim justo a que o producto se destina. As duas phylarmonicas *10 d'agosto* e *Figueirense*, accederam promptamente ao convite que lhes foi feito, para abrilhantar aquella festa de caridade. Ha já algumas prendas. E oxalá que todas as damas e cavalheiros a quem foram dirigidos pedidos, se prestem com o seu obulo a minorar em parte a infeliz sorte dos que luctam com a miseria.

\* O movimento maritimo completamente paralyzado.  
Na ultima semana não entrou nem sahio navio algum.

**A evasão de Verdial e Leitão**  
De uma carta enviada do Ambriz para o nosso collega da *Soberania do Povo*, de Agueda, damos as seguintes informações acerca da evasão d'aquelles dois exilados:

O povo do Ambriz, logo na occasião do desembarque dos presos, deulhes uma grande prova de sympathia que por elles tinha, abraçando-os, e foi depois acompanhá-los á fortaleza de S. José, onde foram recolhidos no calabouço. O mesmo povo tratou logo de lhes arranjar de comer e todos os confortos possiveis. Nomeou depois uma commissão para tratar do forne-

cimento de comidas e angariar por subscripção dinheiro para lhes dar. Esta subscripção subiu depressa á cifra de 400 e tantos mil reis.

Nos dias 20, 21 e 22, quasi toda a população do Ambriz fazia uma verdadeira romaria para a fortaleza de S. José, a visitar os presos, com quem conversava demoradamente e a quem levava presentes.

Fizeram e assignaram um protesto contra o procedimento do commandante do vapor que os pozera a ferros, e decidiram unanimemente não carregar a bordo do vapor nem um só sacco de café, o que assim cumpriram.

Iam assim as coisas, procedendo entretanto o chefe ás necessarias diligencias para averiguar o caso e as circunstancias da fuga, para os reenviar a Loanda, quando na manhã do dia 23 se encontra a porta do calabouço aberta, este vasio dos prisioneiros e os soldados, cabo e sargento da guarda e as duas sentinellas da fortaleza a dormirem profundissimo somno, que se julga ter sido produzido pela acção de morfina ou outro qualquer narcotico.

Os dois exilados e o seu companheiro Vasconcellos, haviam desaparecido, desconfiando se que teriam embarcado numa castrai que no dia 29, de tarde, fôra despachada para Cabinda, mas que iria desembarcal-os no Banana (Estado independente do Congo) ou no Loango (territorio do Congo francez).

A castrai não foi seguida por não haver ali barco para isso.

Eis a descripção da caixa em que estiveram mettidas algumas horas os exilados, segundo o exame directo que o juiz ordinario do julgamento do Ambriz fez na caixa.

Dizem os peritos:

«Que a caixa presente ao seu exame é de madeira de pinho e mede de comprimento 1,º30, de largura e de altura 1º; — que a caixa é uma caixa ordinaria das que servem para a conducção de generos ou mercadorias, e que parece ter sido feita para um fim especial, por a tampa em vez de ser pregada, ter por dentro uns ganchos (macho e fêmea) que servem para fechar e abrir pela parte de dentro, a dita caixa; por ter em um dos lados uma taboa que por dentro se vê estar serrada e ter uma pequena dobradiça com uma taramella pregada, — taboa que está arrombada e denota tel-o sido pela parte de fóra; e por ter no fundo dois pequenos compartimentos onde se encontram os objectos seguintes: um garrafão com agua, duas latas cheias de biscoitos, duas garrafas de vinho do Porto, dez latas diversas com generos alimenticios, quatro pães de trigo, um vidro com sal de fructas, dois garfos e duas facas, um saca-rolhas, um ferro de abrir latas, um copo e dois pratos de ferro; — que além d'estes objectos, se encontram dentro da dita caixa, duas esteiras de loandos, uma lata de folha vazia, um cabeção de capote militar, um cobertor, um chapéu de côco, uma camisa, uma camisola de flanela, um collarinho, e um livro denominado — *Italia*, por Alves Mendes; — que em cada uma das quatro faces exteriores da caixa e na face exterior da sua tampa, se encontram a tinta preta as seguintes palavras: — *Bagage — Fragile*, tendo de mais a tampa a palavra *Dessus* — e nenhuns outros dizeres indicativos do porto e da pessoa para onde e para quem era dirigida; — que, finalmente, dentro da referida caixa, podem caber sentadas duas pessoas pelo menos.»

Parece que a fuga dos prisioneiros, foi planeada por elles, d'accordo com a gente do Ambriz.  
O dinheiro da subscripção não chegou a ser entregue aos presos fugitivos. A lista da subscripção foi apprehendida pelo chefe do concelho, que prendeu o sr. Luiz Julice Carneiro da Costa, como implicado na fuga dos presos e esperava-se que outros viessem a ser presos.

# Noticias diversas

Está em 25:564\$010 reis a subscripção aberta pelas senhoras portuguezas para a defeza do paiz.

\* O mar tem continuado a fazer grandes estragos em Espinho e na praia do Torreira.

\* Calcula-se haver na Europa vinte mil jornaes.

\* Os montes da Madeira estão cobertos de neve.

\* Em Foscôa, uma rapariga, desesperada por o pae não a deixar casar com o rapaz de quem gostava, enforcou-se.

\* Ardeu o palacio da legação hespanhola em S. Thiago do Chile. As perdas sobem a 250:000 dollars.

\* Brevemente vae haver um exercicio de simulacro de embarque e desembarque nos comboios, a que comparecerão quasi todos os corpos da guarnição.

\* Dizem que vão ser exonerados de todos os cargos civis individuos que tenham gradação militar, podendo apenas exercel-os os que tenham gradações honorarias.

\* Vae ser reduzido ao marcado nos contractos com as companhias de navegação o abono de passagens a colonos para a Africa. Nos contractos marca-se 12 passagens por mez para a Costa Occidental e 15 para a Costa Oriental.

\* Parte para a Africa, no vapor *Cabo Verde*, o sr. Cesar Lemos, que vae fazer uma excursão artistica, tirando photographias dos pontos mais interessantes das nossas colonias.

\* O maior rubim que se conhece pertence á corôa do czar. Esta corôa é, de resto, a mais bonita que jámais tem sido usada por um soberano.

\* As corporações dos côros dos theatros do Porto vão reunir para organisarem uma associação de classe.

\* Os petroleos do Caucaso, cuja exploração é muito antiga, dão desde 3:000 a 4:000 litros diariamente; os da America que são os que dão actualmente para quasi todo o consumo, produzem 20 milhões de litros e 200:000 libras de paraffria e asphalto.

\* Navegam quotidianamente uns oze mil vapores nos grandes caminhos do oceano.

# Obituario

Nas semanas findas enterraram-se no cemiterio da Conchada os seguintes cadaveres:

Americo, filho de Henrique da Costa Coimbra e Ludovina de Macedo Coimbra, de Coimbra, de 8 mezes. Falleceu de bronchite capillar, no dia 6.

Recemnacido, filho de pae incognito e Luiza Rodrigues dos Santos, de Coimbra, de 1 dia. Falleceu de parto prematuro, no dia 5.

Julião Casimiro Coelho, filho de Manoel Joaquim Coelho e Anna de Jesus, de Coimbra, de 48 annos. Falleceu de tuberculose pulmonar, no dia 6.

D. Amelia Osorio de Sousa Preto, filha de Luiz Osorio de Sousa Preto e D. Josepha Adelaide da Silva Osorio, do Fundão, de 51 annos. Falleceu de carcinoma no utero, no dia 7.

Elisa da Conceição Mello, filha de Henrique de Mello e Maria da Boa-Morte, de Coimbra, de 8 annos. Falleceu de tuberculose, no dia 9.

Antonio, filho de João Luiz e Maria Theresa Ferreira, de Coimbra, de 2 annos. Falleceu de queimaduras, no dia 17.

Felizarda Maria, filha de Manoel Joaquim Soares e Mariana Theresa, de Lóvão, de 67 annos. Falleceu de bronchite chronica e lesão cardiaca, no dia 18.

Angelica de Jesus, filha de José Ladeira e Theresa Bandarra; da Cruz dos Morouços, de 98 annos. Falleceu de cachexia senil, no dia 18.

Bernarda de Jesus, filha de Jeronymo Corrêa e Bernarda Maria, da Cheira, de 75 annos. Falleceu de broncho pneumonia, no dia 22.

Francisco Rodrigues, filho de Francisco Rodrigues e Maria do Rosario de Caravellos, de 25 annos. Falleceu de febre typhoide, no dia 23.

Recemnacido, filho de Adjuto da Costa Pessoa e Amelia da Conceição, de Coimbra, de 3 dias. Falleceu de epilepsia, no dia 23.

Total — 16:247.

**ANNUNCIOS**

Sr. redactor. — Vendo no seu acreditado jornal, um annuncio, contra a minha pessoa, sabido no dia 12 de janeiro, peço a v. se digne publicar a seguinte:

**RESPOSTA**

Sr. redactor. — Vendo eu no seu jornal uma accusação levantada á minha, pessoa pelo sr. Adriano Francisco Dias, e julgando-a injusta, porque deveria ser eu quem a devia ter feito, pela razão d'este cavalheiro se atrever a transgredir as minhas condições, e pela forma como o fez, vou narrar fielmente tudo o que se passou entre mim e este senhor.

Em fevereiro do anno passado recebi do sr. Adriano um bilhete no qual me pedia para que eu fosse a sua casa. Fui, e o sr. Adriano principiou por me fazer uma narração de trabalhos que já tinha mandado fazer por outros; e eu principiei por ver que era possível succeder-me outro tanto.

Mostrou-me uma planta, acompanhada d'uns apontamentos, os quaes foram feitos pelo digno sr. mestre Heleno, e que tiveram de ser reformadas.

Fui eu autorisado pelo sr. Adriano Francisco Dias a fazer esse serviço; como provo com planta e condições do mesmo recebidas.

Tratei de escrever e de lh'as levar para elle ver; e depois de as ver, soube dizer mais o que queria nas mesmas condições; depois disse-me que as passasse eu a limpo, o que fiz e lhe levei. Contractámos a obra, ficando o sr. Adriano com as condições, para duplicar, pelo seu punho, e como é sabido por todos que fazem trabalho d'esta ordem, as condições são sempre eguaes em dizeres. Portanto é costume o dono da obra ficar com as do empreiteiro, e o empreiteiro com as escriptas pelo dono da obra; sendo por ambos assignadas.

Demorou-se o sr. Adriano, a duplicar as condições, mas eu não fiz caso d'isso; principiei a obra, e, passado tempos, chamou-me o sr. Adriano, para eu assignar o duplicado.

Apresentou-me as minhas condições dobradas em 4 dobras, e as d'elle abertas para eu assignar. Como

não puz duvida em o fazer, suppondo que aquelle senhor fosse mais honrado; peguei nas condições que elle tinha escripto porque eram as que me pertenciam, e dobrei-as e metti as no bolso.

Diz-me o honrado: «então leva essas?...» disse eu «levo porque são essas que me pertencem, e as minhas fica o sr. com ellas». E depois dizendo-me «isto para nós não vale de nada, deixe-me essas porque as fiz e leio melhor, por serem escriptas por mim.» Tornei a dizer-lhe: «mas estas suas devo eu ficar com ellas». Em summa para não começar a questionar, deixei-lh'as, e assim estivemos até ao fim da obra, sem nunca entre nós haver cousa alguma. Acaba-se a obra, mas com muitas alterações feitas a mais do que a planta que eu possuía, bem como apontamentos do mesmo recebidos, primeiras e segundas condições, que também possuía escriptas por mim e verificadas e approvadas pelo dono da obra.

Portanto parece ser um abuso de confiança, da parte d'este sr., em transgredir as condições, e o publico apreciará este procedimento.

No resto da obra perguntei se tinha mais alguma cousa a exigir, respondeu-me que tirasse as contas e documentos. Eu que já as trazia no bolso entreguei-lh'as.

Ora quando se manda fazer o serviço não se pergunta quanto custa, mas no resto é que parece mal. Não sou eu o primeiro que contracto com este sr., com quem se têm dado estes casos; ha mais, mas não me valho agora de aqui os apontar.

Porém, alguém veio mesmo pedido por elle dizer-me que achava muito; peguei das plantas e das minhas condições, dei-as á pessoa para lhe fazer ver onde estavam os augmentos. Ao conferir as condições viu-se que não estavam eguaes. O sr. Adriano Francisco Dias, disse a este individuo que não queria fallar comigo, porque, provavelmente, já se doia da sua consciencia, e tinha autorisado a mesma pessoa para tratar comigo com relação a contas. E foi então que soube que as condições não estavam eguaes, e que eu disse a alguém e mesmo ao sr. Adriano, que não tinha duvida em estampar as minhas condições num jornal; mas como eu me prezo de ter alguns cabellos na cara com vergonha, e não estou acostumado a difamar ninguem, não o fiz.

Portanto tratou o sr. Adriano, para salvar a sua probidade, de meter na obra collegas meus para dizerem mal; e vir agora render-lhes elogios.

Ora costuma dizer-se — o teu inimigo é o official do teu officio. Agora tudo está porco e imperfeito, mas antes de serem apresentadas as contas nada tinha defeito.

Ha carpinteiros que são muito perfeitos, mas é á custa de alguns bons patrões que se servem d'elles; mas essas perfeições ficam-lhes por muito dinheiro, porque elles só ambicionam noutes e sabbados, e não querem sendo tão perfeitos, tomar os encargos e a responsabilidade que eu, e outros, tomam, obrigando-se ao cumprimento dos seus tratados.

Poderia citar alguns collegas artistas que já trataram com o sr. Adriano Francisco Dias, mas não o faço por agora.

Os leitores que apreciem a minha narração.

Coimbra, 14 de janeiro de 1892.

Joaquim Augusto Maia.

**TELEPHONE**

107 **MANOEL JOSÉ DA COSTA SOARES**

participa ao publico em geral e aos seus freguezes em especial, que está novamente em comunicação telephonica o seu estabelecimento de trêns d'aluguer, ao Caes, com a loja do sr. Domingos Salazar, da rua de São de Miranda, antigamente de S. João, podendo por isso os moradores da parte alta da cidade darem as suas ordens pelo telephone para o serviço de carros.

Previne-se o publico que ficam sem effectos os annuncios anteriores com relação a este serviço.

**AGORA, AGORA!**

93 **Chouriços** de Castello de Vide. Farinheiras de Niza. O que ha de mais saboroso neste genero garantindo a boa qualidade e limpeza.

Preços baratissimos.

E. Gonzaga.

72, Rua de Sophia, 72

o garfo, de senho torvo e gesto fero ergueu-se na ponta dos pés, e traspasou de lado a lado o ventre recheado do gordo pato.

— Então, dizia o juiz admirado; não se pertence? Está gracejando!...

— Sua duvida é que me parece um gracejo. Pois ha neste lugar quem ignore isso? Um homem que desde o berço viveu e se educou a custo de outro, representa um capital alheio; é o titulo e a garantia de uma divida.

— Não diga isso, Mario! atalhou Alice ressentida.

— Se é a verdade! O dono do papel em que se escreveu pôde julgar-se auctor do livro! Que somos nós ao nascer, que era eu principalmente, ou pobre orphão, senão uma pagina em branco? Algum valor que por ventura eu tenha hoje e que não teria se me abandonassem, pertence a quem me deu os meios de o adquirir.

— Mas ninguem de certo aqui pretende esse direito. Mario! exclamou Alice. Posso assegurar-lhe que todos ao contrario o respeitam.

Não impede essa generosidade que eu cumpra meu dever. Considero-me preso a esta casa e á vontade de seu dono, pelo vinculo de uma divida. Não poderia retirar-me d'aqui por meu alvitre sem expoliar a outrem de sua propriedade.

O moço fitou o olhar em Alice e continuou articulando friamente as palavras:

**A CURA DAS PURGAÇÕES**

**COM O BLENORRHICIDA**

99 **O Blenorricida** é o non plus ultra da sciencia para a cura de todas as purgações, antigas ou modernas, ou catarros de bexiga. Provam-no o espantoso consumo e os elogios dos que só com elle se curaram, depois de experimentarem todos os medicamentos:

DEPOSITOS: — Coimbra, pharmacia Ferraz, rua de Ferreira Borges, 152; e drogaria Rodrigues da Silva. — Figueira da Foz, pharmacia Sotero, praça Nova. — Aveiro, Pharmacia Moura.

Preço 500 réis, pelo correio 640 réis.

**TINTURARIA DE P. J. A. CAMBOURNAC**

12, LARGO D'ANNUNCIADA, 16 LISBOA RUA DE S. BENTO, 420

Correspondente em Coimbra

Antonio José de Moura Basto, — Rua dos Sapateiros, 26 a 28

OFFICINA A VAPOR DA RIBEIRA DO PAPEL

ESTAMPARIA MECHANICA

11 **Tinge** lã, seda, linho e algodão em fio ou em tecidos, bem como fato feito ou desmanchado. Limpa pelo processo parisiense: fato de homem, vestidos de senhora, de seda, de lã, etc., sem serem desmanchados. Os artigos de lã, limpos por este processo não estão sujeitos a serem depois atacados pela traça. Estamparia em seda e lã.

**Tintas para escrever** de diversas qualidades, rivalizando com as dos fabricantes inglezes, allemães e francezes. **Preços inferiores.**

**JULIÃO ANTONIO D'ALMEIDA**

20—Rua do Sargento-Mór—24

33 **N**o meu antigo estabelecimento concertam-se e cobrem-se de novo, guarda-soes pelos seguintes preços:

Guarda-sol para homem, coberto com a melhor seda portugueza, réis 1,800; idem para senhora, 1,500 réis.

Tambem tem fazendas de lã e algodão para coberturas baratas. Garante-se a perfeição do trabalho encomendado nesta casa.

**PURO VINHO DE MESA**

104 **N**a mercearia — CARNEIRINHA — em Santa Clara, ao fim da Ponte, encontra-se á venda bom vinho da sua lavra, pelo preço de 90 réis, o litro.

Garante-se a boa qualidade.

—O que me pertence, unicamente, exclusivamente, o que não contrahiu compromisso algum, e está livre ainda como Deus a creou, é aquella parte do nosso ser, que não se submete nem á propria razão; é a alma com suas affeições. Esta sim, posso envia-la onde me approuver, embora o corpo permaneça aqui ou além.

Para todas as pessoas que o ouviam, as palavras do mancebo não eram mais do que um thema da conversação; aproveitado por elle para mostrar o seu modo elegante de fallar. Mas para Alice essas palavras tinham um sentido bem claro; e não foi debalde que seu delicado seio se sublevo, e as lagrimas lhe aljofraram os longos cílios.

Levou a menina rapidamente as mãos ao rosto para esconder as lagrimas e ao mesmo tempo suffocar o soluço.

Sem duvida esse movimento seria reparado, ao menos pelas pessoas mais proximas, se não intervisse bruscamente um dos lancos habituaes da scena do trinchamento do palmipede. D'esta vez o sr. Domingos Paes, resolvido a espatifar o inimigo do primeiro assalto, mudou de tactica; tendo cravado o garfo no peito da ave, fez com a faca ponto de apoio na aza e começou a torcer desesperadamente o corpo do pato com esperanza de esnocar a junta.

Succedeu em um dos impetos, a aza escapou da faca, e a mão esquer-

**Bom emprego de capital**

94 **Vende-se** um magnifico predio situado na rua de Ferreira Borges, á rua mais bonita e commercial de Coimbra, que dá um bom rendimento.

Para esclarecimentos — Largo do Príncipe D. Carlos, 2 — Coimbra.

**ESCRITORIO TECNICO**

DE **PROJECTOS E CONSTRUÇÕES**

21—Rua de João Cabreira—21

COIMBRA

36 **Encarrega-se** da elaboração de projectos, e orçamentos de construcções; levantamento de plantas; fiscalisação, vistorias e louvações de obras; desenhos e copias; consultas, pareceres e relatórios sobre trabalhos de construcção.

O gerente — E. Parada.

da resvalando no ar com o impulso, atirou o cadaver do pato á cabeça do conselheiro. O sub-defegado com a resolução prompta que pedia o caso, levantou-se, e com um guardanapo fez desapparecer os effectos da catástrophe limpando das trufas do orador, o molho e as rodas de cebolas que tinham acompanhado o pato. Tão rápido foi o movimento, que o conselheiro não pôde impedir-o; e quando levou as mãos á cabeça, só achou o craneo lizo, pois o chinó lá ia para a cosinha no guardanapo, que o Martinho levava a correr, pensando que tinha dentro o pato.

Felizmente um primo do barão, que se considerava a lingua de prata do logar, tinha-se levantado na outra ponta da mesa para propôr a saude de seu nobre parente: e na forma do costume desfiava imperturbavel a propria biographia, com exordio obrigado da apologia do chefe e protector de toda a parentela.

Foi um excellente pretexto para que os circumstantes fingissem não perceber o desastre do conselheiro, e sua retirada ou antes evasão.

(Continúa).

**Folhetim do «Alarme»**

SENIO

**O TRONCO DO IPÉ**

(SEGUNDA PARTE)

XIII

O pato

O juiz municipal sentado defronte de Mario, tinha travado conversação com elle; e saltando de um a outro assumpto, dizia-lhe naquelle momento:

—O doutor naturalmente volta para a côrte?

—Não sei ainda; respondeu Mario.

— Com seu talento e seus conhecimentos não deve enterrar-se na roça. Seria estragar um bello futuro.

— Então á saude do futuro! exclamou o sr. Domingos Paes erguendo a cabeça e virando o copo. E' aqui o da D. Adelia? Sr. vigario, ao bello futuro!

— Está muito sabido! acodiu Adelia corando. Pôde beber quantos copos quiser: não precisa de pretexto...

— Desculpe; eu cuidei... balbuciou o compadre percebendo que fizera um trocadilho, ou antes um disparate.

— Qual futuro? perguntou o vigario.

— O futuro passado! disse Lucio apontando para o compadre, saudado com uma gargalhada geral dos rapazes.

— Na côrte, continuou o juiz, atando o fio ao dialogo; não lhe faltarão empregos, sobretudo agora que o nosso governo está tratando seriamente dos melhoramentos materiaes.

— Os empregos são difficeis; e além d'isso não os pretendo.

— O sr. Mario gosta mais da fazenda! insinuou Adelia com um sorriso malicioso.

— Não é esta a razão, D. Adelia. Aquelles que já não tem familia para lhes prender a alma a algum canto de terra; vivem bem em qualquer parte que lhes determina o dever ou mesmo o interesse.

— Eu sou assim observou o Domingos Paes, aproveitando o intervalo da mudança do talher. Passo tão bem aqui na fazenda, como na villa em casa do compadre barão!

Alice recebeu que as interrupções do compadre lhe impridissem de ouvir as palavras de Mario.

— Faça favor de trincar o pato, sr. Domingos Paes, disse ella.

— Ah! é verdade. Mas falta o trinchante.

— O senhor naturalmente sem querer o escondeu de baixo da toalha! disse Adelia.

— Ora que distracção!

O compadre, apunhando a faca e



Redacção e administração

LARGO DA FREIRIA

Não se restituem originaes sejam ou não publicados

Assumptos de redacção, dirigir a

Pedro Cardoso  
EDITOR

Assumptos d'administração, a

Antonio Augusto dos Santos  
ADMINISTRADOR

# O ALARME

Publica-se ás quintas feiras e domingos

Condições de assignatura

(PAGA ADIANTADA)

Com estampilha	Sem estampilha
Anno.... 2\$700	Anno.... 2\$400
Semestre. 1\$350	Semestre. 1\$200
Trimestre 5680	Trimestre 5600

Avulso... 30 réis

Annuncios (cada linha) 30 réis  
Repetições 20 réis  
Permanentes contracto especial

Annunciam-se publicações enviando um exemplar

Em honra dos Portuguezes expatriados, dos que jazem encarcerados nas prisões, dos desterrados pela Africa, dos fuzilados, dos perseguidos e dos crentes que têm fé na regeneração da Patria, Saudemos

## O 31 DE JANEIRO

31 de Janeiro de 1891

**Q**UAMAS se apagará na historia esta data; foi escripta com sangue, e é commemorada com lagrimas.

Os servidores da monarchia disseram então e repetem hoje, que a indisciplina dos quartéis sahio armada para a rua, e no recontro com os mantenedores da ordem foram dispersados os revoltosos após um tiroteio de poucas horas. Isto disseram elles por palavras, mas por factos affirmaram outra cousa.

Suspenderam acto continuo as garantias, e o districto do Porto foi declarado em estado de sitio; promulgaram decretos marciaes para poderem prender a torto e a direito, sem culpa formada, e ao arbitrio dos agentes do poder, arrombando portas e gavetas. Calcaram o sacratissimo direito que tem os cidadãos de serem julgados pelo jury, para submettel-os a um tribunal que cheirava a polvora; arremessaram com os presumidos implicados na revolta ás enxovias, como se fossem malfeteiros, e transportaram-os depois entre bayonetas e com grave risco d'um naufragio, para sobre as aguas do mar. Não tiveram força para os fazer julgar em terra. Isto é significativo. A consciencia bradava-lhes que os erros accumulados de meio seculo eram tão abominaveis que não podiam deixar de provocar as iras justissimas da nação, e, se o primeiro grito de vingança não foi um clamor de exterminio, é porque houve precipitação nos acontecimentos. E a consciencia fallou-lhes a verdade. Não foi a indisciplina que trouxe para a rua os homens de 31 de janeiro, porque, se o fosse, não viriam ás janellas e sacadas rostos de todas as edades e d'ambos os sexos, a saudar o sol nascente. Demais: os crimes de peculato, esbanjamentos, roubos nos bancos e companhias, e a fallencia do estado, eram factos consummados. Anciosa estava a patria por ver raiar melhores dias, a fim de que o sol da moralidade viesse esclarecer os obstinados e as iras da justiça fulminar os culpados. Mas os prudentes metulosamente abandonaram o movimento e a revolução descarrilou. Foi medonha a hecatombe de mortos e feridos, é numerosissima a lista dos proscriptos e exilados, é maior do que se imagina a viuvez e a orphandade, porque tinham mulher e creanças não só os que apodrecem no tumulo, mas tambem os que á ordem do vencedor, foram sepultados nas enxovias ou arremessados para os sertões inhospitos do continente negro. O 31 de janeiro é um dia de finados, por enquanto. Choremos sobre a campa das victimas e sobre o leito da patria; aquellas jogaram a vida por uma convicção, esta continúa a ser o ludibrio dos burocratas. Tempo virá em que aquellas serão glorificadas, e está, redimida.

João Paes Pinto  
(Abbede de S. Nicolau).



JOÃO CHAGAS

Redactor da Republica Portuguesa

### Hoje

**F**AZ hoje um anno, e parece que foi ha um seculo, tanto nos tem custado a supportar inulta a derrota de então!... Faz hoje um anno que o povô do Porto saudou com o mais fervido entusiasmo os corpos da guarnição de aquella cidade, que, possuidos d'um nobre

impulso patriótico, sahiram dos quartéis com o fim de tornarem effectiva a vontade da maioria da nação, vontade que tende a substituir a decrepita e pernicioso dynastia de Bragança, com as instituições que vem explorando, pelo governo republicano.

A revolução do Porto foi vencida. O partido republicano soffreu uma momentanea defeccão. A nossa bandeira pareceu querer rolar no pó.

Felizmente, porém, após o primeiro momento de desanimo veio o renascer das esperanças; o reavigorar do braço para a lucta. As iniquidades perpetradas pelos vencedores contra os vencidos vieram reaccender o odio. A incompatibilidade

entre o estado moral, mental e economico do paiz e as instituições vigentes evidenciou-se ainda mais.

Hoje nós recordemo-nos: dos nossos mortos, dos deportados, dos presos, dos exilados; vemos a honra e o talento perseguidos e o roubo galardoados...

Poderão esperar que desarmemos em tal situação?... Não pôde ser. E' por isso que a nossa commemoração de hoje representa um protesto e uma promessa, mais do que um sentimento de saudade.

Cadeia do Limoeiro.

Heliodoro Salgado.

Pelos vencidos!...

**O** PARTIDO republicano portuguez não tem «uma historia curta e grave» — como erradamente o disse, em pleno parlamento, um dos modernos e decabidos serventurios da monarchia: tem apenas uma longa historia de propaganda e de sacrificios, de affirmações e de lucta em prol do seu ideal politico.

Os processos de imprensa, as perseguições, as leis de excepção, as penas correctoriaes e os longos mezes de carcere, não os devessem tomar por medidas recentes de repressão, vem já muito de traz, e attestam á luz da mais severa critica, que o partido republicano, flagellado sempre pela guerra traiçoeira e desleal dos partidos monarchicos, nunca abateu bandeiras, nunca se submetteu, apezar de perseguido e ultrajado. Os acontecimentos que se deram no Porto na manhã de 31 de janeiro de 91 corroboram isto mesmo. Os vencidos d'aquella memoravel refrega lavraram, então, o protesto mais vigoroso e mais audaz que era dado oppôr ás iniquidades e aos desvarios da politica monarchica. Fosse falto d'acção, fosse mal planeado, fosse mal succedido, o que é facto é que o movimento de 31 de janeiro representou um grito tão alto de indignação, que ainda hoje os seus eccos estão accordando toda a sociedade portugueza...

Pois que foi a revolução de janeiro senão um esforço de revivescencia d'um povo que se vê perdido, ao cabo de 50 annos de constitucionalismo, com os seus primeiros homens politicos deshonorados, com os seus haveres compromettidos, numa fallencia eminente e desastrosa, sem finanças e sem liberdades, sem pão e sem garantias individuaes? Pois que foi a revolução de janeiro senão o grito alarmante d'um grupo de homens, resolutos e patriotas, que, nada tendo a esperar já dos dirigentes monarchicos, appellam para novas instituições, servidas com novos homens, na esperança de salvarem a patria da invasão estrangeira e da tutela ignominiosa dos credores inexoraveis? Pois que foi a revolução de janeiro senão o simples corollario das viciosas administrações que têm presidido ha meio seculo aos destinos d'este paiz?

Houve erro, e quiçá leviandades no movimento; o que todavia, não faltou foi patriotismo e abnegação no peito d'aquelles valentes que a monarchia se gabou momentaneamente de ter vencido, e que a nação está hoje olhando por um prisma bem differente, fazendo justiça inteira ás suas alemtadas intenções e á sua inegualavel temeridade... Levemos nós tambem aos vencidos a affirmação de que o nosso sentimento e o nosso coração estão com elles, e que é crença nossa que o leve murmúrio das suas imprecações pelo infortunio d'um dia, se converterá cedo, bem depressa, em unisono brado nacional de levantamento e redempção...

Albano Coutinho.

Resultados

**O** 31 de janeiro trouxe á suppuração a pusillanimidade e traição da burguezia rotineira e monarchica que, suppondo-se vencida, vituperou a instituição a cuja sombra engordára, applaudindo, com enthusiasmos postiços, a nova lei que parecia vingar, mas que, invertida a fortuna, depressa soube chasquear e cuspir de injurias.

O 31 de janeiro sobresaltou a realza com a idéa de exilio — leve punição do seu abuso de seculos — e deixou ver a profundidade de seu odio pelo povo, que não despertára ainda da lethargia que o abysma...

E a Historia diz que a oppressão e a injustiça são capital a ganhar juros — os quaes nem a Ordem nem a Benevolencia jámais fizeram esquecer.

Lomelino de Freitas.

DECADENCIA...

**E**m toda a lucta ha vencidos. E é do inexoravel destino, que cada passo que a humanidade avança na reivindicação dos seus direitos sociaes fique marcado com uma pegada de sangue.

Da jornada, como se diria na tragedia antiga, de 31 de janeiro um facto unico destaca que me horrorisa d'espanto e de nojo, porque me representa a politica portugueza em toda a nudez, de ventre rasgado e visceras ao léo, para quem quizer ver os estragos da syphilis e da gangrena que a mina!...

A fórma excepcional do processo e do julgamento dos vencidos radicou em mim esta persuasão solemne:

— Se hoje em Portugal não é possível resuscitar as atrocidades das antigas alçadas e os patibulos ao serviço do velho desp. tismo, não é com certeza por falta de famulos para juizes, nem de miseraveis para algozes!...

A. Gonçalves.

O 31 de Janeiro

Meus bravos generaes!...  
Vamos, espingardae, varrei-me esta canalha!  
Querem mais luz? prisão; querem mais pão? metralha!

D'UM PORTA CONTEMPORANEO.

**E**oi assim que se abafou o primeiro impulso da alma nacional; foi assim que se suffocou na garganta d'um grupo de patriotas o brado angustioso de — justiça — foi assim que se respondeu a quem de boa fé pretendia levantar o paiz do seu abatimento; foi assim que se respeitaram os direitos do povo em uma nação livre!

Sabia elle perfeitamente que tinha o direito de escolher os homens que o haviam de governar, mas ignorava por completo que houvesse alguém capaz de responder com — metralha — a uma reclamação justa.

O coração do paiz pulsava opprimido por mil affrontas, e o seu velho manto de guerreiro estava retalhado aos pés da Inglaterra.

Quem nos salvaria da mais horrivel das vergonhas? O governo, com os seus palliativos e temores, ou o povo energico e viril?

Mas o povo o eterno pária, não lhe é licito amar a sua patria, porque esse amor é classificado de traição.

A virtude civica é um crime, ou era-o ainda ha pouco para uma turba que grunhia em volta do throno.

E essa pleiade de criminosos, depois de ter feito com a Inglaterra os tratados para nós mais humilhantes, vae locupletar-se fazendo moeda falsa e assaltando os cofres do estado.

E muitos d'elles foram os que gritaram: — prisão para os vencidos de janeiro, desterro para os patriotas, calabouço para os amigos da luz e da verdade!

E a prisão que tinha sido feita para castigo do crime, converteu-se em instrumento torturador da virtude, e as areias adustas do deserto africano humedeceram-se com as lagrimas dos mais dilectos filhos da patria, e nas masmorras putridas, infectas, foram amontoados promiscuamente cidadãos e assassinos, emquanto á porta do paço havia alguém que gritava para as guardas:

— Vamos, espingardae, varrei-me esta canalha!  
Querem mais luz? prisão; querem mais pão? metralha.

Cale-se a voz do Portugal muribundo sobre o leito de Camões!...

A tua sorte, oh reino! é similhante á do cantor das tuas glorias!

Nos dias da tua juventude sulcaste os mares e araste as campinas do oceano; pelejaste com denodo na India e foste grande nas tuas emprezas e dominios; mas o manto que era symbolo d'esse poderio esfarrapou-se, e os bandidos levaram d'elle cada qual o seu pedaço.

Hoje nada mais te resta de que a miseravel enxerga d'um hospital devida á philantropia estrangeira.

E a tua prole, talvez não esteja longe o dia em que ha de ouvir da bocca do usurario:

— Tu és canalha vil que vens pedir prisão, E's infima ralé descalça quasi nu; Quem não tem dinheiro para mercar um pão, Sustenta-se das podridões qu'encontra pela rua.

Padre Domingos Antonio Guerreiro.

Gloria aos vencidos

**M**uitos morreram: cobre-os hoje a terra da patria que amaram tanto e que tingiram com o proprio sangue. Ajoelhemos sobre este tumulo que a historia ha de juncar de louros.

Não nos é permittido chorar. As lagrimas fizeram-se para se verter sobre a sepultura das creanças e das mulheres. Pelos valentes não se chora, vingam-se.

Aqui só nos é licito tirar o chapéu e dobrar o joelho respeitoso, prometendo mais uma vez á propria consciencia que o nosso dever será cumprido.....

Coimbra, janeiro de 1892.

Silvestre Falcão.

VÆ VICTIS!

**O**JE 31 de janeiro, dia de tristes recordações para os democratas portuguezes, faz um anno que na liberal cidade do Porto se deu, num arranco de protesto contra todos os desperdicios, provindos das más administrações, que de tão desastrosas consequencias têm sido causa, uma lamentavel revolução de caracter republicano.

Este movimento revolucionario teve a actual-o alem da razão apontada outros motivos: o conflicto luso-britannico viera ferir a alma dos portuguezes no seu amor proprio, produzindo então, como que numa conflagração geral, aquella effervescencia popular, que fez saber ás outras nações que não eramos um povo morto; além d'isto estavam fechadas, em virtude d'uma lei que ainda infelizmente vigora, as valvulas dos desabafos, suffocando as vozes dos que pediam boa administração e moralidade na politica, como início para a regeneração e levantamento moral de Portugal.

O nosso espirito, diga-se de passagem, não pode na verdade conformar-se com os processos, em que seja necessario empregar a violencia; e, quanto á imprensa, estamos longe de applaudir todas as phrasas desordenadas de ataque, mas achamos que o meio mais louvavel de as destruir está em proclamar medidas de moralidade, liberdade e instrução, e de forma alguma em encarcerar os jornalistas, fazendo-lhes tambem pagar grossas quantias — tudo isto para expiação da sua enorme culpa!

Estavam pois os espiritos fortemente excitados por todas as desgraçadas occorrencias, quando rebentou no Porto a revolução. Foi na verdade um acontecimento tristissimo... Mas os homens que arriscaram a sua vida, impulsionados pelo vehemente desejo de melhorar o estado de Portugal, esses homens que em momentos de exaltação se revoltaram, sentindo a abraçar-lhes o peito a chamma do amor patrio, são dignos das nossas mais vivas sympathias. E o que mais tem tornado merecedores da estima dos portuguezes os infelizes vencidos de 31 de janeiro é certamente o que depois d'esse dia lhes tem acontecido. Ha um anno que um grande numero de soffrimentos de toda a qualidade tem atormentado os nossos compatriotas, estando uns nas prisões, supportando outros as agruras do exilio, jazendo alguns em navios de guerra e na penitenciaria, passando uma grande parte dos revoltosos duras provações no degredo — todos separados das suas familias, dos seus amigos, fóra do conforto dos seus!

Não seria já tempo de dar por findos tantos martyrios, concedendo uma ampla amnistia a todos os criminosos politicos, embora estes pela sua magnanimidade não a pecam, nem a esperem?

Infelizmente os governos até hoje não tem pensado em aconselhar ao sr. D. Carlos o que todas as pessoas de bom coração aneiam. Sentimos que os personagens que tem formado os diversos ministerios depois de 31 de janeiro não são inspirados pelas santas doutrinas evangelicas, porque se o fossem, certamente o seu espirito christão não lhes permitiria que continuassem no poder sem haverem conseguido por uma acção santa, salutar e benefica a amnistia desejada por todos os portuguezes.

Se por uma circumstancia qualquer nos encontrassemos na presença do sr. D. Carlos, dir-lhe-iamos respeitosamente, com a franqueza e sinceridade, que são caracteres da nossa alma: «senhor! não tendes diante de vós um apologista de vaidades e dos grandes luxos que corrompem a alma e estragam o corpo, nem tão pouco um defensor de direitos que a razão não acceta e que são causa de grandes males, mas sim uma pessoa que, na obscuridade em que vive, almeja pela regeneração do povo portuguez, combatendo pela espiritualidade religiosa, liberdade e illustração de todas as familias, que constituem a grande nação portugueza. Não somos nem por sombras vosso inimigo; desejamo'-vos todas aquellas venturas que nascem d'uma consciencia tranquilla e d'um coração christãmente recto, o que é a melhor felicidade que podemos adquirir nesta vida. Na nossa franqueza tomamos a liberdade de vos pedir que sejas benevolo para com aquelles, que pela politica se acham incriminados, e recebereis certamente por esse acto justo as bençãos de Deus»

Seria assim que desassombradamente falaríamos a S. M., e com certeza mostraríamos nestas palavras que o consideramos mais do que aquelles que procuram agradar-lhe por meio de lisonjas, num estado de servilismo vergonhoso e com o coração cheio de má fé, de odio, e de hypocrisia.

Joaquim dos Santos Figueiredo.

À HORA DA LUCTA

-aos REVOLUCIONARIOS DO PORTO

Os ceus se vão tingindo de aurea luz.  
Luminosa refule a nova aurora  
Vae a nação descida ser da cruz  
á mão da Liberdade redemptora.

E, sacudindo os idolos por terra,  
ella ha de annunciar um credo novo,  
e desatar as coleras da guerra,  
armando heroicamente a mão do povo.

Vem pois, oh! Liberdade gloriosa!  
que scintile no ceu, alva e formosa  
da tua face sorridente a luz!...

Amordaça afinal o despotismo!  
Redime o povo num lustral baptismo!  
e prega a Realeza numa cruz!

31 de janeiro de 1891.

HELIODORO SALGADO.

TAVARES GOUTINHO

**E** certamente o exilado Tavares Coutinho, de entre todos os vencidos, o que mais tem soffrido.

Tendo-se batido como um heroe nas ruas do Porto, supporta hoje nas enxovias de Santander com uma verdadeira resignação de martyr as prepotencias do governo hespanhol.

Nunca resistiu a mais duras provas a convicção d'um homem! Sem dinheiro, sem recursos, quasi sem pão, o joven republicano, depois de assistir no Porto á violação sangrenta dos seus ideaes, foi encontrar em Hespanha uma perseguição odiosa, que, parecendo um prolongamento da perseguição de cá, o condemnou, apezar da provada evidencia da sua inculpabilidade, da certeza irrefragavel da sua innocencia, a 8 annos e um dia de presidio.

Francamente: este facto, que o rasgado espirito d'estas alturas do século não permite, se nos subjugava com uma vaga tristeza indefinida e dolorosa, também é certo que provoca na alma de toda a gente honesta um tão grande sentimento de repulção e odio, que bem explicáveis se mostram todos os violentos exaggeros que são o apañagio das grandes liquidações.

Que um homem seja perseguido com uma pena tão brutal, como a que está soffrendo o meu desditoso amigo Tavares Coutinho, pelo facto de se haver escripto um *suelto*, ainda que aspero, sobre uma scena d'amores galantes do requintado mundanismo de Afonso XII é um absurdo de tal fórma monstruoso que em face d'elle a intelligencia fica attonita.

Mas que se cortem todas as esperanças, todas as illusões, todos os sonhos a esse pobre rapaz que irá viver a sua mocidade no fundo d'um carcere, depois de se saber que elle nenhuma responsabilidade tem em tal *suelto* — *suelto* que não escreveu, que não inspirou, cuja publicação não auctorizou, — é um acto de tão repugnante violencia, que constituirá a condemnação formal de quem o praticar e o opprobrio eterno do povo que o permittir.

Ah! mas que importa? Os thronos sustentam-se assim. Repellidos pela consciencia, sem allicerces no espirito dos povos, em conflicto com as ideias do século, batidos pelo vento da liberdade que em rajadas cyclopicas vem soprando, periclitantes, alluindo, procuram a força que lhes fallece no soffrimento dos mais.

Que importa que corações aos milhares deixem de palpar no fundo dos carceres, e que consciencias sem numero sejam abafadas pela Violencia?

Tinha graça: os que recebem a sua inspiração de Deus e o seu poder do nascimento importarem-se com as dores reconditas e tenazes que se revolvem no espirito dos homens, ou com os fremitos de independencia que fazem estremecer a alma dos povos...

Quem quizer que socegue e que se cale. Se não, a cadeia é uma forte jaula para conter feras, e a terra do degredo tem as febres devoradoras e a fome para suffocar na garganta a voz de quem protesta. Assim o comprehende muita gente.

Ha annos estabeleceu-se uma lenda rescedente e sympathica em volta da actual rainha de Hespanha. Ella era pura, generosa, casta. Tinha para tudo o que fosse infeliz e desgraçado um sorriso de perdão e um olhar de clemencia. D'um caracter affavel, seduzia com todo o poder resplandecente da sua alma amorosa.

O povo hespanhol, cavalheiroso e impressionavel, acreditou em parte, e muita gente suppoz que o leão revolucionario que por essa epocha se contorcia indomito, affagado pela mão fidalga de D. Christina, se lhe deitara aos pés, deixando de soltar, espumante de raiva, os seus rugidos pavorosos.

Afinal, como era de crêr, nem o leão fôra domado, nem os perdões da princeza, ensaiados entre bastidores, eram mais do que a tradução *politica* dos receios que invadiam a viúva de Afonso XII, ao ver tremelicante a corôa de Hespanha sobre a cabeça do rei *nino*.

Os perdões, as bondades, as magnanimidades d'essa senhora, foram simplesmente de apparato, de espavento, como convem a um vasto palco e a uma plateia immensa em grande parte inconsciente. O tempo desenganou os ingenuos e paralysoo o braço aos incensadores. Por isso inequalavelmente ingenua é a hypothese, aventada ha dias por um jornal portuguez, de que a rainha de Hespanha *perdoará* a Tavares Coutinho.

Engano! Se elle fosse um assassino talvez! Mas é um republicano, e a elles não ha na Hespanha quem *perdoe* ainda mesmo quando estão innocentes.

E assim o corajoso moço terá de esperar para a sua libertação que na Peninsula estale a convulsão, que é uma fatalidade sociologica e será o resultado infalivel da orientação dos dois povos.

Só então, quando os braços revolve-rem a corrente escumosa de sangue, e quando a lama das ruas se transformar em labareda, — só então, é que Tavares Cou-

tinho que está innocente, provavelmente innocente, indubitavelmente innocente, poderá sahir da escuridão do seu presidio!

Sendo o dia 31 de janeiro o dia consagrado aos Vencidos do Porto, eu escolhi como representante d'elles, perante as minhas sympathias e a minha admiração, aquelle que é um dos que tem padecido mais, e o que é d'entre todos o maior martyr.

Seu collega, seu camarada, seu amigo, não quero deixar passar esta data funebre sem lhe enviar d'aqui, de tão longe, duas palavras de inalteravel sympathia e profundissima amizade.

Privado da liberdade, sem recursos de especie alguma, que receba ao menos as palavras amigas d'aquelles que pertencem ao mesmo partido que elle tão nobremente e desinteressadamente tem servido.

E oxalá que elle, pobre martyr resignado, tenha para paga de todos os soffrimentos que lentamente os seus perseguidores lhe tem instillado, ao menos, (ao menos, bom Deus!) um dia de triumpho em toda a linha!

Em toda a linha...

Antonio José d'Almeida.



### AOS VENCIDOS!

de lagrimas e de sorrisos para os republicanos portuguezes a ephemeridade de hoje.

Um anno é volvido que nas ruas do Porto se estorceram, em heroicas convulsões, filhos-martyres d'uma ideia que não vingou. Foi alli que se levantou, voz em grita, o primeiro alarme contra o existente; foi alli que a alvorada democratica despontou rebrilhante, para logo de tropel ser ofuscada pela nuvem da prepotencia selvagem!

Que de sensações se avolumam no nosso espirito ao tocar esta data que desdobra duas etapas differentes: uma optima, o desabrochar d'uma ideia, outra pessima, o seu occaso funereo: uma apothose e um calvario; uma estrella e uma nuvem; um sol primaveril e uma borrasca de dezembro!

31 de janeiro! Alvoreceste ás tangencias febris da «Portugueza», e calhiste ao sussurrar formidando da metralha!

O 31 de janeiro é a pia baptismal do revolucionarismo republicano portuguez. E' alli que temos de beber, na hora santa da transformação que se avizinha, o alento necessario nas horas dificeis das transições politicas. E' na Revolução de janeiro, violenta rajada de odio sobre a caducidade existente, que se incarnam as nossas aspirações de justiça. E' d'alli que nos ha de vir, em brisa melancolica do dever, a pujança inherente a todas as almas que se revoltam...

Os tribunaes de Leixões espancaram o direito das gentes condemnando os insurreccionados. E' ilegislavel o direito de insurreição por isso que é da propria natureza humana. Estabelecida a equaldade do genero humano, é opprobriosa a auctoridade. A rebelião do povo pelo povo é a summula de todos os direitos encimando a magestade de todos os deveres. O povo é soberano e a sua soberania legisla-lhe estes direitos.

Mas, não; nem todos os espiritos concebem este doutrinarismo; os que, embotados pela auctoridade, nada atingem senão o que seja manutención. Neste tope, buzina a Ordem. A Ordem é a causa e o effeito de todas as infamias, é o alpha e o omega de todas as injustiças, é o principio e o fim de todos os ultrages anti-humanos. Assassina-se em nome da Ordem, rouba-se em nome da Ordem, tudo se pretexta em nome da Ordem...

...e foi em nome da Ordem que se empurraram para as furnas da Africa centenares de heroes; foi em nome da Ordem que se atulharam as cadeias de martyres; é em nome da Ordem que se conservam no homisio muitos valentes vencidos...

A Ordem! A Ordem!

Fizeram aquillo, os tribunaes de Leixões. E as vagas espumosas do oceano não beberam os chavecos transformados em tribunaes oscillantes! Repugnancia: Cuspiram-os!

Embora! O mappa de todo esse martyriologio é o nosso *Flos Sanctorum*. Não tinhamos religião; encontramos esta, a mais sagrada de todas. Entre Revolução de Janeiro e Religião de Janeiro, pequena differença. Não ha santo que emparelhe com um alferes spartano; não ha apostolo que se perfilhe com João Chagas! Qualquer luctador de janeiro vale mil Ignacios de Loyolla! O Porto vale bem Roma!

Vós todos! — ó almas generosas, ó corações vibrantes de amor, ó veneraveis arautos da Idéa: — é a vos que consagramos a ardencia inconvertivel da nossa fé! E' a vos que hoje adressamos, num sopro d'agua, mixto de alegria e de dôr, a effusão expansiva da nossa alma republicana!

Ao exilio! á Africa! ás cadeias! Vae, sopra! Leva a cada victima o abraço colossal do nosso sentir! Vae!

Teixeira de Brito.



### Espetadas

#### À CERTA!!!

Quando o povo, a vil gentalha, entrar ovante na liça e ao estampido da metralha desvendar nossa justiça...

Hão de tremer os traidores, a córte... E o candieiro punirá os vencedores de 31 de janeiro!

Então o bello burguez, ao encontrar-me de novo, repetirá outra vez, ouviu: — «Eu cá sou do povo; ha muito, ha muito anno que eu era republicano!»

E' que tinha a consciencia vendida á conveniencia!

FINTA-ROXA



### Miserias!...

Um anno é passado depois da revolução do Porto — suffocada pela arteirice dos realistas, vencida pelo interesse dos aulicos — e ahi vemos á luz do sol toda a crapula, toda a devassidão d'um poder e d'um systema, firmado pelas baionetas pretorianas e pelos *ukazes* de burlescos dictadores.

Os monarchicos diffamaram os heroes de 31 de janeiro e após um anno, os diffamadores caem nas mãos das justiças, cobertos da ignominiosa accusação de assaltarem os cofres de bancos e companhias, a par dos do thesouro publico!

Mas elles ahi estão livres: a assoalharem as suas casacas; a arrastarem pelas calçadas das ruas as suas carruagens; fazendo brilhar, no peito, os *crachás* que os enobrecem e lhe dão fóros de impunidade; — em quanto gente honrada, digna, de convicções puras, almas abertas ao bem da Patria e do povo, se estorcem nas prisões, se definham no degredo, se mortificam no exilio!

Grande exemplo de moralidade nos dá a justiça e a lei d'este poiz!...

E não havemos de saudar este grande dia, dia em que o povo do norte despertou para a lucta de principios, para a lucta d'um credo sacrosanto, que tem impresso em letras de fogo a equaldade dos homens, a liberdade da patria, a fraternidade dos povos.

Não se me esvae a esperanca, não se me esvae a crença de que a minha patria

ha de ser feliz, no dia em que a justiça popular, julgar na praça publica, os reus provados de leza-democracia, todos em fim que têm collaborado e contribuido para a miseria do povo e para a desgraça d'este velho Portugal.

O anno de 91 f i o prologo de grandes successos. Estamos em vespas de 93... A Franca ha de festejar, e com ella toda a humanidade, o centenario da emancipação do povo, a libertação da tutella do direito divino.

Curvemo nos perante os vencidos.

Pedro Cardoso.



### O defensor de João Chagas

Publicamos os extractos mais importantes da celebre carta publicada na imprensa pelo famigerado Lopo Vaz, auctor da lei das rolhas, ministro que ha semanas deixou o poder, sem reparar a injustiça flagrante que veio delatar em publico.

«Em resumo, pôde concluir-se como collario do que deixo exposto:

«1.º Que a sentença fez errada applicação da lei, julgando applicavel ao sr. João Chagas o n.º 2, do art. 104 em lugar do n.º 3 do mesmo artigo;

«2.º Que, apesar de ter attenuado a pena de modo a não exceder a do n.º 3, a illegalidade subsiste do mesmo modo, porque a attenuação tem de ser considerada em relação ao maximo da pena applicavel, e ha uma differença consideravel, nada menos de 4 annos de prisão cellular ou 10 de degredo entre os maximos d'aquellas duas penas;

«3.º Que, ainda quando houvesse o erro de copia ou de impressão, a que acima me referi, a applicação da pena do n.º 3, do art. 104 no seu maximo teria sido illegal, como expressamente contraria a disposição do art. 30 e outros do codigo penal;

«Parece-me, pois, incontestavel que em qualquer dos casos foi infringida a lei na applicação da pena, havendo um erro judiciario. O erro judiciario não consiste só em condemnar um innocente, consiste também em condemnar um delinquente em pena mais grave do que a designada na lei.

«Não entrarei na apreciação da conveniencia ou inconveniencia de se exercer o direito de graça em nome da clemencia em favor dos implicados nos acontecimentos de 31 de janeiro, porque seria tratar um assumpto politico extranho á natureza meramente juridica d'esta exposição; guardarei também neste momento prudente reserva sobre se pelo mesmo processo devem ser corrigidas algumas injustiças relativas, commettidas dentro do arbitrio permittido pela lei, caso o não sejam pelo tribunal superior, mas affirmo francamente a minha opinião de que os ministros responsaveis não devem, nem podem hesitar em propôr a commutação de uma pena que foi fixada pela sentença com infracção de lei em prejuizo do delinquente, ainda mesmo que por acaso entendessem que era inoportuno o exercicio do poder moderador em nome da clemencia. Um dos mais bellos predicados das instituições que nos regem, é sem duvida aquelle pelo qual se podem ainda remediar injustiças e sanar illegalidades, quando os tribunaes já não podem ter competencia para isso, sem se dar logar aos perigos, que occasionaria o direito de ampla revisão de sentenças, destruindo a certeza do caso julgado.

«Pol-o em acção para este fim é *fazer justiça*, e firmar o prestigio das instituições, remediando por um dos poderes politicos o mal que por outro poder não foi evitado.»

Esses periodos que ahi ficam, a attestar o cynismo d'um ex-ministro d'estado, são o protesto mais violento que se poderia lavrar contra os julgadores de João Chagas, o mais energico jornalista da presente geração.

Nessa carta, firmada pelo punho do assassino das liberdades publicas, está a defeza do novel jornalista, que soube luctar, que soube chamar a si o odio da realza, conquistando porisso as sympathias d'um povo inteiro, que o admira, que tem por elle a consagração da estima.

O *Alarme* publicanão o seu retrato, presta assim inteira homenagem ao vencido da lei, do direito e da liberdade.

# OS MARTYRES DA REPUBLICA

## Cidadãos pronunciados que se acham no exílio

Bacharel Augusto Manoel Alves da Veiga, bacharel Antonio José Claro, José Ferreira Gonçalves, Antonio José Fernandes, Joaquim Antunes Leitão, José Lopes Quintella, José Pereira de Sampaio, Antonio Pinto d'Almeida, Bazilio Telles, Augusto Carlos dos Santos, Francisco Fernandes de Sousa Paula, Costa Breyder, Manoel Pinto Canedo, Manoel da Rocha e Carlos Ferraz.

## Cidadãos capturados para simples averiguação e soltos depois

Bernardino Ferreira de Mattos, Manoel Pintodos Santos, Anselmo Ferreira Duarte, Joaquim Alves dos Reis, Antonio Ramalho, Joaquim A. Borges da Motta, Manoel José Gonçalves, Antonio de Moraes Pereira de Mesquita, João d'Almeida Serra Junior, Valentim Pinto Ferreira, José Cardoso da Cunha Coimbra, Domingos da Rocha Moreira, Antonio Maria Malva do Valle, Antonio Azevedo Guimarães, Manoel d'Almeida Pereira, Hypolito Correia da Silva, Antonio Luiz Vicente, Antonio Pinto da Rocha, Joaquim d'Azevedo Albuquerque, Manoel Rodrigues da Silva, Manoel Alves, Augusto Nogueira Correia, Pedro José Lima, Pedro d'Alcantara, Manoel Joaquim Sequeira, Antonio Rodrigues, Joaquim Martins, Antonio José da Rocha, Francisco Maria Fontão, Julio Pinto da Motta, Joaquim Ramos Vieira e José Gomes da Silva.

## Cidadãos presos como implicados que foram enviados ao tribunal competente

João Chrysostomo de Novaes, facultativo naval do quadro de Angola, preso por assistir a reuniões preparatorias da revolta.

Manoel Augusto Gomes de Faria, aspirante a facultativo naval, por haver entrado na corveta *Sagres* para aliciar a guarnição e tomar depois o seu commando.

Antonio Maria Pinto, estudante do quarto anno da escola medico-cirurgica do Porto, por ter entrado na corveta *Sagres* para aliciar a guarnição.

José Alves da Silva Cruz, por aliciar sargentos.

Antonio de Moraes, por permittir em sua casa reuniões de sargentos da corveta *Sagres* e da guarda fiscal, e d'alguns estudantes.

## Cidadãos militares que responderam a conselhos de guerra

Henrique José dos Santos Cardoso, Miguel Henriques Verdial, Joaquim Felizardo de Lima Pereira da Silva, Dionysio Ferreira dos Santos Silva, dr. João Paes Pinto (abade de S. Nicolau), Eduardo de Sousa, Joaquim José Amoinha Lopes, Joaquim Thomaz de Brito, Manoel Joaquim Barbosa Junior, Domingos José Francisco de Alvarim Pimenta, José Maria Durão, Manoel Pereira da Costa, Clemente Gomes Alves, José Soares das Neves, Jeronymo Pinto de Moura, Joaquim Pinto de Vasconcellos, Aurelio da Paz dos Reis, José Cervaes y Rodriguez, Domingo Feito y Saenz, tenente em disponibilidade Francisco Manoel Homem Christo, João Pinheiro Chagas e Luiz Augusto Simões d'Almeida.

Caçadores 9: — 1.ª companhia do 1.º batalhão — José Dias da Silva, soldado; Manoel Martins, aprendiz de muzica; Manoel da Silva Nunes, 2.º sargento; Antonio José da Silva, 1.º cabo; João, 2.º cabo; Alvaro, 2.º cabo; Alfredo Teixeira Velludo, 2.º cabo;

Manoel José Ribeiro, soldado; Gallileu Henrique Pinto Moreira, 1.º cabo; Manoel Fernandes, soldado; Eduardo Ferreira, soldado; José Moreira, soldado; Antonio João Ferreira, soldado; Manoel Pereira, soldado; Domingos, soldado; Manoel d'Oliveira, soldado; Victor Vicente Barbosa, soldado; Custodio Xavier Ferreira, musico de 1.ª classe; Adriano Leão, musico de 2.ª; Manoel Pereira Saldanha, musico de 3.ª; Alfredo Rodrigues, musico de 3.ª; José da Rocha, aprendiz de musica; Antonio Soares Ferreira Junior, aprendiz de musica.

2.ª companhia do 1.º batalhão — Abilio Francisco de Jesus, 1.º sargento; José de Castro Silva, 2.º sargento; José Patricio, 1.º cabo; João Gonçalves, 2.º cabo; Maximiano, soldado; Eduardo, soldado; José Afonso 1.º cabo; José, soldado; Jacintho, soldado; Manoel dos Santos Lima, soldado; Augusto, soldado; Manoel, soldado; Antonio dos Santos, soldado.

3.ª companhia do 1.º batalhão — Augusto Moura, 1.º cabo; Antonio da Rocha, 1.º cabo; Joaquim da Costa Monteiro, 2.º cabo; Joaquim, 2.º cabo; Adolpho Antonio da Silva, soldado; Joaquim Vieira da Silva Leitão, soldado; Manoel da Silva, soldado; Augusto Ferreira da Silva Fragateiro Junior, soldado; Antonio, soldado; Crispim, soldado; Joaquim, soldado; Manoel, soldado; Bernardo Pinto da Silva Santos, corneteiro; Joaquim Lopes de Sá, soldado.

4.ª companhia do 1.º batalhão — Victorino, 2.º cabo; Miguel Ferreira da Silva, soldado; José Dias Cobiça, soldado; Joaquim Ferreira da Costa, soldado; Serafim Antonio dos Santos, soldado; José Rodrigues, soldado; Salvador da Silva, soldado; Antonio Guedes, soldado; Antonio Gomes, soldado; José, soldado; Alexandre Moreira, soldado; Armando Augusto d'Azevedo Brandão, soldado; João Alves dos Reis, soldado; Vicente, soldado; José d'Oliveira Benfeito, 1.º cabo; Jacintho Duarte, corneteiro; Eduardo dos Reis, corneteiro; Manoel Rosa Pinto d'Almeida, 1.º cabo; Arthur Alberto Carneiro Ribeiro de Sa, 1.º cabo.

1.ª companhia do 2.º batalhão — Francisco dos Santos Videira, 1.º cabo; Joaquim Dias Coelho, 1.º cabo; Victorino Dias Leite, 1.º cabo; Valentim Ribeiro Pinto, 1.º cabo; Augusto Armando Dias da Costa, 1.º cabo; José dos Santos Baptista, 2.º cabo; João da Silva Gomes, 2.º cabo; Albino Gonçalves Rodrigues, soldado; João Francisco de Barros, soldado; José da Silva, soldado; Antonio Ferreira, soldado; Antonio Pinto, soldado; Joaquim Marques Pinto, soldado; Augusto Domingues Pedrosa, soldado; Antonio Rodrigues Cardoso, soldado; Agostinho José Garcia, soldado; Albino Teixeira, contra-mestre de corneteiros,

2.ª companhia do 2.º batalhão — Antonio Pedro da Cruz Braga, 1.º cabo; Florindo Joaquim da Silva Belleza, 1.º cabo; Manoel da Costa, 1.º cabo; Manoel Ribeiro Gomes, 1.º cabo; Amaro Coelho Ramalho, 2.º cabo; Frederico, soldado; Alfredo Thomaz dos Reis, soldado; Manoel, soldado; Domingos Heitor, soldado; Henrique Domingues, soldado; Domingos Leite, soldado; José Carvalho, soldado; Manoel de Sousa, corneteiro.

3.ª companhia do 2.º batalhão — Antonio, 1.º cabo; Joaquim Ferreira da Costa Junior, 2.º cabo; José Martins, 2.º cabo; Antonio dos Santos Araujo, 2.º cabo; Joaquim, soldado; José Francisco da Silva, soldado; José, soldado; Antonio Ferreira Dias, soldado; Albino Dias de Pinho, soldado; Manoel Alves Ferreira, soldado,

4.ª companhia do 2.º batalhão — Joaquim Antonio, soldado; Eduardo

Julio Reis, 2.º cabo; Bento, 2.º cabo; Francisco Antonio Marques, soldado; Antonio Filippe de Castro, soldado; Antonio Fragoso Pereira, soldado; Manoel Dias Rezende, soldado; Manoel d'Oliveira, soldado; José Pinto da Silva, soldado; José Dias de Pinho, soldado; Antonio Caseiro, soldado; Domingos Canedo, soldado; Antonio Alves Tavares, soldado; Joaquim Leite da Silva, soldado, Manoel Augusto de Lima, soldado, Luciano da Rocha, soldado; Antonio d'Oliveira, soldado; Candido Ferreira, soldado; Duarte João de Sousa Vaz, aprendiz de corneteiro.

Districto de Reserva: 3.º batalhão — Joaquim Antunes Galho, 2.º sargento; Jeronymo de Moraes, soldado.

Infanteria 10. — Capitão, Antonio do Amaral Leitão; tenente, Manoel Maria Coelho; 1.º sargentos, Joaquim Bernardo Pinheiro, Augusto Raymundo de Carvalho, João Nunes Fojgado, José Coelho d'Almeida e Thadeu Gonçalves de Freitas; 2.º sargentos, Antonio Pinto Villela, Antonio Maria, Luiz Carlos Correia Mendes e Augusto Maria Rodrigues da Silva; musicos de 1.ª classe, Eduardo da Silva e José Silverio; musicos de 2.ª classe, Manoel Diogo Capello, Manoel Correia e Eduardo Correia; musicos de 3.ª classe, Eduardo Augusto Fortuna, José Carlos Saraiva, Jayme Eduardo Lopes, José Joaquim da Rocha, Augusto Rebelo e Aurelio Correia da Silva; aprendizes de musica, Augusto Cesar da Costa Rebelo, João Sociro, José Nunes do Nascimento, Antonio Nogueira e José Ribeiro; mestre de corneteiros, Augusto Casimiro; correiro, Joaquim Gomes Texugo; espingardeiro, Albino Pacheco de Almeida; 1.º cabos; José da Cruz Lopes, Manoel Maria, Jordão dos Santos Pereira, Antonio José de Sousa Magalhães Junior, Ernesto Pinheiro Torres, Julio Soares Duarte Fragaço, João, Joaquim Alves Teixeira Pinto, Thomaz Bastos, Joaquim José Martins, Francisco Antonio Teixeira, Raymundo José Maria, José Caetano, Manoel, Antonio, Antonio Teixeira Barbosa da Silva, José de Oliveira, Albino Martins da Silva, Justino, Gil do Pranto e Luiz Antonio de Oliveira; 2.º cabos, Antonio Mancellos e José Bernardo; soldados; José Joaquim d'Oliveira, Antonio (1:176), Antonio (1:178), Antonio José dos Reis, Serafim da Costa Alves Ribeiro, Manoel Nunes Ferreira, Jacintho, Antonio Francisco Balmaceda, Antonio Joaquim, Francisco Gonçalves Boia, Antonio (990), João, Carlos, Manoel Soares Maganinho, João Emilio de Matos, Antonio Ferreira, Luiz, Pedro da Rocha, José (1:074), Ignacio, Manoel (1:140), José, (949), João, Manoel (966), Gaspar Nunes Teixeira, José Barbosa, Licinio, João de Bastos, Antonio Maria de Carvalho, Manoel (1:047), José Cardoso, Fernando, João Simões Lavoura, Antonio Domingues, José (1:180), Cesar Augusto Veiga, Eugenio Henriques de Almeida Rangell, Manoel Maria, Antonio (1:139), Antonio Joaquim, Joaquim Maria Gonçalves Curado Teixeira, Antonio de Oliveira, José Fernandes, Manoel (966), Angelo da Fonseca, José Tavares, Antonio (1:095), Gaspar, José (857), Manoel Faria Machado, Antonio Moreira da Costa, Jacintho da Silva, Antonio, (912), Joaquim de Carvalho, Manoel Joaquim, José (1:086), Custodio Ferreira, Manoel Barbosa, Joaquim Tavares Coelho, Manoel Seraphim da Cruz de Carvalho, Salvador, Alfredo, Manoel (913), Manoel Maria de Rezende Pereira Cabral, Guilherme, Antonio Rodrigues Pereira, Estevão, José Mendes, Antonio Joaquim dos Santos, João, Francisco, Antonio Correia, Joaquim Gonçalves Pereira, Florindo, Augusto Ferreira,

Rozendo Innocencio, Joaquim (917), Manoel (998), Antonio, (1:099), Joaquim (1:078), Annibal Ferreira Soares, José Bernardo da Silva, Joaquim da Silva, Joaquim (938), José (774), Martinho da Silva, Francisco Amador, Julio, Salvador, Antonio (1:027), Antonio (922), Custodio Rodrigues, Domingos Cardoso, Antonio (919), Antonio Martins Ribeiro, Aurelio Augusto e Marcello de Araujo; tambores, Antonio de Carvalho, Antonio Marcelino e Alberto Joaquim Carneiro; corneteiros, José Maria, José de Ornelas, Joaquim d'Oliveira, Alfredo Fernandes Leal e Eduardo da Silva.

Infanteria 18 — 1.º sargento, Duarte A. Pinto de Azevedo Alcofado; 2.º sargentos, Antonio Pinto Gomes, Pedro Amaral Botto Machado, Hermenegildo Pereira da Silva, Joaquim Augusto Moutinho, Alexandre Theodoro de Figueiredo e Abilio Augusto de Vasconcellos Cardoso; correiro, Augusto Marques; 1.º cabos, João da Silva, Annibal A. Cardoso F. Leite da Cunha, José Tavares Coutinho, Francisco José de Moura, Antonio José da Costa, Bazilio Pereira, João Lopes da Silva e Guilherme Augusto Pereira Leite; 2.º cabo, Joaquim Alves; soldados, José da Costa, Vasco, Manoel de Paiva, Gaudencio, Joaquim Cunha, José, Pedro Francisco da Amorim, Antonio Diniz, Antonio da Silva, Joaquim (816), Antonio Devezas Prata, Joaquim (962), Manoel Martins, Arsenio da Graça e João de Silva; tambor, Joaquim Pinto Vieira.

Guarda fiscal: — batalhão n.º 3 — 1.º sargento, Guilherme Mauricio da Rocha; 2.º sargentos, Francisco Antonio Ferreira, Antonio Miranda de Barros, Emerenciano, Alfredo Augusto da Costa Rebocho, Domingos Pedro do Carmo Dias e Manoel Nunes de Pinho Junior; 1.º cabo graduado em 2.º sargento, Francisco José de Almeida; 1.º cabos, Joaquim Ribeiro, João Borges e Alvaro Alberto Fernandes; 2.º cabos graduados em 1.º, Antonio Lopes, Manoel de Sousa, José Maria Baptista Gaspar, Antonio Joaquim Dias, Antonio Joaquim, Antonio da Silva, José Joaquim Ribeiro, Manoel Cupertino, José Antonio de Almeida, José Pires, Antonio Joaquim, Francisco Ferreira de Andrade, Avelino dos Santos, Manoel Martins, Adriano Augusto, José Gomes, João Ferreira Pires, Antonio, Antonio José de Gouveia, Francisco Luiz Pereira, Bernardo José Monteiro Torres, Servando Germano, José Gonçalves Thomé, Dyonisio, Francisco José Gonçalves, Manoel Teixeira, Manoel Afonso, João José, Luiz Antonio da Cunha e Antonio de Margarida; 2.º cabos, Albino Afonso, Candido Gomes, Manoel José, José Luiz de Figueiredo, José Francisco, José Manoel, Manoel Alves, Joaquim de Moraes, Antonio da Costa Netto, Lourenço Afonso, Victorino da Cruz, Jacintho Hermenegildo e Abel Julio; soldados, José Augusto, Luiz Augusto Lobo, José da Encarnação Granada, Manoel Lameiras, Leandro Antonio Gomes, José Maria, Antonio Augusto Veiga, Francisco dos Santos, Manoel João Meirinho, José Ferreira, Manoel Joaquim, Felicio da Conceição, Antonio de Almeida, Justino, Gaspar de Sousa Cabral, José Manoel, José Alves, Antonio Joaquim, Antonio José d'Oliveira, Francisco Ferreira Banqueiro, Abel Marcelino Dias da Costa, Antonio Torres, Antonio Maria Massias, Manoel Antonio, Manoel Antonio Afonso, Bazilio Pereira, Manoel de Almeida, João Pedro Pinto, Antonio Firmiano Pereira, João Manoel, Bernardino Antonio, Manoel Fernandes, José Maria Dias, Manoel Tavares Dias, Lourenço José, Narciso Domingos de Andrade, Manoel Maria

Ribeiro, José Maria, Manoel Antonio do Nascimento, Avelino Ribeiro da Silva, Martinho de Oliveira, Francisco Antonio, Antonio Joaquim Dias, Francisco Simões, Antonio Gonçalves, Francisco José de Barros, Manoel Garcia, José Exposto, Francisco Manoel Cardoso, Domingos Rodrigues Falorca, João Baptista, Lino Alves, Pedro Barbosa, João Maria da Silva, Manoel Gomes, José Antonio do Valle, José Antonio Mairós, Guilherme Teixeira, Antonio da Silva, Manoel José da Silva, João Narciso de Figueiredo, Lucas Fernandes, Francisco Estevão, João Marques, Manoel Martins Marinho, João José Felgueiras, Joaquim Pereira, Manoel Avelino Vergueiro, Abilio Emilio, José Ferreira, Francisco Gaspar, João Manoel, Manoel, Antonio, José Maria da Cunha, Joaquim Antunes, Candido da Silva Santos, Afonso José Cardoso, Henrique Alves da Silva, Manoel Francisco, Antonio Pires, Domingos, Manoel Luiz Barbosa, Abilio Baptista, Ayres Rodrigues, João Alves, Antonio das Eiras, Manoel Pereira, Joaquim de Passos Alves, Manoel Pires Videira, Manoel Martins, José, Alfredo da Silva, Manoel José Faial, João Luiz Barbosa, Antonio Bernardino Creio, Joaquim Batalha, Domingos José Gomes, Manoel Maria Rodrigues, José Ricardo Rodrigues, Francisco de Paula, José Manoel, Manoel Joaquim, Agostinho Alves, Avelino Abel, Henrique Parente, Antonio Manoel, Lucio Ribeiro, Adelino Ferreira Rodrigues, Balthazar Augusto, Carolino dos Anjos, José Pires da Cruz, Manoel Joaquim, João Costa, João Thaden da Silva, Victorino de Assumpção, Manoel Macario, Domingos da Cunha, Antonio Augusto, José Caetano, João Manoel Gomes, José Joaquim Teixeira, Antonio Alves de Brito Manoel Antonio, Joaquim Antonio Rodrigues, Delphim Tyberio Pereira, José do Rego Monteiro, Antonio Alipio Guedes, e Silvino d'Almeida dos Santos.

2.º sargento, Jacintho da Silva.  
2.º cabos graduados em 1.º João do Carmo, e Firmiano Tavares.  
2.º cabo, Bernardo.

2.º cabo graduado em 1.º, João Nepomuceno.

Alferes de infantaria 24, Simão Jorge Trindade.

1.º sargento de infantaria 4, José Joaquim da Silva.

2.º sargentos de cavallaria 10, Audifaco de Paula Ramos; de caçadores 7, José Maria de Carvalho; de infantaria 6, Tiberio José Teixeira; de infantaria 20, João Baptista Gomes; da guarda municipal, José Pinto, Carlos Barbeitos Pinto; de infantaria 3, Joaquim Alves Vianna; de infantaria 13, Luiz Augusto Pinto Pimentel; de infantaria 20, Francisco de Azevedo Mathias.

Soldado de caçadores 2, Antonio Maria de Bento.

Tambor de infantaria 13, José Augusto da Silva.

1.º sargento da armada, Manoel Antonio da Luz.

1.º contramestre da armada, Manoel Joaquim da Cunha.

2.º contramestres da armada, Manoel Joaquim Monteiro e Clemente Gonçalves de Azevedo.

Serralheiro de 2.ª classe da armada, Manoel Francisco Peres.

2.º sargento de caçadores 7, Casimiro Augusto de Sousa.

Soldado de cavallaria 7, Martinho de Jesus.

2.º sargentos da guarda fiscal do batalhão n.º 3, Luiz Caetano de Carvalho; de infantaria 19, Alfredo Fernandes.

1.º sargento de infantaria 3, Augusto Cesar Taveira.

## Redacção e administração

LARGO DA FREIRIA

Não se restituem originaes sejam ou não publicados

Assumptos de redacção, dirigir a

Pedro Cardoso

EDITOR

Assumptos d'administração, a

Antonio Augusto dos Santos

ADMINISTRADOR



# O ALARME

Publica-se ás quintas feiras e domingos

## Condições de assignatura

(PAGA ADIANTADA)

Com estampilha	Sem estampilha
Anno... 2\$700	Anno... 2\$400
Semestre. 1\$350	Semestre. 1\$200
Trimestre 580	Trimestre 560
Avulso... 30 réis	

Anuncios (cada linha) 30 réis  
Repetições 20 réis  
Permanentes contracto especial

Anunciando-se publicações enviando um exemplar

## Agradecimento

Aos distinctos correccionarios que honraram com seus escriptos o numero do *Alarme*, commemorativo de 31 de Janeiro, deixa aqui consignado o seu reconhecimento, a redacção e administração d'este jornal.

## O esphacelamento

Chegou evidentemente a hora da extrema agonia do systema constitucional no nosso paiz. E chegou, não tanto porque o espirito publico se sente necessitado de novos ideaes, e de instituições correspondentes a esses ideaes, como, e sobretudo, porque rebentou uma grande crise de moralidade.

O roubo, a falsificação; eis o que se nos revela á ultima hora nos apaziguados do systema; eis a honra que, dos defensores desonestos, se reflecte no irresponsavel defendido!

Não é altamente significativo isto? Poderá acaso manter-se um systema firmado sobre os hombros de tão conspurcadas gentes? poderão por mais tempo continuar impondo-se, com a filancia da impunidade, os ignobeis mariolas, que depois de nos terem roubado em proveito proprio e em proveito dos amigos, arruinando-nos, ousaram suffocar-nos de chofre todas as liberdades para que os seus escandalos não pudessem cahir sob a alçada da opinião publica, e tiveram a ousadia de esperar ver a justiça transformada num simples instrumento das suas vinganças politicas, numa sacrilega cumplicidade com os seus arranjos financeiros?

Não. A consciencia publica, despertada pelo primeiro crime casualmente posto a nú, não adormecerá mais, e ha de exigir que a punição dos criminosos vá até ao fim. Ha de exigir-o. Tem direito a isso, como indemnisação da affronta que lhe tem sido feita nas miseraveis perseguições de que têm sido victimas os jornalistas honrados, que de ha muito vinham soltando o grito de alarme contra os ladrões agora descobertos.

Cada dia que chega, é mais um veu que se rasga; mais uma reputação que se esfrangalha; mais um nome que se subverte

no lodo; mais um gatuno de quem os tribunales lançam mão. E esses gatunos não são miseraveis sabidos das ultimas camadas sociaes, famintos e illetrados, mais victimas das fatalidades da sua miseria do que verdadeiros scelerados: não! os criminosos de quem estamos tratando são conselheiros, são ministros, são titulares, são banqueiros, homens da córte, homens da alta politica, homens da finança — homens indesculpaveis.

Foram elles que vieram infamemente roubar o pão destinado a acudir á necessidade dos pobres! foram elles que vieram sacrilegamente extorquir dinheiro a esta nossa pobre patria arruinada! Foram elles!... e porquê?... Para poderem ter palacios com que insultassem a vossa miseria! para poderem mobilar esses palacios com um luxo tal que amesquinhasse o vosso trabalho! para poderem dar lautos banquetes que fossem um insulto permanente á vossa fome! para que podessem ter trens, dar bailes, realisar orgias, com que mostrassem bem ao mundo a superioridade effectiva da sua vileza sobre a vossa probidade indigente!...

E estes homens faziam e desfaziam governos, iam ás festas do paço, recebiam em casa a visita das magestades, dominavam como gran-senhores.

Não é curioso tudo isto, como symptoma?...

Foi encontrado ha dias implicado num negocio de fabricação de notas falsas o sr. Mendonça Cortez, da direcção do Banco Lusitano. O sr. Mendonça Cortez é par do reino, e como tal tem um fóro especial pelo qual será julgado. Affirma-se que o sr. Cortez se desculpa, asseverando com um mixto de ingenuidade e de cynismo, que as chapas para o fabrico das notas foram feitas apenas para provar ao ministro da fazenda quão facil seria falsificar as notas de tostão!!!!!!

Nós não diremos nada sobre mais este caso. Notaremos apenas que o sr. Mendonça Cortez é um dos intimos do sr. Mariano de Carvalho; e que, no tempo em que este cavalheiro era ainda ministro da fazenda, um regedor d'uma das parochias de Lisboa, que era dos mais furiosos galopins eleitoraes do mesmo sr. Mariano, foi apanhado em flagrante delicto de passagem de notas falsas de 100 réis; que

lhe foi instaurado o devido processo; mas que, por influencia do sr. Mariano, esse processo foi sustado, a par e passo que, por ordem do mesmo sr. Mariano, os jornalistas republicanos estavam sendo perseguidos.

Nós apontámos esses casos, e deixámos ao publico a philosophia que elles encerram.

Ao publico e á justiça.

Cadeia do Limoeiro.

HELIODORO SALGADO.

## O Alarme

Em virtude dos muitos pedidos que a nossa administração tem recebido de muitos pontos do paiz, resolveu-se fazer segunda edição do numero commemorativo de 31 de janeiro.

Por estes dias poderemos satisfazer a todos os nossos correligionarios que se nos tem dirigido. A maior demora é devida a parte das paginas estarem já distribuidas tendo-se de proceder a nova composição.

## Carta de João Chagas

O illustre tribuno José do Patrocinio tencionava offerecer um banquete a João Chagas, banquete a que deviam assistir muitos membros da colonia brasileira e varios jornalistas parisienses.

Recusando numa bem pensada e eloquente carta, a honra que lhe era offerecida, eis o que o jornalista emigrado escreveu ao tribuno brasileiro:

«Meu illustre amigo.

«A despeito da sua amavel insistencia, não posso, não devo, aceitar o banquete para que hontem me convidou. A situação quanto a mim é clara. Os homens perseguidos em consequencia do movimento de 31 de janeiro têm no coração dois unicos sentimentos: o odio e a esperanza. Vivendo d'elles, alimentados por elles, a sua attitudo é a d'uma expectação austera, como a de jizes em vespera de julgar. O povo portuguez dirá, fará. Nós esperamos. Entretanto, meu amigo, no desterro, sacrificam a sua liberdade, a sua vida, companheiros nossos, os meus companheiros d'hontem; nas prisões estão honrados jornalistas, no exilio pensam na patria os meus companheiros d'hoje. Tudo isto soffre. Sobre a dôr moral ha a dôr physica. Passa-se fome. Pense nisto. Esse banquete honrava-me e envergonhava-me. Honrava-me porque era seu, meu grande irmão da lucta; envergonhava-me porque cada copo que eu levasse aos labios me saberia a amargo, ao amargo do meu exilio, mas principalmente ao amargo do exilio dos outros.

«Com grande estima e admiração.

Paris, 22 de janeiro de 1892.

João Chagas

## Horrendo!

Um trapeiro encontrou ha dias em Buda Pesth, entre uma porção de lixo, um pão de extraordinario tamanho. Partindo-o encontrou dentro os restos de uma creança que havia sido cortada em pedaços.

## Incendio

Na segunda feira manifestou-se incendio no predio da sr.ª D. Maria da Conceição Bastos, onde estava instalado: nas lojas, estabelecimento de algebebe; e nos andares os seus armazens de quinquilharias.

Os estragos ainda foram importantes, não motivados pelo fogo, mas pela agua, que muito damnificou as fazendas.

Os prejuizos do predio são insignificantes e estão a cargo da Companhia Fidelidade. Os do estabelecimento é que são importantes. Avaliaram os peritos da companhia Tranquilidade, srs. Antonio José de Moura Bastos e José Ferreira, conjunctamente com o da segurada, sr. Miguel José da Costa Braga, em 2:500\$000 réis os prejuizos havidos nas fazendas.

## Theatro-Circo

Ninguém sabe porque a auctoridade não intervem; nem a razão porque o sr. commissario nem prende nem manda dispersar os discolos que assistem todas as noites ás recitas da companhia de D. Enrique Diaz.

O circo está sendo uma praça de touros, tolerado pela auctoridade, que já perdeu o amor á ordem publica.

Uns lamechas para se mostrarem admiradores de mad. Jeuny, desatam em applausos constantes desde que esta *ecuyère* apparece na arena. Ora todos elles de equitação só percebem a differença que existe entre um rocinante e um cavallo — pelo volume.

Deu-lhes para applaudir a Jeuny, como lhes daria para se espacarem diante d'aquelle *hominho* que veste saias com os refolhos, que mostra ao dar os pulinhos sobre o cavallo.

E por que isto não é digno, é o motivo porque muitos dos espectadores não toleram os admiradores-baquos e começam por patear a Jeuny, que se vê entre a espada e a parede.

Os briosos, os mais entusiastas, já lhes atiraram as capas e as desdobraram para a sua passagem. Aquillo é pau para toda a obra. Na estação serviram para capacho da sr.ª D. Amelia; no Porto para escarradeira de collegas; no circo para piso de comediantes... A mocidade; que delirio!

Tivemos no sabbado scena de pancadaria (nas barbas do sr. Ferrão); e uma cachimonia quebrada: a do leader da *claque* a favor da Jeuny.

E já se vae para o Circo de móca. Havemos de ver ainda a navalha, para a glorificação da arte — de montar.

Os trabalhos da companhia tem agradado; nestes ultimos dias appareceu a trabalhar um artista portuguez, Jeronymo da Fonseca, que tem obtido justos applausos pelos seus difficultos e apreciaveis trabalhos de deslocação.

A alta dos preços afugenta a concorrencia e se a auctoridade não consegue manter a ordem naquella casa, os cidadãos que só vão alli por simples diversão deixam de visitar o Circo.

Porque custa a qualquer pagar o seu bilhete para ser incommodado por uns semsaborões que nos querem impingir por manifestação á arte; as diabruras de cupidos infelizes, por uma *Venus* de contrabando — que não se entrega aos guardas do fisco.

## O capitão Leitão e actor Verdial

O nosso collega a *Voz Publica* publica o seguinte telegramma enviado pela redacção da *Lucta*, do Funchal:

Funchal, 2 de fevereiro, ás 5 h. e 20 m. t. — Temos a indisivel satisfação de participar-lhes que os nossos prezadissimos correligionarios da Revolução Republicana do Porto, capitão Antonio d'Amaral Leitão e actor Miguel Verdial passaram a bordo d'um paquete, na altura das ilhas Canarias, em direcção á França. Iam de perfeita saúde.

E' grande a satisfação que sentimos por este acontecimento.

## Magnanimidade!

É do theor seguinte, num arfar esplendido de sentimentos patrioticos, a epistola que o sr. D. Carlos de Bragança dirigiu ao sr. Dias Ferreira:

«Meu caro Dias Ferreira. — Querendo eu, e toda a familia real, ser os primeiros nos sacrificios extraordinarios, que as circumstancias do thesouró impõem á nação, previno-o de que resolvemos ceder 20 por cento da nossa dotação, enquanto durar a terrivel e dolorosa crise, que actualmente atravessamos.

Creia, Dias Ferreira, que em tudo e por tudo hei de seguir a sorte da nação, á qual repulo *essencialmente* ligados os meus destinos e os da minha dynastia.

Seu afeiçoado, EL-REI.»

Se a personalidade do sr. D. Carlos fosse discutivel, ao contrario do que perceitua a Carta Constitucional, nós commentariamos rigorosamente esta cedencia. Assim, deixamos ao futuro a critica. Porque a critica ha de fazer-se, meu caro Dias Ferreira!...

## Pergunta-se...

— O governo já fez entrar nos cofres publicos as dividas do estado por direitos de mercê e outras contribuições relaxadas?

— Não!

— O governo já fez entrar na cadeia os ladrões dos cofres publicos?

— Não!

— O governo persegue os titulares falsificadores de cedulas?

— Não!

— O governo já mandou encarcerar Mariano de Carvalho, o ladrão confesso de 5:000 contos?

— Não!

Pois se o governo ainda não cumpriu estes deveres de moralidade, estes deveres de honra, com que auctoridade e com que direito vem exigir do contribuinte mais dinheiro, vem pedir á nação mais este grande sacrificio?

Mas isto não pôde ser. O povo não deve pagar os roubos dos seus governantes, sem que estes governantes sejam punidos e estejam sob a guarda da justiça.

E veem-nos pedir dinheiro?

Nunca! O povo não pode, nem deve pagar mais um real!

## Economias?

Começa o ministerio Dias Ferreira a joeirar a poeira destinada aos olhos do publico. Começa mal. Suppunha alguém, por um excesso de candura, que era novo o elixir destinado a avigorar as finanças portuguezas; mas, afinal, a charlatanice surge a todo o panno, e o que se predizia uma redempção salvadora não passa d'um tosco expediente de hric-à-brac.

Já de Mariano se dizia que seria magna a sua obra. Mariano, porém, sahio do poder sem nada fazer senão agravar mais a situação. Agora, ao entrar o neophito Oliveira Martins não faltaram corypheus a thuriferar a sua illustre competencia, peneirando os jornalheiros officiosos a esperança do resurgimento.

A desillusão foi atroz. D'onde se esperava algum expediente extraordinario, alguma nova fonte de receita que não fosse ferir interesses creados, apparece apenas mestre Oliveira Martins com uma tabella de reduções de 10 e 20 % nos ordenados dos empregados publicos! O expediente não pôde ser mais rachitico e indicativo das parcas creações imaginosas do auctor. Faz-nos lembrar aquelle pyramidal expediente do sr. Franco Castello Branco, que, precisando crear receita, encontrou logo a profunda materia de a fazer: — o imposto ou o emprestimo...

Com tão amplas creações de imaginação a ninguém seria difficil ser ministro de estado...

Seguem publicados os respectivos decretos que são um miserrimo symptoma da inaptidão ministerial.

Avaliem:

## PROPOSTA DE LEI

**Redução progressiva nos vencimentos.**  
— **Imposto adicional progressivo.**  
— **Redução de 30 p. c. nos juros da divida publica.** — **Subsidio aos estabelecimentos pios.** — **Conversão da divida externa.** — **Reforma nos serviços do estado e das corporações locais.**

Eis a proposta de lei a que se refere o relatório do sr. ministro da fazenda:

Artigo 1.º — Os ordenados, soldos e outros vencimentos por serviço activo e inactivo, qualquer que seja a sua denominação e os vencimentos dos empregados de corporações e de estabelecimentos pios, subsidiados ou não pelo thesouro, todos sujeitos a contribuição de rendimento, creada pela lei de 18 de junho de 1880, e cuja somma annual for superior a 300\$000 réis, ficam sujeitos ás taxas seguintes:

De 300\$000 réis até 500\$000 réis 5 por cento.

De 500\$000 réis até 800\$000 réis 10 por cento.

De 800\$000 réis até 1:200\$000 réis 15 por cento.

Além de 1:200\$000 réis 20 por cento.

§ 1.º Os vencimentos até 300\$000, 500\$000, 800\$000 e 1:200\$000 réis não podem ficar inferiores, respectivamente, á somma liquida de 294\$000, 475\$000, 720\$000 e 1:020\$000 réis.

§ 2.º Para a applicação de percentagem será computada a totalidade dos vencimentos que, sob qualquer denominação, for percebida por cada funcionario.

§ 3.º D'essa totalidade se deduzirá, porém, o que houver de pagar-se por direitos de mercê e quaesquer outras imposições legaes, não comprehendendo tambem a parte dos vencimentos que estiver sujeita a contribuições, quer geraes, quer districtaes e municipaes.

Art. 2.º — A taxa do imposto complementar de 6 por cento, creado pela lei de 30 de julho de 1890, é elevada sobre as contribuições pre-

dial, pessoal, sumptuaria, de renda de casas e industrial pela forma seguinte:

Para as collectas superiores a  
10\$000 réis..... 10 %  
Idem a 100\$000 réis..... 12 %  
Idem a 200\$000 réis..... 14 %  
Idem a 300\$000 réis..... 16 %  
Idem a 400\$000 réis..... 18 %  
Idem a 500\$000 réis..... 20 %

Art. 3.º — A taxa da contribuição de rendimento a que se acham sujeitos os titulos de divida publica interna e todos os demais papeis de credito, pela já citada lei de 18 de junho de 1880 é elevada a 30 por cento.

§ unico. São para este effeito considerados titulos de divida publica interna as obrigações de 4 por cento do emprestimo de 1888, e todos os externos cujos juros forem pagos no paiz.

Art. 4.º — Os portadores de titulos de divida publica interna e os da externa, nos termos do § unico do art. 3.º, poderão isentar-se do pagamento da taxa do artigo precedente accetitando a conversão por forma igual á que ulteriormente foi convenionada com relação á divida externa, nos termos do art. 6.º

Art. 5.º — No orçamento do estado será inscripta a verba de 250 contos de réis destinada a occorrer aos deficits que em virtude da elevação da taxa do art. 3.º se derem nas contas annuaes dos monte-pios, caixa de aposentação e corporações que mantenham asylos e hospitaes; e bem assim nos rendimentos provenientes de juros de titulos de divida publica, adquiridos por virtude da desamortisação dos passaes de parochos, quando esses rendimentos sommados aos demais de parochia não excederem 300\$000 réis.

§ unico. — O governo dará conta ás côrtes de uso que tiver feito da verba supramencionada.

Art. 6.º — Fica o governo auctorizado a negociar com os portadores de titulos de divida publica externa um convenio de conversão pelo qual, garantindo-lhes o pagamento do juro em oiro, e unificando os titulos num typo novo, ou mantendo os typos actuaes, os mesmos portadores transformem até ao maximo de metade do capital, ou acceitem pagamento de até metade dos seus juros, em cedulas do thesouro, com ou sem juro, amortisaveis com ou sem premios, pela verba annual que para esse effeito for destinada e pelo modo que for estabelecido.

§ unico. São para este effeito considerados titulos de divida publica externa todas as obrigações amortisaveis não comprehendidas na excepção do § unico do art. 3.º

Art. 7.º — Os titulos de divida externa que antes do vencimento do primeiro coupon, immediato á promulgação d'esta lei, se não acharem incluídos no convenio do artigo precedente, ficarão identificados aos internos, nos termos do art. 3.º, podendo porém deixar de o estar, assim que se incluam nas disposições convencionaes.

Art. 8.º — Para assegurar aos credores, tanto nacionaes como estrangeiros, o pagamento integral e regular dos juros e amortisação, o governo poderá consignar a esse fim, dos rendimentos nacionaes, aquelles que entender necessarios e preferiveis, sem todavia alterar a forma ordinaria de percepção dos mesmos rendimentos, mas sim restaurando, pelo modo conveniente, o antigo regimen de dotação da divida.

Art. 9.º — As taxas fixadas nos artigos 1.º, 2.º, 3.º e 7.º começarão a vigorar na data da publicação d'esta lei e durarão até ao fim do anno economico de 1892-1893; as côrtes fixarão annualmente novas taxas reduzidas conforme as necessidades do equilibrio orçamental para os annos economicos posteriores.

Art. 10.º — E' o governo auctorizado a fazer os regulamentos neces-

sarios para a execução das disposições dos artigos precedentes.

Art. 11.º É o governo auctorizado a decretar no pessoal e no material dos serviços publicos dependentes de todos os ministerios, e nos das corporações locais, bem como nos regulamentos e cobrança de impostos, as reformas tendentes á simplificação dos mesmos serviços e respectivos quadros, effectuando as reduções de despezas compatíveis com a sua boa organização.

§ 1.º Nenhum augmento de vencimento por diuturnidade de serviço será concedido, até promulgação d'essas reformas, quer nos quadros do do estado, quer nos das corporações administrativas, ou quaesquer outros estabelecimentos officiaes.

§ 2.º Com os empregados excedentes, depois de fixados os novos quadros, se irão prebencendo as vacaturas que occorrerem, sendo collocados, quanto possível, nos empregos analogos áquelles que exerciam na mesma, ou em differente repartição.

§ 3.º O governo dará conta ás côrtes do uso que fizer d'esta auctorisação.

## Documentos annexos

Depois da proposta de lei, que acaba de ler-se, seguem-se os documentos a que se refere o relatório, a saber:

N.º 1. — Nota da divida fluctuante em 21 do corrente. Os maiores credores no paiz são o banco de Portugal com 6:000 contos e o Monte-pio Geral com 1:800 contos.

N.º 2 A. — Conta em dinheiro das receitas arrecadadas em todos os cofres da metropole, ilhas, agencias e consulados, nos primeiros quatro mezes do anno economico de 91-92, excepto o cofre de Ponta Delgada e o da Agencia de Londres, comparada com a do anno anterior.

N.º 2 B. — Conta em dinheiro dos fundos saídos para pagamento de despezas orçamentais em todos os cofres nos primeiros quatro mezes do anno economico de 92, excepto Ponta Delgada e Agencia Londres e comparação com a do anno anterior.

N.º 2 C. — Resumo geral provisório da receita e despesa em dinheiro (do thesouro) nos mezes de julho a outubro de 91-92.

N.º 3 A. — Contracto dos tabacos.

N.º 3 B, 4 A, 4 B, 4 C, 4 D e 4 E. — Documentos relativos ao mesmo contracto.

N.º 4 F. — Conta especial em conta corrente do ministro da fazenda com Henry Burnay & C.ª

N.º 4 G. — Conta das operações, feitas pelo condé de Burnay para occorrer ao pagamento do coupon da divida externa de 3 por cento.

## No reinado de Dias Ferreira

O nosso amigo Heliodoro Salgado, que, como se sabe, está cumprindo sentença no Limoeiro, por crime de liberdade de imprensa, foi intimado a apresentar o original d'um artigo que escreveu na *Voz Publica*, do Porto. Que cynicos e que mariolas.

## Falta de trabalho

Digam o que quizerem; mas não podem negar que é desde que falta o trabalho, que se nota o assalto á propriedade.

É a consequencia do meio em que vivemos, e a que nos arrastaram os nossos governos.

No Tovim, Portella e circumvizinhanças é onde mais apparece essa gente, que para matar a fome assalta o passageiro e entra na casa do cidadão. Serão os trabalhadores do caminho de ferro d'Arganil, aos quaes ha muito faltam os meios de subsistencia?

Mas a auctoridade ainda não procedeu de forma a garantir a tranquillidade e o socorro d'aquelles povos!

Indagar da naturalidade dos que por alli habitam, quaes as suas occupações, era o dever da auctoridade.

Aos que fossem estrangeiros deviam fornecer os meios de irem para as suas terras; aos portuguezes soccorrel-os, dando-lhes trabalho ou alimento.

Mas um caso grave nos sobressalta. Ha poucos dias um nosso collega d'esta cidade asseverava que entre os *melianes* andavam alguns com trajos de policia! Que significa isto? e como se explica?...

Ao vemos a indifferença do chefe do districto e a dos seus subordinados, perante este estado de cousas, não nos espantará que isto anime os viciosos á pratica de muitos crimes.

Ha por ahi já muita fome encoberta; muita familia luctando com a miséria, e os grandes benemeritos já se não vêm. O sr. governador civil que ainda ha poucos mezes andava por es-as ruas a animar a todos para a visita regia e para levar a cabo uma exposição, recolhe-se agora a penates.

A causa do operario já lhe não é sympathica; agora que elle não tem trabalho e está em vespuras de maiores calamidades!

Bem disseemos nós que esta gente era incapaz d'uma acção generosa. Só se estimulam com as bambochatas politicas e com as orgias em honra dos grandes senhores! Sucia!

## Sciencias e Lettras

## O amor infeliz

(CATULLE MENDÈS)

Para comprar o ramo, elle, pobre rapaz, enamorado da graciosa actriz supprimira durante todo o mez o pequeno pão do seu almoço no escriptorio, vendera o seu fato preto e alguns livros, tinha empenhado no Monte-pio o colchão do leito de ferro, endividara-se com os companheiros de trabalho, e renunciara até á sopa e sobre-meza dos seus jantarés da conhecida locanda — Quatro Marmitas — sita na rua Lamartine.

De si bastante magro já, muito mais se tornou ainda com as longas insomnias e a deficiencia da alimentação.

Mas não importava.

Tinha podido comprar o ramo — um ramo de cento e cincoenta francos, do qual a florista lhe havia dito — «que em parte alguma o encontraria mais catita», — e tanto bastava.

Depois sê-o chegar — dez francos mais! — ao comarim da idolatrada mulher.

As rosas, em ampla e completa florescencia, espalhavam agora o seu fino perfume penetrante, e exhibiam o seu vivo colorido junto d'ella.

Durante tres dias, todas as tardes elle ia anciadamente ao theatro perguntar se tinha resposta...

Porque a verdade é que não se havia limitado a enviar flores; entre as rosas collocara occultamente um perfumado bilhete vibrante d'amor e sinceridade, em que os arrebatamentos apaixonados evidenciavam desesperos incomportaveis...

Quando na primeira tarde a porteira lhe disse — «que por ora não havia resposta», não se admirou.

Porque emfim a pobre rapariga não teria tempo de escrever uma palavra.

Na segunda tarde — nada.

E o mesmo da terceira vez.

Como? Pois ella não teria uma pouca de piedade para a amargura do seu viver?

Não a commoveriam as suas ardentés supplicas, a descripção do seu enorme soffrimento?

E, todavia, bem pouco desejava.

Algumas palavras apenas — «Lamento-o — ou então — «Não morra».

Desgraçado! Como ella era refinadamente má, cruel!

E, subindo a rua dos Martyres, lembrava-se do seu quarto frio, no leito agora sem colchão, tão d'iro...

Mas não, era impossivel!

Devia forçosamente ser tão bondosa como era gentil.

Não respondera hoje; paciencia. Seria amanhã.

Com certeza lhe escreveria. Talvez duas ou tres palavras misericordiosas.

Com que reconhecimento, com que ternura, elle cobriria de beijos o estremecido bilhete.

Sim! Sim! amanhã com certeza, pensava.

Era justo não desesperar.

Oh! nada lhe pesaria então; todos os enormes sacrificios que fizera e por que passara — venda de fato, dividas contrahidas, a fome, ver-se assim tão pobre, tão magro — tudo isto que valia, perante a indizível alegria do seu grande amor correspondido!

Como atravessasse nesta occasião uma das avenidas exteriores, viu sair da cervejaria proxima uma d'aquellas floristas que offerecem nos cafés e ás portinholas dos trens os ramos comprados ás porteiras ou costureiras dos pequenos theatros.

Deu um grito.

Reconheceu o seu ramo emmurchedo, deshotado, triste.

Compro-o com o ultimo franco de que disponha.

Com os olhos cheios de lagrimas, e com as mãos tremulas pela funda commoção que o vencia, encontrou a carta que ella não leu, por entre as rosas que... não aspirou!

## Estamos arranjados

Dois sabios austro-hungaros, von Renss e Lorenz, encontraram um microbio excepcional, o *microbio da escripta*.

A descoberta foi feita na occasião em que os dois sabios estavam escrevendo uma memoria acerca da hygiene do seu paiz, observando então que um animalinho se depositava nos bicos da penna. O conselho superior de saude publica, da Austria-Hungria, já examinou a questão e conveiu em que o citado microbio influe terrivelmente na saude das pessoas.

×

## Administrações republicanas

Segundo um periodico estrangeiro, o resumo do movimento commercial dos Estados Unidos da America, nos dez primeiros mezes do anno de 1891 comparando com o de igual periodo de 1890, foi o seguinte:

As exportações elevaram-se a dollars 729.350.000, mais 60.025.000 dollars que em igual periodo do anno anterior.

As importações foram avaliadas em 693.980.000 dollars, menos 4.395.000 que nos mesmos mezes do anno de 1890.

Em o nosso Portugal, governado pela monarchia, que tem a graça divina, anda tudo ao inverso.

Milagres de Nosso Senhor...

×

## O bacillo da influenza

Annuncia-se que o director do Instituto de molestias contagiosas, de Berlim, o dr. Pfeiffer, acabou de descobrir, ao cabo de minuciosas experiencias de laboratorio, o bacillo da influenza.

O dr. Pfeiffer não publicou ainda o seu relatório, mas afirma que as experiencias por elle realisadas auctorisam a attribuir a causa da influenza a um microbio especial, completamente determinado nas secreções purulentas dos bronchios, apparecendo tambem nos casos ordinarios do catarro, pneumonia e tísica.

O contagio pelo microbio da influenza dá-se sempre até á quinta cultura do bacillo, produzindo-se por escarros carregados de gormens.

## RECLAMES

**Caldas da Cunha** — Modas e confecções, ultimas novidades de Paris e Berlim — rua F. Borges 417.

**Correio e selheiro** — estabelecimento de Evaristo José Cerveira — rua da Sophia.

**Casa Leão** — Loja de pannos e atelier de alfaiate — Rua Ferreira Borges.

**Drogaria e deposito de tintas** de Mattos Areosa — rua de Mont-arroyo, 25 a 33.

### Para variar

O alfaiate de Scarron pediu-lhe certo dia que lhe fizesse uns versos, elogian-do-o.

— É justo, mestre Roberto, disse o poeta; se a minha musa tem sido prodi-ga em tecer elogios a quem jámais como vós teve direito ao seu insenso; é justo, repito, que se não recuse a render-vos esta devida homenagem.

Em seguida, e como que inspirando-se, escreveu:

Grande Deus que fizeste os planetas  
E este bello ceu d'astros coberto...

O alfaiate, interrompe-o modestamente, protestando contra esta magnifica invocação; acha demasiado que Scarron elege tão alto nas azas de sua sublime inspiração um homem da sua cathogoria.

— Paciencia, torna Scarron, descerei o mais baixo possivel.

E, immediatamente aos primeiros dois versos, ajuntou os dois seguintes:

Faze do meu anus as lunetas  
Para o nariz do mestre Roberto.

**Funilheiro** — estabelecimento de Luiz d'Almeida Junior — Obra em folha branca — rua do Corvo, 55 a 57.

**Loja de barbear**, cortar cabellos e amolção de instrumentos cirurgicos, de Manoel Francisco da Silva, rua da Soita, n.º 31.

**Manoel d'Oliveira** com estabelecimento d'amolção, afiação, barbear e cortar cabelo na rua do Paço do Conde, 11, Coimbra.

### Para variar

Um frade, ao acabar de fazer uma visita a um convento, diz para o irmão que lhe tem servido de cicerone, apontando para uma porta travessa por onde vae sahir.

— É por aqui que entram as moças? Ao que o outro lhe respondeu:

— Não; é por onde sahem as bestas.

Um conhecido *philantropo* de Faro, justamente encarecido nos jornaes da terra, encontra um dia uma pobre mulher, velha e invalida, que lhe supplica uma esmola dizendo-lhe:

— Meu rico bemfeitor, dá-me uma esmola para matar a fome...

O *philantropo indignado*:

— Nunca, mulher, nunca! Matar, é sempre um crime.

— Diga-me, mamã; quando o *Pae do Ceu* vae jantar, os creados põem-lhe na meza tres talheres?

— Tres talheres? porque?

— Porque... sendo tres pessoas distintas...

**Relojoaria Universal** — A. J. Silva Pessoa — Deposito de relógios de todas as qualidades — rua do Ferreira Borges, 112 e 113.

**Mercearia** — José Paulo Ferreira da Costa — rua Ferreira Borges.

**Sola e cabedões** — Vendas por junto e a retalho — Ricardo Pereira da Silva — rua dos Sapateiros.

### Canções populares

«E' triste coisa nascer:  
Mas ainda é peor peccar;  
Depois de peccar, morrer;  
Depois de morrer, penar.»

## Manifestação em honra dos vencidos

Realizou-se domingo a commemo-ração do anniversario de 31 de janei-ro, conforme estava annunciado.

Da madrugada ao anoitecer mil-hares de pessoas visitaram os cem-terios, deixando sobre as sepulturas das victimas ramos de camelias e de violetas, e muitos cartões de homens importantes.

A comissão portadora da corôa dos republicanos do sul chegou ás 9 horas da manhã. Era esperada em Campanhã por muitos democratas. Hopedou-se no hotel Portuense, d'onde sahiu á 1 hora para ir á missa da Trindade, por alma das victimas. O largo da Trindade e o templo esta-vam atulhados de povo. A comissão foi saudada. Formando-se o cortejo seguiram a comissão muitos carros com republicanos do Porto. Da Trin-dade o cortejo, seguiu para o cem-terio do Prado do Repouso, tomando a frente o *landeau*, forrado de creps, que levava a corôa, que é enorme e lindissima, e um ramo dos presos politicos da Relação. A porta do Re-pouso pegou na corôa a comissão e os srs. dr. Catalão e Silva Doria to-maram as fitas. A grande multidão que estava no cemiteio descobriu-se respeitosa e a passagem do cortejo. A corôa foi deposta sobre o tu-mulo do sargento José, de infantaria 8, por ser a mais graduada das victi-mas.

Feio Terenas disse as seguintes palavras: «Depomos esta corôa de saudade e reconhecimento sobre esta sepultura rasa, que eucerra os restos d'um soldado que morreu por um ideal que a nós todos domina. Esses restos são os de um indefesso e va-leroso cidadão, e esta singela homena-gem á beira d'este coval alarga-se neste momento, como se nesta campa estivessem todos aquelles que ha um anno tódaram a athmosfera das velhas instituições, levantando em bra-dos de victoria o triumpho do ideal que attrahe e captiva o espirito das gerações novas, e é o mais levantado estímulo do progresso dos povos cul-tos e liberaes. Aos preitos que aqui registamos temos a juntar a saudação que nesta hora solemne enviamos para o exilio, para o degredo, para os car-ceres, a todos aquelles que longe d'aqui commemoram esta data bri-lhante, que ha de ser uma data glo-riosa nos fastos da nossa historia. Não lavramos um protesto, affirma-mos a nossa fé politica, a nossa admi-ração pelos generosos vencidos de 31 de janeiro; não chegou ainda a hora da apothose do heroismo dos venci-dos, mas não esqueceu nem esquecerá jámais esta data ainda envolvida em crepes, refulgindo chi-pas de luz. Nós que aqui estamos trabalhando o sentir e as maguas do partido republicano portuguez, curvamo-nos agradecidos e cheios de esperanças sobre o tumu-lo de um dos mortos pela causa da nossa patria, e ao collocarmos sobre a sepultura a homenagem de que nos fizeram portadores, só nos resta ac-crescentar: Gloria á patria! Gloria aos vencidos! Gloria ao Porto sempre heroico!»

O final do discurso foi coberto de ruidosos applausos. Fallaram mais o negociante sr. Barros e o quintanista da Escola Me-dica, Machado. Este foi energico, im-pressionando a multidão. Guardavam a sepultura tres sol-dados mutilados em 31 de janeiro. Em frente da sepultura d'um guar-da fiscal, a viuva, de joelhos, chorava. A multidão retirou em silencio. Calcula-se em quatro mil o nume-ro de pessoas que assistiram á mani-festação.

A comissão foi ao cemiterio de Agramonte visitar as sepulturas d'ou-tras victimas. Fallaram os srs. Barros e o quintanista Machado, que foi vio-lento no juramento que fez em nome do partido, e Casimiro Franco, que disse palavras que não posso com-

municar pelo telegrapho por causa da censura.

De Agramonte o cortejo seguiu para a cadeia, passando á porta do quartel da municipal, que estava de prevenção. Na cadeia deixaram bilhetes de felicitação a Felizardo de Lima e aos seus companheiros.

Em diferentes ruas o cortejo foi saudado pelo povo. A comissão de Lisboa tem sido cumprimentada por numerosos republicanos do Porto.

### Em face da lei

O sr. Antonio Augusto dos Santos, administrador do *Alarime*, está processado por ter levantado um viva a um dos presos do dia 18 de novembro.

O sr. commissario de policia en-tendeu que era um crime o facto prac-ticado por aquelle senhor. Prendeu-o.

Nós, por mais que procurassemos, não vimos que o facto de que o sr. Antonio Augusto dos Santos é accu-sado, seja punido por qualquer dos artigos do Codigo penal.

O sr. delegado d'esta comarca pa-rece porém que foi mais feliz do que nós. Achou o artigo, que nós pro-curámos de balde. Que esforços epicos de genio não seriam precisos ao sr. delegado? Mas, emfim, era necessa-rio confirmar a jurisprudencia aucto-ridada dos guardas do corpo de poli-cia civil e do seu inclito chefe.

O sr. delegado achou o artigo 182.º — Nós tambem o achámos. E' verdade que a grande dificuldade era achal-o antes dos outros: é a historia do ovo de Colombo. O que porém nós não achámos, ingenuamente o confessamos, foi nesse artigo previsto e punido o facto de que o sr. Antonio Augusto dos Santos é accusado.

Diz o artigo citado: «O crime de-clarado no artigo precedente, commet-tido contra algum agente da auctori-dade ou força publica, perito ou tes-temunha no exercicio das respectivas funcções, será punido com prisão cor-reccional até tres mezes.»

A disposição do artigo 182.º é (até o sr. Ferrão é capaz de o ver) subordinada á do artigo 181.º — E este artigo diz: «Aquelle que *offen-der directamente*, etc.» — E' facil de ver que todo o artigo 181.º está sub-ordinado a estas palavras.

No facto de que o sr. Antonio Au-gusto dos Santos é accusado poderia alguém ver uma offensa indirecta á auctoridade: *offensa directa* ninguem verá por certo; ou então todas as offensas são directas e a palavra — directamente — do artigo 181.º é inu-til. Ora ha uma regra muito conhe-cida de jurisprudencia, segundo a qual não se devem considerar nunca palavras inuteis as da lei, e todas se devem fazer corresponder a intenções de legislador.

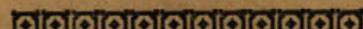
O artigo 181.º é claro. — Ora o sr. delegado deve saber que em ma-teria de crimes e penas toda a inter-pretação é restrictiva.

Não ha analogias nem maioria de razão (artigos 1.º, 5.º, 15.º e 18.º do Codigo penal). — Os crimes não se lêem nas entrelinhas da lei.

Mas console-se, sr. delegado O absurdo não é inedito e já o Supremo Tribunal de Justiça se viu obrigado a declarar a verdadeira jurisprudencia num accordão, que aliás parece de mr. de la Palisse. Effectivamente em accordão de 2 de janeiro de 1871 declara aquelle tribunal que, se não forem directas as offensas, não pro-cedem as disposições do artigo 181.º e seus §§ (o art. do Cod. de 1852 correspondente ao 181.º do Cod. actual tambem tinha este numero).

Que o sr. Antonio Augusto dos Santos não será condemnado sahe-mol-o nós, porque o sr. juiz de direito é muito diferente do sr. delegado; mas não seria conveniente, mesmo ao sr. delegado, que o facto attribuido ao administrador do nosso jornal nem sequer fosse julgado?

Parece-nos que sim; mas o sr. delegado o dirá.



## Camara Municipal

### Sessão ordinaria

7 de janeiro

Presidencia do vogal mais velho o conselheiro dr. Manoel da Costa Alemão. — Vereadores presentes: Antonio d'Almeida e Silva, Ernesto Lopes de Moraes, Antonio José Lopes Guimarães, Miguel José da Costa Braga — effectivos: João da Fonseca Barata e Antonio Nunes Correia, substitu-tos.

Procedeu na fôrma da lei, á elei-ção do presidente e vice-presidente, vendo-se depois de corrido o escrutí-nio ter sido eleito presidente por cinco votos o conselheiro dr. Manoel da Costa Alemão e vice-presidente por seis votos o dr. Henrique Manoel de Figueiredo.

Arrematou em haste publica as barracas n.ºs 3 e 4 do mercado, au-ctorisando o vereador do pelouro res-pectivo a arrendar particularmente a que tem o n.º 27, por não ter havido licitantes nas duas praças.

Arrematou igualmente o lote n.º 61 do terreno na rua n.º 8, da quinta de Santa Cruz.

Resolveu annunciar, em execução da deliberação de 15 de novembro de 1890, que se promptifica a man-dar fazer gratuitamente as canalisa-ções d'agua para os domicilios, me-diante uma percentagem de 40 réis por cada metro cubico d'agua consu-mida, a mais do preço da tabella res-pectiva; e que os proprietarios que queiram aproveitar-se d'este beneficio deverão requerer perante a camara a sua inscripção, sendo o preço minimo do aluguer dos contadores de 120 réis mensaes.

Encarregou o vereador Guimarães de informar acerca d'um incidente ha-vido entre dois bombeiros municipaes no dia 1.º do corrente mez, tomando conhecimento da participação respec-tiva ao mesmo vereador pelo inspec-tor interino dos incendios, assim como d'outra acerca do incendio do dia 5, na rua dos Militares, declaran-do-se na 2.ª que chegou em 1.º lo-gar o carro de mangueiras n.º 2 dos bombeiros municipaes que ganhou o premio, trabalhando com uma bocca d'incendio, auxiliado com a bomba n.º 2 dos voluntarios.

Mandou providenciar pela repa-rtição d'obras para a remoção d'entu-lhos e limpeza da caminho da Geria, junto ao predio de José Martins de Frias e Cunha, de Antuzede.

Approvou um orçamento para a construcção d'um aqueducto no ca-minho que da Ciga do Campo con-duz á estrada districtal de S. João do Campo a Ançã.

Despachou varios requerimentos de interesse particular, fazendo lan-çar os respectivos despachos no livro da porta, onde podem ser examina-dos.

### Sessão extraordinaria

13 de janeiro

Presidencia do conselheiro dr. Ma-noel da Costa Alemão. Vereadores presentes: Antonio d'Almeida e Silva, Ernesto Lopes de Moraes, Antonio Jo-sé Lopes Guimarães, Miguel José da Costa Braga, effectivos; João da Fon-seca Barata, Antonio Nunes Corrêa, substitutos.

Approvou unanimemente um pro-jecto de regulamento, apresentado pe-lo presidente, para o serviço dos bom-beiros nos espectaculos publicos man-dando que fique transcripto na acta e que se envie á comissão executiva da junta geral do districto, em con-formidade das disposições do codigo administrtivo.

## Penacho politico

Reuniu a synagoga regeneradora — nestes tempos! — e decidiu que fosse chefe o sr. dr. Souto Rodrigues, que deixára este partido para entrar para a *esquerda dynastica*.

Nestes tempos, ainda a *regenera-ção*, a quem o paiz deve em grande parte a sua miseria, tenta reunir-se e entregar o penacho — a um trans-fuga!

É symptomatico!

### Como se economisa!

O governo vae extinguir o minis-terio de instrucção publica, creado pela regeneração para sustentar a vai-dade do menino Arroyo.

Parece que a boa razão e a boa economia devia aconselhar a exone-ração de todo o pessoal, pelo menos do grande estado maior! Pois não é assim. *Os meninos bonitos* lá ficam a gozar a papooca, de costa direita; e as aulas de direito fechadas!

E quem que tomemos estes eco-nomistas — a serio! Batatas

## Noticias diversas

Consta que os emolumentos das administrações e camaras municipaes vão entrar para a receita do estado.

\* O cachimbo que o Shá da Persia fuma em publico por occasiões de gala, vale 80 mil libras. Chama-se *II Kalindim* e está inteiramente encas-toado de diamantes, rubins, perolas e esmeraldas.

\* Segundo os calculos mais re-centes, a população total do globo ele-va-se a almas 1:479:729:400. Este numero reparte-se da seguinte ma-neira: Europa 357.379:000, Asia 825.954:000, Africa 163.953:000, America 121.713:000, Australia 3.230:000, Oceania 7.420:000 Re-giões polares 80:400.

\* Em uma mina do districto de Linares, Hespanhã, descobriu-se um rico filão d'ouro.

\* Em França morreu um avaren-to que vivia na mais extrema miseria, Encontraram-se-lhe 500:000 francos em bello metal, entre a palha do eu-xergão.

\* Em Cadiz, falleceu em 7 de novembro findo, no hospital d'aquella cidade, o cidadão portuguez José Tho-maz Ferreira, marinheiro da armada real.

\* A produção do ouro no mun-do inteiro elevou-se, para o ultimo an-no, segundo a repartição competente de Washington, em 116 milhões de dollars, valor commercial; e a da pra-ta em 135 milhões tambem de dollars.

\* O cumprimento de cabos sub-marinos atravez dos mares é de cen-to e vinte milhas. Com um fio de igual comprimento poder-se-hia dar a volta ao mundo umas seis vezes.

\* Corre que os deputados mi-litares vão reunir para propôr ao go-verno algumas economias no orçamen-to do ministerio da guerra, afim de evitar a reduccão nos soldos dos offi-ciaes.

\* Vão ser despedidos de todos os ministerios os empregados contra-tados.



## ANNUNCIOS

## CAIXEIRO

111 Admitte-se um com pra-tica de mercearia.

JOÃO VIEIRA DA SILVA LIMA

51, Rua dos Sapateiros, 55

COIMBRA

## GRANDE NOVIDADE

107 **C**hegou grande remessa de chouriças d'Elvas, fari-nheiras e morcellas de sangue. Ditas de Castello de Vide. Garante-se a boa qualidade. Preços sem competencia. Qualquer pessoa que compre e não goste recebem-se e entrega-se o seu dinheiro.

E. Gonzaga & C.<sup>a</sup>

72, Rua da Sophia 72,

## CONVENIENCIA

110 **V**ENDE-SE ou arrenda-se uma propriedade no sitio do Loreto, aros d'esta cidade, denominada Vinha do Celleiro, que se compõe de casas d'habitação, adega, terra de vinha e de sementeira.

Para tratar rua Direita, n.º 16.

## AO PUBLICO

114 **O** sr. Joaquim Augusto Maia magouou-se tanto ao que parece com o agradecimento que publiquei! Em vista d'isso vou pedir ao sr. Maia a fineza de fazer publico sem perda de tempo quaes os numeros das condições que foram transgredidas, segundo o sr. Maia diz, e o trabalho nellas comprehendido na empreitada que comigo contractou e qual o seu valor e se este ficou por pagar.

Coimbra, 1 de fevereiro de 1892.

Adriano Francisco Dias.

## CARNAVAL 1892

112 **O** primeiro deposito de artigos para o Carnaval para sortir revendedores, é na Mercaderia Encarnação Gonzaga & C.<sup>a</sup>, na rua da Sophia, n.º 72. — Coimbra.

Sortimento, qualidade e preços sem competidor. Remettem-se catalogos aos commerciantes que os requisitarem.

## Folhetim do «Alarme»

SENIO

## O TRONCO DO IPÊ

(SEGUNDA PARTE)

XIV

Sombras

A esquivança de Mario por Alice e a sua assiduidade com Adelia, continuou.

A menina soffria com isso; mas não era o ciúme que a affligia. Passada a primeira impressão ella comprehendeu que da parte de Mario não havia afeição, nem mesmo capricho.

Na calma um tanto inflexivel de que se revestia o semblante do mancebo quando conversava com Adelia, percebia-se o esforço da vontade e não o impulso de um sentimento.

Alice acreditava que o procedimento de Mario era calculado para a enganar. As illusões que deixára em seu coração, a intimidade dos primeiros dias, o mancebo queria desvanecer logo de todo, alim de que nenhuma esperança visse atear-as de novo.

Não se enganava ella nessas con-

## LARGO DA FREIRIA, 14—COIMBRA

Proprietario—Pedro A. Cardoso

# TYPOGRAPHIA

# OPERARIA

Impressão de jornaes  
PEQUENO E GRANDE FORMATO

Livros, Estatutos, Mappas para repartições, Talões de cobrança

BILHETES DE VISITA, Cartazes e programmas, etc.

## JOÃO RODRIGUES BRAGA

SUCCESSOR

17—ADRO DE CIMA—20

(ATRAZ DE S. BARTHOLOMEU)

## COIMBRA

Armazem de fazendas de lã, seda e algodão  
Vendas por junto e a retalho

29 **G**RANDE sortido de coróas e bouquets, funebres e de gala, vindos das principaes fabricas nacionaes e estrangeiras. Fitas de faille, moiré, glacé e setim, em todas as côres e larguras.

Continúa a encarregar-se de funeraes completos, armações funebres, e trasladações, tanto nesta cidade como fóra.

PREÇOS SEM COMPETIDOR

## VIUVA MARQUES MANSO

RUA DO CEGO

## COIMBRA

Armazem de mercearia por junto e retalho. Deposito de vinhos da Real Companhia Vinicola. Agencia da Companhia de Seguros Bonança.

81 **C**ONVIDA os seus ex.<sup>mos</sup> freguezes a visitar o seu estabelecimento onde encontram um variado sortido de mercearia que vende por preços resumidos.

Tambem vende assucar da sua refinação pelos preços de Lisboa e Porto, de 5 kilos para cima.

RUA DO CEGO

COIMBRA

jecturas; porém seu olhar não podia prescrutar todos os reflexos d'alma do amigo de infancia. Havia além d'aquelles motivos, um contra o qual a propria consciencia do mancebo se revoltava. Elle sentia um prazer cruel fazendo soffrer essa gentil menina.

Não era ella a fibra mais sensível d'alma do barão, o unico ponto do coração em que elle podia ferir a esse homem rico, feliz e estimado?

Algumas vezes tão mesquinha vingança revelava-se ao espirito lucido do mancebo em toda sua odiosa nudez: e então elle indignava-se contra si mesmo. Mas um pensamento vinha attenuar a vergonha que essa revelação lhe inspirava. Tambem elle soffria, e mais do que ella; porque soffria por ambos.

—Eu não a amo de certo; dizia elle consigo; mas sinto que a amaria, se não fosse esta horrivel suspeita!...

Entre aquellas duas almas jovens, ricas e generosas, que o amor attra-hia e a fatalidade separava; não era de certo a de Alice a mais provada pela desgraça. Ver murchar a esperança que nosso coração afflagou desde a infancia, é triste sem duvida, mas não se compára com os transe da sub-versão que dilacera uma alma, como o terremoto revolve o solo.

Quando Mario se lembrava dos muitos beneficios que devia ao barão,

tinha assombros de desespero; parecia-lhe que aceitando aquella generosidade elle se tornava cumplice do crime de que fóra victima seu pae. Que não daria então para repellir de si quanto recebera d'aquelle homem? Ficava reduzido a um labrego sem educação; e vingar-se-hia como costuma gente d'essa condição, com um tiro ou uma facada.

Mas não era essa a unica, nem a maior humilhação. As palavras que na noite do Anno Bom o barão dirigira a Alice, constantemente soavam a seus ouvidos. Não fóra a elle Mario, que o fazendeiro se tinha esmerado em educar, e sim ao noivo de sua filha. Esse casamento ia ser uma expiação; e podia elle sugerir-se a servir de pretexto ao delinquente para applicar-lhe o remorso de um crime?

Se porém não fosse verdadeira a terrivel suspeita que se infiltrava em seu espirito desde a infancia, devia recusar a esse homem a unica retribuição possivel de sua generosidade? Com que direito esmagaria o coração de um pae estremoso e de uma innocente menina que o amava a elle?

Um dia Alice vendo-o pensativo na sala; revestiu-se de coragem e aproximou-se.

—Anda tão triste, Mario?

Essa doce voz entrou nalma do mancebo como um balsamo.

## CARNAVAL

O estabelecimento que tem mais deposito de artigos de carnaval é a bem conhecida casa—SERIO VEIGA—Rua da Sophia. Coimbra. Remette catalogos com os preços correntes a quem os requisitar.

## SERIO VEIGA COIMBRA

JULIÃO ANTONIO D'ALMEIDA

20—Rua do Sargento-Mór—24

33 **N**o seu antigo estabelecimento concertam-se e cobrem-se de novo, guarda-soes pelos seguintes preços:

Guarda-sol para homem, coberto com a melhor seda portugueza, réis 18900; idem para senhora, 18400 réis.

Tambem tem fazendas de lã e algodão para coberturas baratas. Garante-se a perfeição do trabalho encomendado nesta casa.

## PURO VINHO DE MESA

104 **N**a mercearia—CAR-NEIRINHA—em Santa Clara, ao fim da Ponte, encontra-se á venda bom vinho da sua lavra, pelo preço de 90 réis, o litro. Garante-se a boa qualidade.

A linda menina esquecia-se de si, para occupar-se d'elle unicamente:

—Não sou eu só, Alice! disse o moço tomando-lhe a mão affectuosamente. Vim perturbar a serenidade de sua alma e fanar as flôres da existencia que lhe corria tão feliz aqui neste retiro, no seio de sua familia.

Duas vezes o mancebo passou a mão pela fronte, com se tentasse arrancar uma obsessão que lhe constrangia o cerebro e murmurou:

—Fatal destino o meu! Trazer consigo o anathema de suas mais caras esperanças! Revoltar-se contra a felicidade que lhe sorri, como o anjo decabido contra a luz que o cingia! Ser o espirito do mal para aquelles a quem se ama!...

—Porém, Mario!...

—Não, Alice; esqueça o que ouviu!

E o moço afastou-se precipitadamente; com receio de ceder á emoção que d'elle se apoderava; e á maga influencia do olhar terno e melancolico de Alice.

Havia momentos em que elle se considerava presa de uma cruel hal-lucinação, e comparava o seu procedimento com a perversa malignidade de um louco, deleitando-se em affligir uma creatura innocente, cujo crime unico era a muita afeição e disvello que por elle tivesse! Nestas occasiões,

## PAPAGAIO

113 **F**ugiu um. Quem o agarrou e o queira entregar a seu dono é na rua do Visconde da Luz, 90 a 92. Receberá alviçadas.

## TELEPHONE

107 **M**ANOEL JOSÉ DA COSTA SOARES participa ao publico em geral e aos seus freguezes em especial, que está novamente em communicação telephonica o seu estabelecimento de trens d'aluguer, ao Caes, com a loja do sr. Domingos Salazar, da rua de Sá de Miranda, antigamente de S. João, podendo por isso os moradores da parte alta da cidade darem as suas ordens pelo telephone para o serviço de carros.

Previne-se o publico que ficam sem effectos os annuncios anteriores com relação a este serviço.

## BANDEIRAS



Balões venezianos

Balões á crivas

ILLUMINAÇÃO

USADA NO MINHO

Alugam-se

vendem-se. Encarrega-se de quaesquer festejos em todos os pontos dopaiz

## SERIO VEIGA SOPHIA

ESCRITORIO TÉCNICO

DE

PROJECTOS E CONSTRUÇÕES

21—Rua de João Cabreira—21

COIMBRA

56 **E**ncarrega-se da elaboração de projectos, e orçamentos de construcções; levantamento de plantas; fiscalisação, vistorias e louvações de obras; desenhos e copias; consultas, pareceres e relatorios sobre trabalhos de construcção.

O gerente—E. Parada.

Mario fugia da menina; não só por certo pejo, como pelo temor de cabir-lhe aos pés e pedir-lhe perdão.

Na manhã em que teve lugar o incidente referido, Mario preteitou um incommodo para ficar no seu aposento. Queria evitar por essa forma um segundo encontro, no qual elle bem sentia que lhe faltaria a coragem para resistir ás queixas da menina.

Vendo Mario fugir d'ella, commovido e precipitado, Alice tomada pela estranheza das palavras que ouvira, não cuidou logo em seguir o engenheiro para interrogal-o: quando se lembrou de o fazer já elle tinha entrado em seu quarto.

Aquella retirada subita, a menina bem a presentiu; era uma reticencia, que talvez a voz não pudesse guardar. O mancebo, teme que a sua palavra mau grado lhe rompesse dos labios, e revelasse o segredo que elle se esforçava por suffocar; apartara-se para não ser ouvido, nem mesmo presentido. Sem duvida elle recejava-se até da sua phisionomia, que lhe traísse o mysterio.

(Continúa).

Impresso na Typographia Operaria—Largo da Freiria, n.º 14, proximo á rua dos Sapateiros—COIMBRA.



Redacção e administração

LARGO DA FREIRIA

Não se restituem originaes sejam ou não publicados

Assumplos de redacção, dirigir a

Pedro Cardoso

EDITOR

Assumplos d'administração, a

Antonio Augusto dos Santos

ADMINISTRADOR

# O ALARME

Publica-se ás quintas feiras e domingos

Condições de assignatura

(PAGA ADIANTADA)

Com estampilha	Sem estampilha
Anno... 2\$700	Anno... 2\$400
Semestre. 1\$350	Semestre. 1\$200
Trimestre 860	Trimestre 860

Avulso... 30 réis

Annuncios (cada linha) 30 réis  
Repetições 20 réis  
Permanentes contracto especial

Annunciam-se publicações enviando um exemplar

## A situação

A entrada do ministerio Dias Ferreira não alterou em nada a vida monarchica. Segundo a judiciousa, insuspeita, opinião do *Seculo*, o governo não fez vida nova, porque:

- a) — não reparou ainda nenhuma das grandes injustiças commettidas pelos seus antecessores;
- b) — mantem a lei da imprensa do sr. Lopo Vaz;
- c) — conserva cerceado o direito de reunião;
- d) — não derogou a lei municipal;
- e) — não abriu as portas do Limoeiro aos jornalistas republicanos que alli estão encarcerados;
- f) — não abriu as fronteiras aos exilados e emigrados politicos;
- g) — não deu uma ampla amnistia, reparadora e pacificadora;
- h) — não tomou nenhuma d'estas medidas indispensaveis para garantir a moralidade na administração publica.

Ora, ainda que peze a muitos a verdade é esta. Não ha imparcialidade que aqui valha; não ha véo que entenebreça a razão de ser do combate anti-monarchico.

D'aquelles que da candura já não fazem preceito, o facto não merece sequer um ponto de admiração. E' tão trivial, tão da praxe, esta inobservancia de promessas ministeriaes, que extranheza nos não causa a palinodia Dias Ferreira.

De ha muito, em todo o regime constitucional, se observa, na exhibição dura dos factos, que a approximação com a corôa, não sabemos por que extranha magia, parece perverter os espiritos e offuscar-lhes o que de bem intencionado nelles se alberga. Por que d'outro modo se não concebe, na nossa estreiteza de vistas pelo menos, como homens que fóra do governo se altéem em impetos de coleras que se fazem crer honestas, dispam no poder todo esse estado de grandezas, que devia ser o mais valeroso de todos os seus objectivos.

Nas ultimas medidas governativas, empyrica creação do sr. Oliveira Martins, confessa-se ingenuamente que o vicio do regime tem sido a razão do endurecido mal-estar que nos oprime.

Entre lacrimações de vestal contristada, esparsas sobre as ruinas d'esta patria declinante, esfusia o renegado Martins:

«E' necessario penitenciar-mo-nos dos erros passados e emendarmo-nos para sempre, se com effeito queremos honrar a historia heroica de sete seculos que nos legaram os nossos maiores, para a deixarmos aos nossos des-

cedentes engrandecida com uma pagina, sem duvida dolorosissima, mas por igual nobilitante. As argucias da politica, os artificios da habilidade, desaparecem agora perante a crueza d'um perigo que só póde ser dominado pela absoluta franqueza e por uma compenetração e intimidade completas da corôa, das camaras, do povo e do governo, unidos todos no proposito da salvação da patria portugueza.»

É assim. Em doido desbarato, nas pandegas varias em que o constitucionalismo tem sido prolífico, se ha derretido o sufficiente para no presente nos não assoberbar esta horrorosa crise de fome. E após tudo isto, que só ao ferro em braza cumpre commentar, ha desplante em sufficiencia para se vir com lagrimas, nos labios a penitencia, pedir ao povo o sacrificio de ajudar a levar ao calvario o enorme madeiro, creado pela inopia durante muitos annos na moralidade da administração das finanças!

E' inexcedivel de cynismo com uns longes de argucia mal-disposta!

O povo que tem pago, e bem, tudo quanto lhe tem querido exigir; o povo que tem pago mais do que legitimamente devia pagar; o povo que tem sido a besta de carga para todos os effeitos collectaveis, ha de ainda ir agora, cerviz em curva, com frieza no coração, ajudar a endireitar finanças para cujo estado desgraçado não cooperou?

Ao largo, os que assim entendem. Se os sacrificios exigidos fossem legitimos; se se dissesse que os clarões d'um combate guerreiro com a Gran-Bretanha, em defeza das nossas colonias, tinham sido a causa da nossa quéda financeira; se razão plausivel, perfunctoria, justificasse tão injustificavel exigencia — então não só o povo abriria a sua bolsa, mas abriria o seu coração e quando não tivesse dinheiro daria o seu sangue.

Assim, confessado como está que só os estragos desvairados dos governos são a origem de toda a derrocada que imminente paira sobre nós, o povo só tem, por dignidade propria, para não desdizer da sua soberania, tomar um conselho que o sr. Eduardo Abreu ha dias lhe indicou em pleno parlamento: guardar o resto para se armar! Nada mais, nada menos.

Um governo que se faz porta-voz dos interesses dynasticos para exigir estes sacrificios; um governo que isto faz antes de ter restaurado as liberdades publicas, ignominiosamente esfrangalhadas pelo mais odioso dos monarchicos; um governo que isto

faz ao mesmo tempo que deixa campear á luz do sol os defraudadores confessos — confessos, senhores! — dos dinheiros publicos; — esse governo deve ser desapoiado por todo o paiz, deve cahir do estrondear furioso da indignação publica.

Seja, pois, a nossa divisa, com este como com todos os governos da monarchia, a guerra violenta, intransigente, sem treguas, aos que, falseando um passado da liberdade, afocinham vergonhosamente no mesmo charco, já tradicional, da politica dos ultimos tempos.

Guerra, pois!

TEIXEIRA DE BRITO.

Isto é serio?

Quem ganha um conto de réis por anno tem o desconto de 20 por cento; quem ganha um conto de réis por dia fica com equal desconto.

### Theatro D. Luiz

Depois dos grandes melhoramentos que têm sido feitos nesta casa de espectaculos, vão dar-se duas recitas nos dias 17 e 20 do corrente, nas quaes representa o grupo dramatico-academico, superiormente dirigido pelo sr. Luiz da Gama, collaborando alguns socios do Club Gymnastico e a banda do regimento 23.

O producto d'estes espectaculos são a favor da empreza do teatro, a fim de cobrir as extraordinarias despesas que ha feito. A pintua da sala e panno de bocca, foi habilmente executada pelo distincto scenographo sr. João Cabral. São de bello effeito as decorações do tecto e camarotes, que dão á sala um bello aspecto.

Os preços para uma recita, são: Camarotes-frizas, e 1.ª ordem, 3\$000; 2.ª ordem, 2\$000; cadeiras, 600; superior, 500; varandas, 250 réis. Para as duas recitas: — camarotes-frizas e 1.ª ordem, 3\$000; 2.ª ordem, 2\$000; cadeiras, 1\$000; superior, 800; varanda, 400 réis.

Tomam-se assignaturas para estes espectaculos no escriptorio do teatro.

×

### «O Alarme»

Em virtude de grande numero de pedidos que de muitas terras do paiz nos tem sido feitos, resolvemos fazer uma outra edição do numero especial do *Alarme* de 31 de janeiro, commemorativo da revolução do Porto. Nesta segunda edição, a primeira pagina, que traz o retrato de João Chagas, sae embelezada com chromos.

Este numero acha-se á venda em Lisboa, Porto, e outras terras importantes de Portugal.

Os poucos exemplares que restam da tiragem de 1:000, que fizemos da 2.ª edição, acham-se á venda na redacção do *Alarme*.

O rei assignou que o ministerio transacto serviu a seu contento.

Mas Mariano de Carvalho confesso subtrahir dos cofres publicos milhares de contos! Seria a contento?

## 4:650 contos — Roubo

Mais uma patifaria é apresentada em publico. Nada menos d'um roubo de 4:650 contos, que vêm accusar dois francezes, srs. Duparchy e Bartissol na seguinte carta que enviaram de Paris, no nosso collega o *Seculo*.

Paris 29 de janeiro de 1892.— Sr. redactor do *Seculo*:—O sr. conde de Burnay, na ultima assembleia geral da Companhia Real dos Caminhos de Ferro, e o sr. Luciano Monteiro, no parlamento, declararam que nos foi paga a quantia de 7:000 contos de réis pela construção do tunnel e da Estação Central.

Esta asserção não é exacta. A construção d'esta importante e difficil obra, feita em virtude de um contracto regular, foi-nos paga pela quantia de 2:350 contos de réis.

Nenhum constructor com pratica d'esta natureza de trabalho, attendendo ás condições extraordinariamente difficis em que se encontrava o terreno, desagregado pelos tremores de terra, achará exaggerada a referida quantia.

Pedimos a v. que se digno dar publicidade a esta nossa declaração e aceitar as expressões da nossa mais subida consideração.—De v. etc.—Duparchy & Bartissol.

De primeira ordem — a denuncia e o roubo!

Mas os ladrões andam em liberdade e o governo não os persegue. Nunca suppozemos que este paiz desse taes exemplos de indignidade ao mundo civilizado; nunca imaginámos que dentro das instituições se podesse praticar tão grandes attentados; que a corrupção fosse tão completa; e que os nossos dirigentes levassem tão longe as suas proezas.

Porque é bom que se saiba. Nestas falcatruas, nestas infamias estão os nomes de ministros de estado, pares, deputados, condes, marquezes — toda a sucia de ladrões confessos que nos arruinam economica e moralmente.

Mas o que mais doe ainda é a indifferença do nosso povo, que não se levanta em protestos contra os que lhe diffamam a sua honra, que se não meche em brados patrioticos contra a infamissima quadrilha, que arrasta o nome da patria pelas ruas da depravação e da immoralidade!

E é nestas alturas que o governo vem pedir sacrificios ao povo, que lhe exige mais dinheiro?!!

Isto não póde ser, nem deve ser. Liquidem-se os ladrões em primeiro; obriguem-nos a repór o que subtraíram, confisquem-se-lhes os bens e a fortuna que arranjaram — roubando — e só então o povo póde aceitar esses sacrificios.

Sacrificado — crucificado — está elle; vendo exceder as suas despesas aos seus ganhos; luctando com crises medonhas que o lhaõ de conduzir a bem tristes desgraças.

4:650 contos é o ultimo roubo descoberto. O que virá mais?

Como tudo isto é edificante aos olhos das outras nações! E lembrarmos-nos de que o espirito publico se levantou em massa a repellir a affronta da Inglaterra, appellidando-a de nação de piratas!

E lembrarmos-nos de que a imprensa portugueza teve rugidos de indignação, quando em Londres, Portugal foi accusado de paiz de bancarroteiros!

Eterna vergonha! E tudo isto se deve aos bandos politicos que tem servido a monarchia e onde está filiada esta — grande quadrilha de ladrões!!!

TRAPEIRO.

### Heliodoro Salgado

Está emfim fóra do Limoeiro este nosso querido amigo e collega. Não é facil predizer por quanto tempo as justicias d'el-rei o deixarão gozar a liberdade, por isso que são alguns oitros processos de imprensa que ainda impendem sobre elle. Seja como fór, o seu animo não soffre tibiezas e a convicção das suas crenças é superior a essa desordenada corrente de acintosa perseguição, que, contra o jornalismo republicano vem movendo a gente da monarchia.

Heliodoro Salgado, pelo seu talento e pela sua abnegação, occupa na geração moderna do jornalismo democratico, uma posição altamente honrosa.

Ao amigo dedicado, ao correligionario sincero, ao collaborador intelligente, enviamos um cordalissimo abraço de fraternidade na hora em que, depois de seis mezes de expiação, veio gozar o sol radiante da liberdade!

Em telegramma communicam de Lisboa á *Voz Publica*:

Heliodoro Salgado, sahio do Limoeiro ao meio dia, sendo acompanhado por alguns amigos portadores da ordem de soltura, dirigindo-se em trem ao *Seculo*.

No restaurante Silva, grande numero de jornalistas republicanos offeceram-lhe um jantar, que esteve extraordinariamente concorrido. Presidiu o sr. Feio Terenas.

Houve entusiasticos brindes a Heliodoro Salgado, aos jornalistas presos, aos vencidos e á imprensa do norte.

O sr. Magalhães Lima entrou pouco depois do jantar principiar, sendo recebido com uma salva de palmas, que agradeceu reconhecido.

O brinde por elle levantado a Heliodoro Salgado e aos republicanos portuguezes foi entusiastico.

No fim do jantar, Heliodoro Salgado foi cumprimentado por grande numero de amigos que alli foram propositadamente.

Esteve no teatro da rua dos Condes.

Á sua entrada no camarote, foi saudado por uma salva de palmas.

No fim do spectaculo, o publico fez-lhe alas, levantando-se vivas á liberdade d'imprensa, á patria, á democracia e ainda outros que a censura telegraphica não deixa passar.

### As economias:

Saiba-se que as despesas feitas com o comboio real para Villa Viçosa e regresso a Lisboa foram de 600\$000 réis!

Isto no reinado do sr. Dias Ferreira, e na occasião em que ao povo se pedem sacrificios.

### Instrucção primaria

Está aberta a matricula para o ensino d'instrucção primaria na freguezia de S. Bartholomeu.

O professor é o sr. Duarte Mendes da Costa, muito considerado e de cuja competencia tem dado provas, merecendo o elogio dos seus superiores.

Vamos, pois, ter mais uma escola d'ensino e a junta de parochia pode emfim conseguir os seus desejos.

Os nossos parabens aos dignos membros da junta.

## Ainda as economias dos governos constitucionaes portuguezes.

Tinhamos dito que o exercito não era preciso para a guerra e porisso podia empregar-se no serviço da policia, dispensando esta na maioria das terras onde está economisava a despeza que com ella se faz. E com effeito não ha recioo algum de aggressão estrangeira, mas quando se desse o caso, o nosso exercito sem os nossos corpos, ou com elles, seria sempre insufficiente para repellir victoriosamente a aggressão, porque todas as potencias vizinhas nos são muito superiores em força armada e mais recursos.

Da Inglaterra é que poderia virnos um insulto, porque não escrupulosa de agredir e insultar-nos, mas essa mesma para nos cercear as nossas possessões africanas, não precisa recorrer ás armas, consegue as suas pretensões por meio mais suave — pela diplomacia — e encontra da nossa parte quem se conforme com ellas, como ainda não ha muito presenciámos. Quando mesmo ella nos agredisse á mão armada, creio firmemente, que, vigorando as instituições, nenhum governo mandaria repellir a aggressão oppondo força á força. Não haveria um tiro! Desde a guerra peninsular, que o nosso exercito se não tem empregado se não em se trucidar uns aos outros em guerras intestinas, tendo ja soffrido da parte da França, no ultimo imperio, um ataque com toda a desconsideração, vindo tirar do nosso poder e dos nossos portos a embarcação — *Charles et George* — que tinha sido legalmente aprisionada pela nossa marinha, e extorquindo-nos ainda por cima uma indemnisação de 60 contos que lhe não era devida e que se lhe não devia dar. De que serviu o nosso exercito que não foi mandado a rechassar aquella despotica aggressão? Serviu do que serve agora e ha muitos annos — de encher quartéis, fazer paradas espectaculosas, ir ás romarias e ás feiras, e tambem tomar a sua parte nas fardadas eleitoraes, mais com o intuito, da parte das auctoridades, de incutir o terror, do que de proteger a liberdade do suffragio. Para estes serviços e outros que taes, permita-se-nos dizer, que, não é preciso um exercito tão numeroso, e tão dispendioso com esse estado maior que chegaria para o exercito da Russia. Pois que significa occupar o paiz militarmente, não havendo já uma terra mais populosa que não tenha um corpo inteiro? Por longos annos, muitas cidades tinham apenas um destacamento e hoje sem mais razão que justifique um semelhante apparatus bellico e uma formidavel despeza, cobre-se o paiz de força militar.

Será isto governar segundo os preceitos da justa e correcta administração e com a austera economia que todos os ministerios apregoam e todos põem de parte, substituido-a por despezas inúteis e insensatas, muitas vezes? Não. Isto assim é desgovernar. E não querem, ou fingem extranhar as crises? Não tem que extranhar. Os males que estamos soffrendo, que já são confessados por todos, e estão assentes como factos, são filhos de outros males; são filhos da falta de economia e da falta de moralidade que partindo do alto, desceu até ás ultimas camadas e está produzindo os mais funestos e perniciosos effeitos; são filhos de muitas dissipações, desperdícios, indevidas e erradas applicações, propositadas, ou por inconsciencia e negligencia.

A crise financeira que está patenteada no thesouro e na bolsa exhausta do contribuinte, não se realisaria, se cada ministerio dos que se têm succedido desde 1852, assignaladamente, cumprisse com o dever de gover-

nar pelos recursos proprios e se não mettesse, como se tem mettido, em jogos com a agiotagem, porque os agiotaes ganham sempre e a nação perde sempre, porque é quem paga o proprio e o juro.

Continuando com a resenha das costumadas economias dos governos portuguezes — constitucionaes — aos augmentos da despeza publica já referidas, seguiu-se o augmento dos ordenados da magistratura judicial, que ainda importam em avultada somma e esta despeza tambem podia e devia evitar-se, nas circumstancias apuradas do thesouro, e tendo em consideração a monstruosa divida publica e os exorbitantes impostos pagos pelo povo, e jámais quando essa nobre classe tambem não reclamára o augmento — honra lhe seja — além de que o subsidio ao empregado não é para o enriquecer, mas para lhe ministrar uma congruenta sustentação.

Depois d'isto seguiu-se na ordem dos contemplados com o incremento dos ordenados, em uma situação que se denominou progressista, e que nem conservadora chega a ser a numerosa classe dos empregados municipaes e das administrações dos concelhos, que — louvor lhes seja — tambem o não solicitaram e por isso devia evitar-se pelos motivos dados. Com tal expediente muito mais subiu a despeza. Recentemente, para que ficasse mais critica a nossa situação, foram creadas mais quarenta comarcas, subindo porisso muito mais alta a despeza publica com o numero de pessoal. Além de fallarem os meios, o serviço e o bem dos povos não exigiam, no momento critico em que já então se achava o thesouro, este sacrificio a mais.

Taboia, 1 de fevereiro de 1892.

BERNARDO JOSÉ CORDEIRO.

*Supprime-se o ministerio de instrução e deixa-se ficar todo o pessoal, onde ha lentes da Universidade em exercicio e jubilados.*

*O presidente do conselho tambem gozou d'isto.*

*E o povo ha de pagar mais impostos...*

### Sudario monarchico!

Para que bem se avaliem as tremendas ladroeiras que se tem descoberto em Lisboa, damos a nota das que já foram apuradas:

#### Roubos denunciados pelo governo:

Syndicato de Salamanca	5:350 contos
Banco Lusitano	1:544 »
Companhia Real	5:062 »
» nacional de caminhos de ferro	60 »
Banco do Povo	50 »
Companhia de fundição e forjas	20 »
Theatro de S. Carlos	10 »
Mala Real Portugueza	910 »
Divida fluctuante, contrahida para subsidiar escandalosas tramoiias	23:011 »

#### Roubo apurado no parlamento:

Dinheiro entregue á Companhia dos caminhos de ferro atravez de Africa	135 »
---	-------

#### Roubo denunciado na commissão de fazenda:

Titulo desviado pelo ministro Mariano de Carvalho, da Caixa geral dos depositos	4:000 »
---	---------

#### Roubo denunciado por Duparchy & Bastissol:

Obras do tunnel da Avenida	4:630 »
	44:802 »

E viva a monarchia. Abre a bolsa ó Zé — Cobre-te; põe o chapéo, Martins!

### Operarios sem trabalho

É desoladora a situação das classes operarias, principalmente nos principaes centros da actividade.

Em Lisboa a classe operaria tem trabalhado quanto possivel para melhorar as suas tristes condições: já solicitando das auctoridades civis; já dirigindo-se ao sr. ministro das obras publicas, e por ultimo ao parlamento.

Todos lhe promettiam, de todos recebiam palavras esperanças; mas é certo que as difficuldades na vida augmentavam-lhe e os desgraçados operarios viam-se sem pão para si e para os seus.

Formando o cortejo, que era enorme, seguiu este pela rua do Ouro, levando um lençol seguro pelas extremidades, onde eram recolhidos os donativos.

Em face d'isto reuniram-se decidindo organizar um bando pederatorio.

Na terça feira a commissão dos trabalhos saiu com o fim de percorrer as principaes ruas da cidade, pedindo esmola para os companheiros.

Serviu de labaro um pedaço de panno branco onde escreveram estas palavras: — *Pão ou trabalho para os operarios sem trabalho.*

Ao entrarem na rua do Ouro os membros da commissão tiraram os chapéos, começando o pederatorio.

Cerca de 300 individuos, descobertos, silenciosos, começaram caminhando vagarosamente pela rua do Ouro abaixo. O espectáculo era altamente commovedor e surpreheu toda a gente que presenciou; das janellas, dos estabelecimentos, dos carros americanos, de toda a parte, emfim, pobres e ricos deitavam no lençol uma moeda de cobre, ou uma cedula.

O cortejo proseguia debaixo da melhor ordem; constando o facto no governo civil, a policia recebeu ordem de obstar a que elle continuasse. Por isso, quando chegou proximo da esquina da travessa da Assumpção, foi recebido por uma força de policia, commandada pelo chefe Costa, que convidou a commissão a enrolar o estandarte e a acompanhá-lo ao governo civil.

Este convite da parte da policia provocou, a principio, grande desgosto no grupo de operarios, que então era enorme, e alguns perguntaram em voz alta:

— Vamos todos presos?

— A ser um, vamos todos, todos! acrescentaram outros.

Neste momento, alguns estabelecimentos, receiando um conflicto, fecharam. Entretanto os operarios, socegados pela commissão, calaram-se e, accedendo ao convite da policia, dirigiram-se para o governo civil.

A esquina da rua Ivens para a rua do Capello, parou a commissão e fez saber aos operarios que a auctoridade pedia que aguardassem alli a sua volta, enquanto ella ia ao governo civil.

Todos pararam immediatamente e a commissão, acompanhada pelos chefes de policia Costa e Basilio, dirigiu-se ao governo civil. Alli era a commissão esperada pelo sr. commissario geral de policia, que lhes disse haver ordem no ministerio das obras publicas para se dar trabalho a todos os operarios que o não tivessem.

Esta participação, que foi transmitida aos operarios Sampaio e Constantino encheu de alegria aquellas dezenas de individuos que retiraram para suas casas, alimentando a esperança de ao outro dia não lhes faltar o pão para seus filhos.

### Moralidade monarchica:

*Estão presos os falsificadores de notas; andam em liberdade os falsificadores de cedulas.*

*Diferença: — uns são pobres diabos, sem posição e sem nome no cadastro dos titulares; outros tem assento na camara dos pares, e são grandes senhores.*



## O novo governo

Não ha duvida que queremos a Republica!

Mas ha diferentes modos de querer uma Republica: uns querem-na, sem mesmo se preocuparem com as circumstancias internas ou externas do paiz, e sem saberem se terão meios de a consolidar no futuro, ou se terão um pessoal sufficientemente habilitado, para a garantir no presente; — diz o que acabamos de transcrever, o sr. Magalhães Lima no *Seculo* de 22 do corrente.

Tivemos de ler duas e tres vezes, e mesmo transcrever para acreditar-mos o que acima se lê.

Esta linguagem é a condemnação irreparavel do *Seculo*; se terão pessoal sufficientemente habilitado!

Dar-se-ha o caso que o sr. Magalhães Lima, tendo-se como um republicano convicto, pense d'essa detestavel maneira?

Que nos desculpe s. ex.<sup>a</sup>, mas creia, que o que acaba de firmar é um insulto atirado ás faces do partido republicano.

Então onde e que s. ex.<sup>a</sup> quer encontrar homens habilitados? Na derrocada monarchia?

Oh! mas isso é um absurdo. Qualquer que tenha as luzes das primeiras letras, comprehendendo perfectamente os *elixires* dos Marianos, dos Lopus, dos Navarros, emfim, d'essa cafila a quem, no parlamento, o sr. Valladas chamou *crise de ladrões*.

Será nessa gente, e nesta que serve os mesmos principios e que ha de seguir as pisadas dos seus antecessores, (referimo-nos ao ministerio Dias Ferreira) que s. ex.<sup>a</sup> quer encontrar homens competentes para a salvação da patria?

O ex-órgão do sr. Dias Ferreira, pela penna do sr. Magalhães Lima, illude-se e deseja illudir os outros; este ministerio é simplesmente um compasso de espera, é mais uma canga no pescoço d'este infeliz povo.

Do mesmo artigo transcrevemos o seguinte periodo:

«Ha dois annos que toda a imprensa pede, em altos brados, redução nas despezas publicas; ha dois annos que se reclama ordem nas finanças e moralidade na administração; ha dois annos que se exige protecção para o trabalho nacional, como unico meio de fazer face á crise economica, ha dois annos que se dizia e repetia que estavamos perdidos e que se tornava urgente um governo decidido e energico que atalhasse o mal pela raiz!»

Agora perguntamos: será nessa gente que actualmente está no poder que s. ex.<sup>a</sup> encontra um governo despotico — perdido, decidido e energico?

Duvidámos; e temos amplos elementos para duvidar.

Falla-se nos grandes cortes, nas grandes economias, emfim, em immensas reduções.

Palavras, palavras, simplesmente palavras...

— Que descrentes estamos dirá s. ex.<sup>a</sup>.

Mas, o que temos visto? que de boas palavras se serviram os governos atzados, e que fizeram? cavar mais a nossa ruina.

Nunca acreditámos nem acreditaremos em homens que servem esse canero que nos corroe.

Basta, ou somos republicanos ou monarchicos, onde ha pau de dois bicos, parece-nos que não ha tranquillidade de consciencia!

— Que elementos ha para condemnar o ministerio Dias Ferreira? — perguntar-nos ha ainda s. ex.<sup>a</sup>.

Vamos expór em duas palavras. A moralidade dos ministros da fazenda e justiça, as palavras do sr. Dias Ferreira no parlamento são a condemnação d'essa gente.

Para acabarmos diremos, que todo o republicano deve fazer guerra aberta aos homens que servem uma monarchia odiada por um povo digno de melhor sorte.

Ferreira de Zezere, 26 — 1 — 92.

FERNANDO CALDEIRA.

*Espera-se sejam descobertas mais ladroeiras na caixa filial do Banco Lusitano, no Porto.*

*Vê-se que é enorme a quadrilha.*

### «A Portugueza»

É amanhã que apparece este novo diario portuense, cuja direcção pertence ao sr. Machado d'Almeida, vigoroso jornalista e um sincero republicano.

São redactores effectivos os srs. Raul Radich e Jayme Filinto. Em folhetim publicará a *Portugueza* a traducção do *Jacques Damour*, de Zola, cuja permisação lhe foi concedida.

Os primeiros escriptores do partido republicano collaboram na *Portugueza*.

Desejamos-lhe largo futuro.

Um aperto de mão a Machado de Almeida, um incansavel nas luctas pela grande ideia.



### Theatro-Circo

Teem continuado todas as noites os espectaculos da companhia Enrique Diaz.

A animação vae rareando porque ultimamente tem faltado a affluencia de gente, certamente devido ao excessivo dos preços e á falta de variedade nos trabalhos. Parece-nos, como já dissemos, que empreza e companhia teriam mais a lucrar se em lugar de dar entrada a militares e a creanças por metade do preço commum, reduzisse os preços geralmente a uma quantia mais adequada a espectaculos d'este genero. Emfim, claro está, que esta desinteressada opinião só tem em mira conciliar os interesses da companhia e da empreza com os desejos razoaveis do publico.

Nos ultimos dias teem-se estreitado varios artistas de apreciavel habilitade. Barberina que monta garbosamente produziu bello effeito. O palhaço Rodolpho na barra comica faz um exercicio de valor.

O entusiasmo lorpa pela *ecuyère* Jenny vae-se desvanecendo a pouco e pouco. Sente-se sempre isto onde o temperamento nevrotico dos vaidosos substitue a justa noção da realidade das cousas. Parece-nos inquestionavel que Jenny monta regularmente bem; mas d'ahi até ao estabelecimento systematico d'uma *claque* importuna, vae muito.

Esta censuravel attitude foi que naturalmente provocou a reacção, produzindo tudo um estopante alarido de quarta-feira de-trevas que se tem impingido a quem alli vae para estar socegadoamente.

É preciso, pois ser-se razoavel de parte a parte para que se não dêem casos desagradaveis como os que já se teem dado. A auctoridade, que deve servir para mais alguma cousa do que prender arbitrariamente cidadãos inoffensivos e fazer outras offensas ás leis e ás regalias individuaes, cumpre vigiar por todos os excessos.

Hoje ha dois espectaculos: um á tarde, outro á noite.



### Começa a chicana!

No processo em que o sr. Mendonça Cortez e outros se acham pronunciados pele crime de furto e abuso de confiança, já aggravou um dos reus, o sr. Antonio Victo dos Reis o Sousa, de que é advogado o sr. dr. Alves de Sá.

O agravo deve subir ao tribunal da Relação logo que esteja extrahido o traslado, visto o processo conter ainda segredo de justiça.

E temos processo para d'aqui a 20 annos.

## RECLAMES

**Calçado e tamancos**—Sola e cabedaeas—Antonio Augusto da Silva—rua dos Sapateiros, 2 a 6.

**Caldas da Cunha**—Modas e confeções, ultimas novidades de Paris e Berlim—rua F. Borges 417.

**Correio e selleiro**—estabelecimento de Evaristo José Cerqueira—rua da Sophia.

**Casa Leão**—Loja de pannos e atelier de alfaiate—Rua Ferreira Borges.

### Para variar

Bocage, cavalgava uma vez, num burro, cujo pescoço tinha um tamanho descommunal.

Um patusco, querendo divertir-se á custa do poeta, perguntou-lhe a como vendia elle cada covado do pescoço do jumento.

Bocage, virando-se para traz e levantando o rabo ao animal, respondeu sorrindo:

—Entre para a loja; eu não faço negocio no meio da rua.

—A gymnastica, dizia um professor d'esta especialidade, é a melhor de todas as medicinas possiveis e imaginaveis! Produz sempre o efeito de duplicar as forças e de polongar a vida.

—Oral, replicou uma das pessoas presentes, encolhendo desdenhosamente os hombros: os nossos avós não faziam gymnastica, e no entretanto...

—E' verdade, não faziam! atalhou o professor; mas por isso morreram todos.

**Drogaria e deposito de tintas** de Mattos Areosa—rua de Mont-arroyo, 25 a 33.

**Funilleiro**—estabelecimento de Luiz d'Almeida Junior—Obra em folha branca—rua do Corvo, 55 a 57.

**Instrumentos de corda e seus accessorios**—Augusto Nunes dos Santos—rua Direita, 48.

**Manoel d'Oliveira** com estabelecimento d'amação, afação, barbear e cortar cabelo na rua do Paço do Conde, 41, Coimbra.

### Para variar

—É aqui o café dos asnos? perguntou um gracioso a um creado que estava á porta d'uma casa de pasto.

—É aqui, senhor; pode entrar... respondeu o creado, inclinando-se.

Um bebedor incorrigivel, tomou um dia tamanha *perua* que, caído, quebrou a cabeça, ficando em estado perigosissimo. Levaram o homem para o hospital, e quando lá chegou estava quasi nos ultimos momentos da agonia; entrou o confessor no quarto do ferido, mas este recusou confessar-se.

—Para que? dizia elle, se não commetti outra falta que não fosse ter bebido vinho ruim!

—Arrependeis-vos, lhe diz o confessor, e prometteis, se Deus vos der vida, nunca mais beber?

—Do ruim? responde o moribundo, oh! certamente.

**Mercearia**—José Paulo Ferreira da Costa—rua Ferreira Borges.

**Officina de calçado**—Antonio da Silva Baptista—Trabalhos em todos os generos—Sophia.

**Professora complementa**r—R. da Sophia, 15—Recebe alumnas internas, semi-internas e externas, ensina e apronta para exames.

**Sola e cabedaeas**—Vendas por junto e a retalho—Ricardo Pereira da Silva—rua dos Sapateiros.

### Suspensão de garantias

Fez no dia 5 um anno que recebemos intimação policial para a suspensão do antigo bi-semanario a *Officina*.

Damos hoje a relação d'outros jornaes cuja publicação foi suspensa:

No districto d'Aveiro—O jornal *O Povo d'Aveiro*.

No districto de Coimbra—Os jornaes *A Officina*, *O Sargento* e o *Primeiro de Maio*.

No districto de Faro—*O Porvir*. No districto da Guarda—*O Correio de Pinhel*.

No districto de Lisboa—*Os Debates*, *A Patria*, *O Caçador Simão* e o *Alemquerense*.

No districto do Porto—*A Republica*, a *Republica Portuguesa*, o *Correio do Porto*, a *Justiça Portuguesa*, e o *Grillo de Gaia*.

No districto de Villa Real—*O Commercio de Chaves*.

No districto de Vizeu—*A Democracia da Beira* e *O Povo Beirão*.

### Á «Voz Publica»

Já aqui prevenimos o collega da imputação que lhe devia merecer o papelucho do homem-chato, que nesta cidade se publica.

O collega teimou em dar-lhe importancia. Agora, assaltada novamente pelo malandrim, o nosso collega diz:

«O que parece impossivel é que não haja por essas terras de Christo (Coimbra) quem saiba obrigar as canalhas que vomitam d'aquellas infamias sobre os republicanos a engulir o que fizeram; cá no Porto, não eram os bilhotes capazes de dizer aquillo, nem metade...»

Nós observamos ao estimado collega que o sobredito *chato* é irresponsavel como todos os idiotas, e que a razão por que elle diz tudo o que lhe apraz sem que lhe partam as ventas, é precisamente por isso e tambem por que um homem honesto sentir-se-hia sujo ao tocar em tão despresivel entidade.

Percebeu, collega?

### Processo d'um par do reino

Eis o texto do parecer da commissão de legislação, da camara dos pares, sobre o processo de Mendonça Cortez:

«Senhores.—A vossa commissão de legislação, a quem foi presente o processo de querella por abuso de confiança em que vem pronunciado o digno par do reino, conselheiro João José de Mendonça Cortez;

Considerando que, conforme o artigo 4.º da lei de 24 de julho de 1885, a esta camara, como corpo politico, compete decidir-se o par pronunciado deve ser suspenso das funções legislativas, e outrossim se o processo deve seguir no intervallo das sessões ou depois de findas as funções do indicado;

Considerando que o facto imputado ao referido digno par, conforme o despacho de prenuncia, é de tal natureza e gravidade, que bem justificam a suspensão das suas funções;

Considerando que o indicado é par vitalicio, e portanto que tem de ser julgado no intervallo das sessões:

E' de parecer:

1.º Que o digno par indicado seja suspenso das funções legislativas;

2.º Que siga o processo seus termos para ser julgado no intervallo d'esta para a seguinte sessão legislativa.»

Este parecer foi approvedo. E ainda lhe chamam *digno*. O que é a praxe!...

*Já se diz que as economias são uma burla. Quer dizer: os «bemaventurados» continuam no gozo das grandes pastas, e o contribuinte é que pagará tudo.*

*Ninguém põe em duvida.*

### Apoiadissimo

O digno deputado sr. Eduardo Abreu, na reunião da commissão de fazenda, fez uma declaração importante, da qual damos o seguinte extracto:

«Entende que a commissão se deve constituir em sessão permanente, trabalhando noite e dia na revisão do orçamento do estado.

«Alli juntará á redução de 20 p. c. na lista civil, espontaneamente lebrada pelo chefe do estado uma nova redução progressiva nas diferentes verbas da mesma lista, isto acompanhado de energicas disposições no sentido do thesouro publico não abonar quantia alguma para despesas de pavilhões, solemnidades de corte, civis ou religiosas, thronos ambulantes viagens por terra ou por mar, obras nos palacios, castellos, jardins ou tapadas reaes e tantas outras que figurem espathadas nos diferentes capitulos de todas as contas da gerencia dos diferentes ministerios prefazendo uma totalidade de algumas centenas de contos a mais da lista civil.

«Alli estabelecerá que o limite de ordenados, juntos com gratificações, nunca excederá a 2:000\$000 réis.

«Alli se especificará que nenhum par ou deputado poderá receber ordenado do Estado e ordenados de bancos ou companhias, mais ou menos dependentes do Estado.

«Alli estabelecerá que nenhum ministro ou embaixador de Portugal no estrangeiro, poderá receber mais de 6:000\$000 réis por anno, como somma total e maxima entregue pelo thesouro. Assim, se um ministro ou embaixador receber por um ministerio 2:000\$000 réis como empregado jubilado ou ainda não jubilado, e por outro ministerio 1:600\$000 réis por este ou aquelle serviço, não poderá receber além d'estas duas quantias, mais do que a differença que d'ellas vae até 6:000\$000 réis, isto é, 3:000\$000 réis.

«Alli finalmente cortará implacavelmente.

«O orçamento assim reduzido será apresentado ás camaras. E convertido em lei será posto em execução no 1.º do anno economico.

«Neste intervallo o sr. ministro da fazenda irá tratando de fazer entrar nos cofres publicos o mais que puder alcançar dos milhares de contos que illegalmente foram desviados para bancos e companhias particulares. Levará a sua acção, em nome da verdadeira salvação publica, ao ponto de sequestrar bens moveis e immoveis d'esses bancos ou companhias.

«Os bancos ou companhias que estiverem funcionando serão diariamente assistidos em todos os seus actos e transacções por delegados especiaes do poder executivo, encarregados de mandar escripturar no balanço diario o credito do governo sobre os mesmos bancos ou companhias pelas quantias que illegalmente receberam.

«Da receita diaria d'esses bancos ou companhias será apartada uma quantia por conta dos juros do capital que illegalmente receberam e diariamente entregue no Banco de Portugal á ordem do sr. ministro da fazenda.

«Discutido e votado o orçamento e immediatamte posto em execução e tomadas todas as providencias indicadas, ou outras, no sentido do thesouro ter garantidas as quantias que faltam, então pôde o illustre ministro da fazenda dizer ao paiz que faltam ainda 5, 6 ou 7 mil contos para o equilibrio orçamental.

«Neste momento é que a commissão poderá occupar-se do projecto do sr. ministro.

«Depois de se ter cortado e moralisado é que se poderá dizer quanto falta para o equilibrio orçamental.»  
Apostar em como tudo isto ha de ser uma letra morta e que o governo abandonará por completo a moralidade e a justiça d'estas medidas economicas.

### Falta de espaço

Temos em nosso poder uma carta do nosso amigo sr. José Madeira Marques, de S. Pedro d'Alva, em que rectifica umas asserções que a proposito d'um raptó, que aliás não houve, se fizeram em uma correspondencia de Penarova para o nosso collega do Porto a *Ideia Nova*.

Irá no proximo numero.

### Incompatibilidades politicas

Terminou já os seus trabalhos a commissão de incompatibilidades, da camara dos pares, que nomeou seu relator o sr. Thomaz Ribeiro.

A commissão terá ainda uma reunião para ouvir ler a redacção do relatorio e do projecto de lei, esperando-se que ainda nesta semana, ou principio da seguinte, apresentará á camara esses documentos.

### Assim, assim!...

Mariano de Carvalho ainda vae ao parlamento. A policia deixa-o em paz.

Em Mondim da Beira o administrador do concelho mandou recolher á cadeia uma mulher e dois filhos menores por estes terem roubado d'um baldio uma porção de matto, avaliado em 20 réis!

Considera Mariano: a vida está para os ladrões ricos.

### Alma generosa

Attendam os leitores:—Na Avenida da Liberdade, 13 operarios cercaram o trem em que ia o infante D. Alfonso e, tirando os chapéus, disseram: «Somos operarios sem trabalho. Temos fome» O infante, como resposta, tocou os cavallos, fazendo avançar a carruagem.

Interveiu a policia, prendendo os operarios.

Esta prisão tem sua graça; mas está bem. Prende-se um homem porque pede esmola; e deixa-se á solta um ladrão que rouba contos de réis.

Que pena terá o codigo para os que pedem esmola a um infante?

### Tolos eram elles!

A carta do conselho, diz o *Seculo* é inherente ao cargo de ministro. A lei de 26 de março de 1845 dispensou dos direitos de mercê os ministros, mas obrigou-os ao pagamento dos emolumentos e sellos, que importavam em cerca de réis 143\$000. Todos os ministros, desde 1845, se tem ficado com o titulo de conselheiros, mas terão todos elles pago os emolumentos e os sellos?

São cousas difficeis de apurar. Mas contudo postavamos em como a maioria dos taes ministros nunca pagaram um real para tal imposto.

Olhem o Mariano a desembolsar 143\$000 para o thesouro. Dá cá uma pistola!

### Banco do Povo

Vão-se apurando boas coisas no processo do *Banco do Povo*.

De quarenta e tantos individuos cujos nomes figuram nas letras depositadas no *Banco Lusitano* como deposito ao emprestimo feito ao *Banco do Povo pelo Merchant Banking*, apenas appareceram sete que declararam nunca terem firmado taes letras. Os restantes, que não existem, como se averiguou, são puramente phantasticos.

Falta ainda procurar 60 dos taes individuos, com os quaes se dará, provavelmente o mesmo que se deu com os outros.

Do exame feito no escriptorio do administrador da massa fallida do mesmo Banco, apurou-se, que a escripturação esta feita por modo tal que d'ella resulta ser o guarda-livros Neves Junior ainda credor á caixa de dois contos e tanto.

Isto está peor que o pinhal d'Azambuja!

### Accusação a Mariano de Carvalho

Despertou extraordinaria sensação a proposta que o illustre deputado Manoel d'Arriaga apresentou no parlamento para que fosse decretada a accusação do ex-ministro da fazenda Mariano de Carvalho, e nomeada uma commissão de inquerito para averiguar se tem cúmplices nos desvios de dinheiros dos cofres publicos de que é accusado aquelle ex-ministro.

Esta proposta é acompanhada de importantes considerandos.

Veremos o que faz este governo. Ha de ser bonito se engole a proposta.

*O governo pede augmento de impostos ao contribuinte; os merceiros, padeiros, marchantes, etc., pedem augmento nos generos alimenticios ao consumidor.*

### Noticias diversas

Diz um jornal da provincia, que está paralyzado o mercado de vinhos em toda a provincia da Extremadura. Os preços tendem a baixar. Na Bairrada fazem-se vendas a 800 e 850 réis cada medida de vinte litros. Estamos convencidos que ainda virá para mais baixo preço, porque as adegas estão cheias de vinho e não se sabe onde elle ha de ser consumido.

No concelho de Tabuaga apenas 14 lavradores requereram licenças para se dedicarem á cultura do tabaco.

Em algumas freguezias ruraes de Guimarães os larapios tem assaltado algumas pessoas, e principalmente nos dias em que ha feiras naquella cidade ou nas Tappas.

Em alguns concelhos do districto de Aveiro, os lobos, acossados pelo frio, tem descido aos povoados. Por tal motivo, os rebanhos tem sofrido bastante.

Em Fornos de Algodres ardeu o edificio em que estavam alojadas todas as repartições do concelho e camara da mesma villa. Suppõe-se que o incendio foi casual.

Está vago um dos partidos medicos do Compromisso Maritimo, de Olhão, com o vencimento annual de 550\$000 réis pagos mensalmente.

Consta que está sendo levantado um auto de noticia e investigação na administração do concelho da Covilhã, por certas irregularidades e abusos de que varias pessoas se queixam contra a guarda fiscal.

Algumas camaras municipais tem solicitado do governo a prorogação do prazo para a cobrança de contribuições.

Foi declarado infeccionado de febre amarella, desde 1 de janeiro ultimo, o porto da Bahia.

O comboio de mercadorias entre Pombal e Lisboa descarrilou á entrada da estação de Sant'Anna.

Em Faro vae proximamente estabelecer-se uma fabrica de bolachas.

### AGRADECIMENTO

Extremamente gratos para com os cavalheiros que nos obsequiaram, acompanhando o feretro de nosso saudoso pae; para com os que nos enviaram seus sentimentos, e ao ex.<sup>mo</sup> sr. Manoel José da Costa Soares e ao nosso amigo sr. Alexandre Horta pelos favores que gratuitamente nos dispensaram, usamos d'este meio, para tornar bem publico o nosso sincero agradecimento.

Por qualquer falta, que involuntariamente commettessemos, pedimos desculpa.

Coimbra, 6 de fevereiro de 1892.

Ismael Teixeira da Silva, (ausente),  
Joaquim Teixeira de Sá.

**R**OTULOS PARA Pharmacia Brevidade e nitidez Typ. Operaria Coimbra  
**E**NVELOPES E PAPEL timbrado Impressões rapidas Typ. Operaria Coimbra  
**P**ARTICIPAÇÕES DE CASAMENTO Menús, etc. Perfeição Typ. Operaria Coimbra  
**U**LTIMA NOVIDADE em facturas Especialidade em cores Typ. Operaria Coimbra  
**B**ILHETES de visita Qualidades e preços diversos Typ. Operaria Coimbra  
**L**IVROS e jornaes Pequeno e grande formato Typ. Operaria Coimbra  
**I**MPRESSOS PARA repartições publicas Typ. Operaria Coimbra  
**C**ARTAZES Prospectos e bilhetes de theatro Typ. Operaria Coimbra  
**A**VISOS PARA Lelloes, casas commerciaes, etc. Typ. Operaria Coimbra

14, LARGO DA FREIRIA, 14

**BANCO COMMERCIAL DE COIMBRA**

Sociedade anonyma de responsabilidade limitada

116 **P**or ordem do Ex.<sup>mo</sup> Vice-Presidente da Assembléa geral, são convidados os Srs. Accionistas, que fazem parte da mesma assembléa, a reunir na casa do Banco, na rua do Visconde da Luz, n.º 88, d'esta cidade, no dia 18 do corrente pelas 7 horas da noite, a fim de se dar cumprimento ao disposto no artigo 14.º dos Estatutos.

Coimbra, 3 de fevereiro de 1892.

O 1.º secretario,  
Miguel Braga.

**GRANDE NOVIDADE**

107 **C**hegou grande remessa de chouriças d'Elvas, fari-neiras e morcellas de sangue.

Ditas de Castello de Vide. Garante-se a boa qualidade. Preços sem competencia. Qualquer pessoa que compre e não goste recebem-se e entrega-se o seu dinheiro.

E. Gonzaga & C.<sup>a</sup>

72, Rua da Sophia 72,

José Gonçalves da Cruz

**NA HORA SUPREMA**

(HOMENAGEM AOS VENCIDOS)

Preço 50 réis

A venda em todos os kiosques. Qualquer pedido deve ser dirigido, acompanhado do importe, ao auctor, cadeia da Relação, Porto.

**Folhetim do «Alarme»**

SENIO

**O TRONCO DO IPÉ**

(SEGUNDA PARTE)

XIV  
Sombras

Mas esse mysterio lhe pertencia á ella tambem, porque pesava fatalmente sobre a sua existencia e lhe arrebatava a felicidade tão sonhada. Ella se julgava com direito de penetrar na consciencia de Mario; desvendar o arcano; e disputar a esse inimigo ignoto a affeição do seu companheiro de infancia, do escolhido de seu coração.

Para isso não recuaria diante de qualquer perigo, e comtudo parou indecisa ao limiar da porta, que não se animava a transpôr. Se a morte guardasse aquella presa, não recuaria; mas era o pudor. A menina retrocedeu depois de longa hesitação: contrariada pela ideia que mais tarde Mario restabelecido da commoção nada revelaria.

Nas horas que decorreram até o jantar, Alice inventou varios pretextos

**A CURA DAS PURGAÇÕES**

COM O BLENORRHICIDA

99 **O** *Blenorrhicida* é o non plus ultra da sciencia para a cura de todas as purgações, antigas ou modernas, ou catarrhos de bexiga. Provam-no o espantoso consumo e os elogios dos que só com elle se curaram, depois de experimentarem todos os medicamentos:

DEPOSITOS: — Coimbra, pharmacia Ferraz, rua de Ferreira Borges, 152; e drogaria Rodrigues da Silva. — Figueira da Foz, pharmacia Sotero, praça Nova. — Aveiro, Pharmacia Moura.

Preço 500 réis, pelo correio 640 réis.

**TINTURARIA DE P. J. A. CAMBOURNAC**

14, LARGO D'ANNUNCIADA, 16 LISBOA RUA DE S. BENTO, 420

Correspondente em Coimbra

Antonio José de Moura Basto, — Rua dos Sapateiros, 26 a 28

OFFICINA A VAPOR DA RIBEIRA DO PAPEL

ESTAMPARIA MECHANICA

11 **T**inge lã, sêda, linho e algodão em fio ou em tecidos, bem como fato feito ou desmanchado. Limpa pelo processo parisiense: fato de homem, vestidos de senhora, de sêda, de lã, etc., sem serem desmanchados. Os artigos de lã, limpos por este processo não estão sujeitos a serem depois atacados pela traça. Estamparia em sêda e lã.

Tintas para escrever de diversas qualidades, rivalizando com as dos fabricantes inglezes, allemães e francezes. Preços inferiores.

**CARNAVAL 1892**

112 **O** primeiro deposito de artigos para o Carnaval para sortir revendedores, é na *Mercaria Encarnação Gonzaga & C.<sup>a</sup>*, na rua da Sophia, n.º 72. — Coimbra.

Sortimento, qualidade e preços sem competitor. Remettem-se catalogos aos commerciantes que os requisitarem.

**JULIÃO ANTONIO D'ALMEIDA**

20—Rua do Sargento-Mór—24

33 **N**o seu antigo estabelecimento concertam-se e cobrem-se de novo, guarda-soes pelos seguintes preços:

Guarda-sol para homem, coberto com a melhor seda portugueza, réis 1,900; idem para senhora, 1,500 réis.

Tambem tem fazendas de lã e algodão para coberturas baratas. Garante-se a perfeição do trabalho encomendado nesta casa.

de arranjos domesticos para passar e repassar diante da porta de Mario. Uma vez parou tremula, como se quizesse entrar, mas fugiu logo; outra chamou o mancho, mas com a voz tão soturna que elle não a podia ouvir; finalmente animou-se a bater devagarinho, mas correu assustada do que fizera.

O jantar foi triste.

A ausencia de Mario annuviou ainda mais o lindo semblante de Alice, que era a alegria d'aquellas reuniões de familia. O barão de-de muitos dias que andava preocupado; seu olhar unido de profunda piedade e accendido no pranto derramado durante a insomnia; seu olhar inquieto interrogava á miudo o semblante da filha querida; depois como se retrahia ao intimo, para derramar ali nos seios d'alma a lagrima que a vergonha não lhe deixava cabir das palpebras, em face dos extranhos.

A baroneza apesar de sua habitual impassibilidade não se podia esquivar ao contagio da tristeza que a cercava. Não conhecendo embora as causas da mudança; parecia-lhe que uma desgraça ameaçava a familia.

O conselheiro depois da catastrophe do chinó, andava acabrunhado, e resolvera recolher immediatamente á corte; projecto que matou as esperanças de Adelia e de seus doisapai-

xonados: Lucio e Frederico. Quanto á D. Luiza e D. Alina, contrariadas pelo geito que iam tomando as cousas, e receiosas de ver goradas os seus projectos matrimoniaes, estavam de uma impertinencia que o proprio sr. Domingos Paes, o mais paxorrento de todos os compadres feitos e por fazer, não supportava.

E' verdade que o homem tambem naquelle dia tinha posto as candeias ás avessas para ver se descobria lá por dentro algum expediente que o salvasse. Desde o dia do salto mortal do maldito pato, que o sr. Domingos Paes não sabia onde se metter; é d'esses casos em que um homem desejaria applicar a si uma figura grammatical, e fazer uma ellipse de sua pessoa, para não ser visto, ficando apenas subtendido no almoço, no jantar e na ceia. Todas as vezes que seus olhos cabiam sobre o respeitavel chinó, este fazia-lhe o effeito da cabeça da Meduza; petrificava-o.

O compadre comia, e talvez mais do que de costume; porém, isso mesmo era uma prova das tribulações porque havia passado. A tristeza produzia-lhe uma grande excitação nervosa.

— Sr. vigario; disse o compadre levantando a cabeça de repente: sabe v. reverendissima uma coisa?

— Saberei.

**ALVIÇARAS**

117 **P**erdeu-se desde a travessa da rua do Loureiro, até á porta do ex.<sup>mo</sup> sr. padre Ricardo, rua do Loureiro, uma carteira com um pequeno valor. Pede-se a quem a achasse o favor de a entregar na Padaria do Arco d'Almedina, onde receberá alviçaras.

**CARNAVAL**

113 O estabelecimento que tem mais deposito de artigos de carnaval é a bem conhecida casa — **SERIO VEIGA** — Rua da Sophia. Coimbra. Remette catalogos com os preços correntes a quem os requisitar.

**SERIO VEIGA COIMBRA**

**PAPAGAIO**

113 **F**ugiu um. Quem o agarrou e o queira entregar a seu dono é na rua do Visconde da Luz, 90 a 92. Receberá alviçaras.

**PURO VINHO DE MESA**

104 **N**a mercaria — **CARNEIRINHA** — em Santa Clara, ao fim da Ponte, encontra-se á venda bom vinho da sua lavra, pelo preço de 90 réis, o litro. Garante-se a boa qualidade.

— Estou quasi pedindo-lhe para me benzer.

— Porque, homem?

— Não ando bom, não. V. reverendissima vê que tudo que eu faço sae torto; aqui andam artes do maligno!

Foi interrompido pelo voz do barão:

— Estão todos tão calados? Que é isto, meus senhores. Compadre Domingos Paes; vamos lá, uma saúde cantada!...

As palavras do barão, truncadas na pronuncia, sabiam-lhe dos labios por uma reacção nervosa. Percebendo uma lagrima que despontava nos olhos de Alice, fizera um esforço para arrancar a filha as seixmas dolorosas em que se absorvia, e suffocando a propria tristeza procurou desprezar o rumor e a alegria nos convivas.

O sr. Domingos Paes, apesar da sua hypocondria, encheu até as horas de vinho do Porto, um copo d'agua, e começou com um denodo admiravel:

Nossa carne secca  
Que vem do sortão,  
Os palos, presuntos  
Melhores não são!

Depois de repetir duas ou tres vezes essa cantiga nacional que lhe ensinára um paulista, o compadre proclamou o brinde:

**EMPREGADO**

115 **O**FFERECE-SE um para serviço de cartorio ou escriptorio, com habilitações, boa calligraphia e escrevendo correctamente. Carta a esta redacção com as iniciaes A. P. R.

**CONVENIENCIA**

110 **V**ENDE-SE ou arrenda-se uma propriedade no sitio do Loreto, aros d'esta cidade, denominada Vinha do Celleiro, que se compõe de casas d'habitação, adega, terra de vinha e de sementeira.

Para tratar rua Direita, n.º 16.

**BANDEIRAS**



Balões venezianos

Balões á crivas

ILLUMINAÇÃO

USADA NO MINHO

Alugam-se

vendem-se. Encarrega-se de quaesquer festejos em todos os pontos dopaiz.

**SERIO VEIGA SOPHIA**

**Bom emprego de capital**

94 **V**ende-se um magifico pre-dio situado na rua de Ferreira Borges, a rua mais bonita e commercial de Coimbra, que dá um bom rendimento.

Para esclarecimentos — Largo do Principe D. Carlos, 2 — Coimbra.

— A' saude do sr. major Tavares e do sr. commendador Mattos, illustres paes de seus filhos!...

Estrondosa gargalhada acolheu o brinde. O desejo do barão não podia ser melhor satisfeito, ninguém se pôde conter; só o sr. Domingos Paes ficou impertubavel no meio d'aquella hilaridade prolongada, procurando lembrar-se dos nomes dos filhos dos dois personagens.

Entretanto o major e o commendador cada um de seu lado riam-se para não parecerem que davam o cavaco; mas estavam furiosos porque entendiam lá de si para si que o brejeiro do compadre quizera por aquelle meio de alcinhar a um de carne secca e ao outro de paio.

Os cochichos, os risinhos sumidos, os olhares trocados, puzeram as orelhas dos dois personagens e de seus filhos a arder, de modo que o sr. Domingos Paes levantou-se da mesa com quatro inimigos.

O compadre decidiu fazer-se exorcizar essa mesma noite; e caso o vigario não se prestasse a cerimonia punha-se de molho na pia da capella.

(Continúa).

Impresso na Typographia Operaria — Largo da Freiria, n.º 14, proximo á rua dos Sapateiros — Coimbra.

Redacção e administração

LARGO DA FREIRIA

Não se restituem originaes sejam ou não publicados

Assumptos de redacção, dirigir a

Pedro Cardoso

EDITOR

Assumptos d'administração, a

Antonio Augusto dos Santos

ADMINISTRADOR



# O ALARME

Publica-se ás quintas feiras e domingos

Condições de assignatura

(PAGA ADIANTADA)

Com estampilha Sem estampilha

Anno... 2\$700 Anno... 2\$400

Semestre 1\$350 Semestre 1\$200

Trimestre \$680 Trimestre \$600

Avulso... 30 réis

Annuncios (cada linha) 30 réis

Repetições 20 réis

Permanentes contracto especial

Annunciam-se publicações enviando um exemplar

## Ponham escriptos...

Bem se diz que as medidas de fazenda com que o novo Mesias projecta restabelecer as finanças do thesouro, e dar ao seu paiz o credito de antigos tempos, mais parecem d'um bom conhecedor do *Deve e Haver*, do que d'um estadista de primeira ordem, como o appellidam e classificam.

O que apresentou o sr. Oliveira Martins para salvaterio d'isto está ao alcance da mediocridade de qualquer rapador de pelles. Pois que? Não será isto intuitivo:—Fez-se uma pandega para a qual foram convidados tres individuos. Vem a conta, 800 réis; o que convidou não tem essa quantia—ha o rateio e a divida fica salda! E ninguem reclama.

Mas estes ao menos comeram e beberam—gozaram a seu modo. Ora é nisto que está a differença.

Pedem-se sacrificios ao povo, mas sacrificios de tal ordem que elle não pôde satisfazer.

Nem pôde, nem deve; por isto:

João é chefe de casa; num momento dado encontra a administração dos seus haveres num cahos: tudo são esbanjamentos, desperdicios e falcaturas. Propõe-se elle equilibrar esses desfalques; a primeira cousa em que pensa é confiscar os bens dos administradores, mas elles têm proteções e os pedidos chovem de muito alto para que lhe perdoe. Que pôde bem obter o perdido, lhe dizem os amigos; seria uma desgraça para a posição d'aquelles homens entregal-os á justiça; e por ultimo ha quem lhe segrede:—lembre-se homem da fórmula como você adquiriu as propriedades de tal e tal; se procede contra os outros elles põe-lhe a calva á mostra, e você fica mal collocado, pessimamente!

João pensa e pensa bem; e occorre-lhe um grande expediente: elevar o preço das rendas aos seus caseiros. Faz contas, somma e encontra assim coberto o desfalque! E fica satisfeito com tal medida a que elle chama um estoque financeiro.

Tira, portanto, a Sancho o que lhe roubou Martinho; e á custa dos arrendatarios espera pôr a caminho os seus negocios, dormindo em socego e satisfeito de si mesmo.

Mas o caso consta e os arrendatarios sabem a causa porque são onerados. Por linhas travessas fazem constar a João que

tal procedimento é uma injustiça; que não têm culpa dos ladrões que elle admittiu em casa. Que tivesse mais vigilancia pela sua fazenda... E lembram-lhe que os seus ex-administradores estão ricos, com bellas propriedades nos campos e nas praias; que vá atraz d'ellas, porque são muito suas e que catrafile os patifes na cadeia.

O João nem torce, nem amolla; ouve a voz da consciencia a dizer-lhe: os arrendatarios tem razão; razão e justiça. Mas salta-lhe logo que aquelles que o roubaram sabem-lhe os podres e o arrastarão pelas ruas da amargura—e faz ouvidos de mercador manhoso. Deixa correr e berrar.

E' aqui que os arrendatarios sobem de ponto, e refilam ao serem convidados a pagar o augmento. Não pôde a cadella com tanto cachorro, berram elles! Tudo caro, o que se chama pela hora da morte: de comer, de vestir, de calçar. As fabricas fechadas, as obras paradas; não ha trabalho, não ha pão; logo não ha dinheiro para lhe satisfazer os seus caprichos; nem para lhe pagar os roubos que deixou commetter e que nem quer ver punidos.

E largam d'alli. Escriptos na propriedade e immediatamente procuram senhorio mais serio e mais digno, que não só entreguem os seus bens á administração de gente honrada, mas que os faça punir no caso de prevaricarem.

Ora isto que se dá na vida pratica, succede na vida publica. E neste caso vemos bem figurado: no tal João, as instituições vigentes; nos administradores os ministros de estado, e como aos arrendatarios se lhe pediu dinheiro e agora ao povo se lhes está exigindo tambem, um conselho:

—Ponham escriptos...

VIRIATO.

Isto é serio?

Quem ganha um conto de réis por anno tem o desconto de 20 por cento; quem ganha um conto de réis por dia fica com equal desconto.

Contra os ladrões

Para que se aprecie a proposta que o sr. Manoel d'Arriaga apresentou no parlamento pedindo o castigo para o prevaricador ex-ministro de fazenda, Mariano de Carvalho, publicamos-a hoje na integra:

Senhores deputados.—Considerando que na sessão do dia 14 de janeiro ultimo, pelo sr. presidente do conselho de ministros, o sr. Abreu e Sousa, foi affirmado o seguinte: «Em conselho de ministros, que teve logar na segunda feira ultima, o sr. conse-

heiro Mariano Cyrillo de Carvalho declarou haver feito á Companhia Real dos Caminhos de Ferro alguns adiantamentos na importancia total não inferior a treze milhões de francos sem conhecimento dos seus collegas no ministerio, e sob sua exclusiva responsabilidade; e dando só agora conhecimento aos seus collegas d'este facto, que tinha de ser consignado no relatorio da fazenda, desejava saber se o conselho de ministros queria tomar d'elle a responsabilidade.

«O conselho de ministros entendeu não poder tomar a responsabilidade d'este facto, pelo que o sr. Mariano de Carvalho pediu a sua demissão de ministro da fazenda, que sendo apresentada a sua magestade el-rei, se dignou acceital-a.»

E que este facto foi completamente confessado na mesma sessão pelo ex-ministro arguido.

Que na sessão do dia 30 de janeiro ultimo, do relatorio apresentado pelo actual ministro da fazenda se conheceu igualmente que na situação angustiosa que o paiz atravessa, quando a nação mais carecia de acudir ás urgencias do seu thesouro ex-hausto e de zelar e garantir o seu credito dentro e fóra do paiz, foram feitos adiantamentos a sociedades, com algumas das quaes o ex-referido ministro era pessoal e directamente interessado como é notorio, e sociedades que, na phrase do mesmo relatorio, se achavam em situação mais ou menos solvavel, na importancia de 11.210:000\$000 réis além das garantias ou avales na de 1.796:000\$000, cuja somma avultada de creditos ainda na phrase do mesmo relatorio, por si só a poder cobrar-se, reduziria a divida fluctuante proximoamente a metade;

Que na sessão do dia 1 Jo corrente, o mesmo ex-ministro da fazenda, em resposta a umas perguntas que lhe foram dirigidas por um membro da camara, declarou que além dos adiantamentos já referidos, outros ainda existiam de que só agora tinha melhor conhecimento e entre elles um convenio com a companhia de Ambaca pelo qual o governo portuguez se obrigava a pagar cento e trinta e cinco contos de réis durante os mezes que correm de 30 de outubro de 1891 até ao fim de 1893, convenio que o sr. ministro confessou não se sentir auctorizado a ratificar, por entender que não assentava em disposição alguma legal;

Que na mesma sessão e num aparte ao referido ministro o ex-ministro da corda sr. Franco Castello Branco, collega que foi do arguido, affirmou em pleno parlamento que o invocado convenio não fóra levado ao conhecimento do respectivo conselho de ministros;

Que taes factos pela sua magnitude e gravidade não se poderiam ter dado sem manifesta offensa da carta constitucional, entre outros, os artigos 15, §§ 7, 11, 12, — art. 110, 136, 138, da lei geral da receita e despeza do estado, da lei e regulamento da contabilidade publica, entre outros os art. 39, 42, 47, 50, 51, 53, 54, 56 e 87;

Que sendo muito natural e logico que taes factos se correlacionem e prendam com outros sobre os quaes estão abertas syndicancias, e alguns d'elles já entregues á alçada das justicas ordinarias, cuja acção salutar e

benefica ficaria deficiente, e por ventura illudida, inutilisada se *alguem* mais altamente collocado á sombra das immuniades e prerogativas parlamentares se subtrahisse á responsabilidade dos seus actos;

Que a lei será equal para todos quer proteja quer castigue, carta constitucional art. 145 § 12;

Que os ministros do estado serão responsaveis;

Por abuso do poder, por falta de observancia da lei; por qualquer dissipação dos bens publicos, idem art. 103, § 3, 4 e 6, e pelos pagamentos cujas ordens não, satisfacem a todos os requisitos legais, lei e regulamento da contabilidade publica, art. 91;

Que, finalmente, é mais do que provavel que, além dos factos acima apontados, outros existam, e outros auctores, que não sejam por ora do conhecimento da camara e do paiz, e que é indiscutivel, e imperiosa a necessidade de manter e garantir a moralidade em todas as manifestações da vida nacional e estender a todos a acção da justiça, quer esta premeie, quer castigue;

Como representante d'uma nação benemerita entre as primeiras cooperadoras da civilização do mundo, activa e zelosa de seus titulos de gloria e do exacto cumprimento dos seus contractos, e deliberada a manter á custa de quaesquer sacrificios a sua independencia e o bom nome em que sempre foi tida no conceito dos mais povos, tenho a honra de vos propôr:

1.º Que pelos motivos acima expostos seja decretada a accusação do ex-ministro e secretario d'estado sr. Mariano Cyrillo de Carvalho;

2.º Que seja nomeada uma commissão do inquerito parlamentar para se saber se, além do arguido, ha outro ou outros que devam responder pelos mesmos factos, e no caso affirmativo para propôr a respectiva accusação.—O deputado por Lisboa, Manoel d'Arriaga.

Quem são os ladrões? Os vencidos ou vencedores de 31 de janeiro?

Os vencidos deixaram intactos os cofres municipales; os vencedores roubaram dos cofres do estado, dos bancos e companhias milhares de contos!

João de Menezes

Voltou á liberdade este convicto republicano, preso nas cadeias do Limoeiro por se revoltar contra o sistema que está concedendo á Falperra fóros de honradez e moralidade.

Parabens. Desde que os ladrões andam á solta, consola ver sair da cadeia um homem honrado que os vergastou sem temor nem hesitações.

Tavares Continho

A academia de Lisboa trabalha para minorar as tristes condições em que se acha este exilado, preso nas cadeias de Santander, Hespanha.

Foi decidido que se nomeasse uma commissão promotora d'um beneficio, que ficou organizada pelos srs. Affonso de Lemos, Santos Loureiro, Ricardo Amado Villasgellim e Antonio Maria da Silva.

Vão tambem impetrar da academia hespanhola a sua intervenção para que aquella obtenha o perdão da rainha para o condemnado politico,

Theatro-Circo

Nestes ultimos espectaculos tivemos a apresentação de novos artistas: mad. Fatima e Santos Teixeira, cujos trabalhos agradaram, merecendo justos applausos.

A contenda entre os espectadores continúa; muitas palmas e muita pateada. E' alvo da chifrineira a Jenny, que já fez beneficio e pode avaliar a quanto chega a pobreza dos seus admiradores.

Um jornal da terra confia no sr. commissario e na sua disciplina para a manutenção da ordem naquella casa d'espectaculos; mas é certo que a auctoridade continúa a deixar á revelia os arruaceiros e a fazer vista grossa, como se costuma dizer.

A voz publica, que é a voz de Deus, explica que a não intervenção da auctoridade é motivada pela posição nobiliarchica dos arruaceiros, e que o tempo não vae para compromettimentos d'esta ordem.

Pelo que vemos o sr. Ferrão só é forte e rijo, quando a hydra se levanta a zurzil-o, e os olhares dos republicanos o cegam pela altivez. Rico commissario!

Hoje temos a Bella Zephora que traz uma reputação de primeira ordem e a quem Deus fadou com um palminho de cara a fazer perder boas almas. Lá iremos—para a contemplação. E fazemol-o para remissão dos nossos peccados.

11 de fevereiro

Passou hoje o anniversario d'este segundo capitulo das miserias de anno de 1890.

A recordação d'esta data e a existencia da monarchia são um documento concludente da relaxação do espirito publico, desprovido da dignidade impulsiva dos grandes commettimentos.

A expiação continúa. A liberdade está ainda presa á mesma amarra. A alta coorte dos predestinados da finança, ainda impera, embora desvelado o grande pannal da corrupção que a enfusca. O abysmo continúa sendo a sentinella do nosso viver, emquanto que, pé em cheio, pé em vão, nós vacillamos!

Continuamos a vacillar! E o grande dever está por cumprir! Vergonha!

Conhecem o syndicato Salamanca? Volta a fallar-se neste grande escandalo e nesta tremenda ladroeira que tem o cunho regenerador.

Espectadas

É boa!...

Desenterrando recentemente novas habitações nas ruinas de Pompeia, encontrou-se pão em perfeito estado de conservação.

(NOTICIA — VARIOS JORNAES).

Não me admira o achado que noticia o papel! O chato se tem gabado de ter ali encontrado:

—os frescos de Raphael III

PINTA-ROXA.

## A descrença do povo portuguez

A descrença que ha muitos annos se apoderou do animo dos povos e que, nos ultimos tempos, mais se tem accentuado comprehende todos os homens que tem subido ao poder e que estão experimentados pela mutua identidade de sentimentos e de processos politicos e administrativos e vae até aquelles que, pertencendo á mesma escola, possam succeder aos que tem subido e descido das emunicias do poder, por força da opposição dos que o ambicionam, ou por effeito de reciprocas combinações entre os politicos do partido monarchico, chegando já a attingir aquelles mesmos, que pertencendo á escola democratica, dada a hypothese de um dia haver uma transformação politica, podessem ser chamados a tomar conta do governo do paiz. Porque vivendo nós todos num meio corrupto, suspeita-se se a corrupção não terá affectado mais ou menos todo o organismo social, e tanto mais, em presença de algumas reviravoltas, desercões e apostasias que se tem observado. Duvida-se de tudo e de todos! Não se confia de ninguém com convicção! Triste situação é esta!

E' pois então a descrença um mal, um contagio que é de toda a necessidade combater e desterrar até á sua extincção, e é igualmente preciso fazer surgir a crença de que está enfermidade ainda póde curar-se e que ainda ha homens capazes de a curar e sanar, ou pelo menos de a melhorar. Mas qual será então o remedio, o especifico para extinguir a descrença e a indifferença, sua associada, e formar uma nova crença?

O meio não nos parece difficil de achar, mas o que nos não parece facil é saber applical-o, ter vontade firme e inabalavel de o applicar com persistencia e sem desanimar e traduzir essa vontade em factos positivos e terminantes.

Se o mal que nos afflige procede, como se cre em geral, da adopção de erroneos processos em politica e na administração; se até ao presente não tem havido nos actos governativos a devida justiça, necessaria economia e a indispensavel moralidade; se não tem havido a tolerancia politica que é inseparavel de todo o governo que queira gozar os fóros de liberal, qual-quer governo que se proponha, a serio, a melhorar as nossas ruins condições economicas, moraes e financeiras tem forçosamente de adoptar expedientes diversos e melhores normas de governar. Desde que esse governo começar a imprimir em todos os seus actos e resoluções o cunho da justiça, da moralidade e da economia, a descrença começará a declinar sensivelmente e a par da sua declinação começará a surgir no paiz desalentado e descrente, a nossa crença na sua redempção. Com o mesmo remedio se póde extinguir o mal e crear o bem.

Mas para se obter o grande, o importantissimo fim o que é indispensavel *sine qua non*, são factos e não factos de somenos importancia, mas de grande quilate aos quaes não estamos habituados.

Applicando esta doutrina ás calamitosas condições do nosso paiz e ao novo ministerio, emprehenderá este, seriamente e com mão firme, mudar a face á situação em que nos achamos, e ao menos suavisar os males que nos opprimem?

Creemos, por ora, que elle deseja fazel-o, mas receiamos, como o geral do paiz, que elle se não sinta com a coragem necessaria para empregar uma certa ordem de meios, sem os quaes não é possivel melhorar de situação. Na melhor boa fé não queremos, sem provas em contrario, duvidar de que o novo ministerio ha de obrar com justiça e moralidade e assim o reclama imperiosamente a sua

posição e a gravidade das circumstancias em que, não obstante, se prestou a accellar o poder; mas isso sendo muito é muito pouco para o que se precisa.

E' preciso primeiro que tudo encetar uma vida nova, inteiramente diversa da dos ministerios transactos e proseguir nella sem trepidar até ao fim.

E' preciso cortar com braço forte os ordenados exorbitantes e outros proventos do alto funcionalismo, de qualquer classe que elle seja, sem deixar de cercear os de inferior, até onde possa ser, sem ferir a sua subsistencia. É indispensavel reduzir ao simples e necessario o numero fabuloso dos empregados, supprimindo todos os ociosos. E' preciso acabar de vez com as accumulções de empregados e com enormes proventos no mesmo individuo.

E porque estas e outras reduções e medidas que podem e devem tomar-se, porque são urgentes, poderão não ser sufficiente para que a receita rasoavelmente colhida possa cobrir a despeza reduzida, e mesmo que o sejam, ao governo cumpre desde já activar energica e efficacizmente a cobrança de tudo quanto estiver em debito ao estado, ou seja de contribuições, ou de titulos e mercês nobilitarias que são as menos dignas de contemplações. E se isto não fór sufficiente tem o governo um recurso de que lançar mão para minorar a despeza — supprimir alguns corpos da força armada — garantindo á officialidade, o ficar addida aos corpos conservados, até serem opportunamente collocados, porque tantos corpos e tão numeroz estado maior não tem razão de ser, no continente. Aonde é preciso mais força é nas colonias para repellar com vantagem o gentio, mas essa deve ser organizada lá mesmo e para ella poderiam applicar-se muitos officios dos corpos supprimidos, que quizessem, ou estivessem mais no caso, pela sua idade e robustez.

E sabido que os governos, por attentões a uma má politica, crearam o emprego-mania e que sendo este talvez o maior factor da monstruosa despeza que nos opprime é urgente dar-lhe de mão e combater sem desanimo e sem treguas essa e todas as demais causas que influem na enormidade da mesma despeza. E' preciso por igual afastar da agiotagem, como do abysmo mais perigoso. E' preciso ter em toda a consideração que a ideia de addicionar a contribuição territorial é inteiramente inaceitavel e revoltante, no estado desolado e ruinoso da agricultura, e que o povo que labuta com ella e só d'ella pode viver, deve ser poupado no tributo pecuniario e no imposto do sangue. Isto com mais tolerancia politica e mais liberdade de imprensa, que está coarctada atrocemente, seria já um serviço assignalado feito ao paiz e se o governo assim o não fizer não pode contar com a opinião publica que poderia ser o seu melhor ponto de apoio, se a soubesse captivar.

Taboa, 7 de fevereiro de 1892.

BERNARDO JOSÉ CORDEIRO.

— Já estão presos os ladrões da fazenda publica?

— Não. Já foi intimado um jornalista que será novamente condemnado e preso no Limoeiro por combater a quadrilha que tem assaltado os cofres do estado.

### No reinado de Dias Ferreira

O editor do nosso collega a *Vanguarda* foi intimado a apresentar o authographo d'um artigo sobre os roubos do caminho de ferro. E' seu auctor o sr. Alves Correia, preso no Limoeiro, por delicto de imprensa.

E' assim. Quem accusa ladrões, cadeia; os patifes devem gozar a liberdade!

E o liberal Zé Dias a inchar — o melro!

### «A Portugueza»

Eil-a no campo do combate, lutando a peito descoberto, com valor e coragem.

Do artigo transcrevemos o ultimo periodo que bem se salienta e bem nos fala ao coração:—«E como á *Portugueza* estão ligadas as aspirações dos que pela patria se sacrificam desinteressadamente e é por elles que nós vimos combater na imprensa; e porque no laconismo d'aquelle titulo, grita como num alerta continuo, aguerrido, a fé e confiança que todo o portuguez deve ter no ideal republicano, eis o motivo porque a adoptamos. O ataque vae começar. A nossa lealdade encontrará sempre reforço na inabalavel severidade da nossa intransigencia.

«Em guarda!»

Em guarda... em quanto não cairmos a fundo.

As nossas saudações ao novo collega.

×

### O processo da fava

Foi mandado archivar o famoso processo da fava, ficando a firma Bensaude & C.<sup>a</sup> isenta de culpa e de qualquer penalidade. Bellezas Maria-neeças.

Isto é um cumulo, simplesmente um cumulo!

Este processo da fava ha de ficar na historia da immoralidade monarchica como um verdadeiro monumento.

Quando ás portas da cidade de Lisboa é surpreendido alguém com um pouco de vinho, é brutalmente tratado e cae sobre elle todo o rigor da lei. Quando, porém, os contrabandistas sonégam aos direitos mercadorias no valor de centenas de contos, os processos que se instauram — quando chegam a instaurar-se o que é raro — tem sempre este fim: — São archivados.

E vêm pedir ao povo mais impostos... quando archivam processos de contrabandistas, que a propria procuradoria geral da corôa declara que no mesmo processo existem provas do crime denunciado!

Sr. Dias Ferreira, haja moralidade!

×

### Sociedade União Artistica

Tomaram posse no domingo os corpos gerentes d'esta associação, que ficou composta dos seguintes senhores:

DIRECCÃO:— Augusto de Sousa Figueiredo, *presidente*; — Francisco Xavier Ferreira, *vice-presidente*; — Jeremias Coelho Bartholomeu, *1.º secretario*; — Joaquim Alves, *2.º secretario*; — Francisco Ferreira Gazio, *thesoureiro*; — Fernandes Esteves Vizeu, *1.º vogal*; — Abilio Ribeiro, *2.º dito*.

COMISSÃO FISCAL: — Antonio de Sousa Lemos, João dos Santos e Theotónio Joaquim Jacob.

×

### Obras de reparação

Já se deu começo a estas obras na igreja de Santa Cruz. Está-se sohando a capella-mór e a reparar-se a cantaria das duas portas lateraes. Em breve se dará começo a outras reparações que precisa o claustro do Silencio, annexo á mesma igreja.

×

### O jesuitismo

Setubal está exportando raparigas para os coios jesuiticos. As ultimas que saíram destinam-se a *professar*.

Em que lei vivemos, perguntarão? Para isto não ha leis, nem governos.

Pois se o proprio liberal José Dias Ferreira, presidente do conselho, mandou educar um filho num collegio de jesuitas!

O governo pede augmento de impostos ao contribuinte; os merceiros, padeiros, marchantes, etc., pedem augmento nos generos alimenticios ao consumidor.

## Sciencias e Letras

### As maldades do Sylpho

(CATULLE MENDÈS)

I

Um mancebo, revestido de armaduras de prata e com grandes azas de neve, galopava, ao romper da aurora, montado em um cavallo branco. Aconteceu que uma bella princeza, passeando á sombra das arvores em flôr viu passar o mancebo das azas de neve; foi tal a sua commoção, que deixou cahir a rosa que tinha entre os dedos e sobre a qual pousára uma borboleta.

— Ah! suspirou a princeza, sinto que esse cavalleiro absorveu para sempre os meus pensamentos.

A formosa herdeira do throno estendeu o braço e com o gesto pediu ao cavalleiro que parasse.

— Amo-te, ó tu que passas ao longo dos caminhos. Se me corresponderes, conduzir-te-hei a casa de meu pae, que é um poderoso monarcha, e elle mandará celebrar as nossas nupcias.

— Eu não te amo, respondeu o cavalleiro.

E seguiu o seu caminho. A princeza abriu a porta da quinta e principiou a correr na estrada.

— D'onde vens? perguntou, e onde vae tão cedo, tu que não queres casar commigo?

Venho da cidade, onde vive a minha amante, e vou ao encontro do meu rival, que chega hoje.

— Quem é a tua amante?

E' a filha d'um lavrador; ella fia á janella, entoando uma canção que os passaros escutam.

— Quem é o teu rival?

E' o sobrinho do imperador de Golconda; quando elle desembainha a espada, parece que vae tropejar, porque se vê fuzilar um relampago.

— O que disseste tu á tua amante?

Pedi-lhe o coração: ella recusou-m'o.

— O que dirás tu ao teu rival?

— Pedir-lhe-hei o sangue; e é preciso que elle m'o dê.

— Que receio me inspira a tua vida! Consente que te acompanhe.

A unica mulher que eu desejaria que me acompanhasse, está a esta hora em casa.

Deixa-me montar á garupa do teu cavallo, nada mais exigirei.

— Os homens não costumam levar as mulheres á garupa, quando vão combater.

E o cavalleiro deu de esporas ao seu cavallo branco.

A filha do rei chorou amargamente. Como era muito cedo, o sol começava a descerrar no horizonte a sua palpebra ainda velada de sombras, e os passarinhos chilreando atravez da espessura, preparavam-se para emprehenderem juntos os seus folguedos ao longo das campinas reverdecidas.

II

D'um bosque de azaleas, Sylpho surgiu de repente; vinha vestido de folhas de trevo e trazia na cabecita um bouquet de margaritas.

Yolaine, disse Sylpho, dando uma gargalhada escarninha, para que choras?

— O meu nnico amor ausentou-se, e não posso segui-lo.

O teu amor é esse bello mancebo de armadura de prata e azas de neve, que galopa ao longe, montado em um cavallo branco?

Esse mesmo. Os seus olhos são azues como o céu e tem os cabellos da cor da noute.

Sylpho agitou um ramo de espinheiro, que lhe servia de sceptro.

— Quando me apraz, Yolaine, a perguizosa tartaruga, excede a ligeireza das nuvens, e os fogosos pol-

dros, instantaneamente domados, correm menos do que os escaravelhos, que levam uma hora a atravessar a folha d'um platano. Yolaine, segue o teu amor sem inquietação. Onde quer que elle vá, tu chegarás ao mesmo tempo.

Emquanto Sylpho voltava para o bosque de azaleas, a princeza meteu-se a caminho; as pedras onde ella punha os seus pesinhos calçados de setim e perolas, diziam-lhe: «Obrigado, pequeninos pés de Yolaine.»

(Continúa.)

## Carta politica

O nosso correligionario, Julio Lobato pede-nos a publicação da carta que abaixo publicamos, onde este digno cidadão faz a sua profissão de fé politica com desassombro e independencia, ao despedir-se da redacção do *Paradense*.

Ex.<sup>mo</sup> amigo e sr. Joaquim de Meirelles. — Não podendo sem quebra da minha dignidade, continuar a colaborar no jornal de v. ex.<sup>a</sup> tão digna e sabiamente administra, levo ao seu conhecimento que, a contar da data d'esta abandono o lugar que desde 1888 occupava no *Paradense*.

Alguém me substituirá com mais vantagens e sem que susceptibilise os magnates d'essa aringa dos bongas *arroyacos e cabralinos*.

Desnecessario será affirmar que esta minha resolução não envolve nenhuma desconsideração a v. ex.<sup>a</sup>, em quem reconheço um caracter impoluto e a quem muito prezo.

Impossivel é o continuar eu a colaborar no jornal de v. ex.<sup>a</sup> havendo, como ha, manifesta incompatibilidade de ideias, entre a minha obscura individualidade e a illustrada redacção do *Paradense*.

Republicano por convicção, dizendo o que sinto franca e rudemente, sem rodeios nem convencionalismos sedicios, sem a hypocrisia estúpida dos escrevinhadores bordalengos, trabalhador obscuro, mas honesto, em defeza d'uma causa tão injustamente calumpiada e enxovalhada pelos monarchistas vadios do gazeteirismo, nos meus escriptos não póde deixar de revelar-se o ideal politico que advogo.

Criticando, embora ás vezes com o seu bocado de azedume á mistura, algumas das produções dos litteratos postigos d'este burgo pódre, masmatico, atrophiante, em que vivo, eu tenho sido sempre, se a minha consciencia não mente, digno e sincero, não deitando nunca mão do insulto desbocado para o arremessar ao adversario.

E' com profunda magua que abandono o lugar que occupava no seu muito lido e conceituado jornal, mas, se o faço, livre e espontaneamente, é por que ao meu genio nervoso, exaltado, impaciente, se não conduna a mordaca inquisitorial.

Ainda mais uma vez eu declaro que, a v. ex.<sup>a</sup>, eu sou muito grato pela estima e consideração que me consagrou e de que lhe sou deverdo.

Aproveito esta occasião para me desligar do compromisso tomado para com os leitores do jornal de v. ex.<sup>a</sup>: o fazer a critica a uns artigos do sr. João A. Novaes Vieira, sobre Camillo. Póde ser que algum dia, se para tanto me ajudar *engenho e arte* e noutro qualquer jornal, eu publique a critica ás verrinadas do sr. Novaes Vieira. No *Paradense*, não! Nunca!

Espero da lealdade jornalística de v. ex.<sup>a</sup> — até hoje não desmentida — se dignará dar publicidade num dos proximos numeros do *Paradense* a esta carta, pelo que muito grato lhe ficará

De v. ex.<sup>a</sup>

att.<sup>o</sup> ven.<sup>o</sup> e obrg.<sup>o</sup>

Julio Lobato.

(Redactor da *Vespa*).

Porto, 26 de janeiro de 1892.

## RECLAMES

**Caldas da Cunha** — Modas e confecções, últimas novidades de Paris e Berlim — rua F. Borges 117.

**Correio e selheiro** — estabelecimento de Evaristo José Cerqueira — rua da Sophia.

**Casa Leão** — Loja de pannos e atelier de alfaiate — Rua Ferreira Borges.

### Para variar

Ha poucos dias casou uma bella joven de quinze annos, com um individuo que tem quarenta em cada orelha, e este, para cumulo de sua desdita, perguntou a um intimo amigo, medico:

— Diz-me, poderei abrigar a esperanza de ter filhos?

— A esperanza não, contestou o Galeo, mas o receio sim, o que é differente.

### Um poeta funebre:

Um individuo foi preso por suspeito de vagabundo. Perguntou-lhe o commissario da policia:

— O que fazia no «Aterro» ás duas horas da madrugada?

— Passeiava.

— Como! Aquella hora?

— Não ha artigo algum no codigo que diga: — Não passeiarás ás duas horas no «Aterro».

— Mas o policia da ronda encontrou-o apalpando a porta d'um estabelecimento.

— Era para ver se estava aberta e prevenir o dono. Ha agora tantos gatu-nos!

— Qual é o seu meio de vida?

— Sou poeta funebre.

— Funebre! Explique-se melhor.

— Faço sonetos aos que morrem.

— Onde mora?

— Pede licença para não declarar por causa dos meus credores.

**Drogaria e deposito de tintas de Mattos Azeosa** — rua de Mont-arroyo, 25 a 33.

**Funilheiro** — estabelecimento de Luiz d'Almeida Junior — Obra em folha branca — rua do Corvo, 55 a 57.

**Mercearia** — José Paulo Ferreira da Costa — rua Ferreira Borges.

### Para variar

O conde Rostopchin, deixou, para serem publicadas depois da sua morte, umas *Memorias* que escreveu em dez minutos: frisante arrebatamento em poucos capitulos de algumas linhas apenas. A carta dedicatória tem o cunho da mais amarga philosophia.

Elle á:

«Publico imbecill orgão discordante das paixões, tu que elevas ao ceu tão rapidamente como fazes chafurdar na lama, que lisongeias e calumnias sem saber porque, imagem do alarme, ecco de ti proprio, tyranno absurdo, evadido dos esgotos infectos, essencia dos venenos os mais subtis, e das substancias as mais suaves: representante do diabo ante o genero humano, furtiva mascarada em caridade christã. Publico que eu temi na minha infancia, respeitei na adolescencia e detestei na minha velhice, é tu que eu dedico estas minhas *Memorias*. Gentil publico! estou enfim fora de tuas garras, porque estou morto, e, por consequencia, surdo, cego e mudo. Possas tu gosar d'estas vantagens para teu repouso e para o da humanidade!»

**Loja de barbear**, cortar cabellos e amolação de instrumentos cirurgicos, de Manoel Francisco da Silva, rua da Sotta, n.º 31.

**Relojaria Universal** — A. J. Silva Pessoa — Depoisto de relógios de todas as qualidades — rua de Ferreira Borges, 112 e 114.

**Sola e cabedacs** — Vendas por junto e a retalho — Ricardo Pereira da Silva — rua dos Sapateiros.

### Canções populares

Hei de te dar um raminho Feito de cravos e goivos. Quer tu queiras, quer não queiras. Nós havemos de ser noivos.

### «Ecco socialista»

Recebemos o primeiro numero d'este semanario portuense, orgão do Centro operario de propaganda socialista.

No seu artigo de apresentação — *A quem nos ler* — termina com estas palavras: — «Com a tenacidade dos convictos, nem um só instante deixaremos de desfaldar o rubro estandarte das reclamações e justiça dos que trabalham! Logar, pois, ao novo luctador!»

Ha de tel-o e os applausos de todos se souber combater com firmeza, sem transigencias e sem conluíos com os nossos inimigos.

P'ra frente camarada — o futuro pertence-nos.

### As economias:

*Saiba-se que as despesas feitas com o comboio real para Villa Viçosa e regresso a Lisboa foram de 600\$000 réis!*

*Isto no reinado do sr. Dias Ferreira, e na occasião em que ao povo se pedem sacrificios.*



## A fome!...

«Notem que o povo está nas vesperras de ter fome!...»

Assim o diz um jornal monarchico da capital, e assim nos diz o estandarte com o letreiro: *Pão ou trabalho para os operarios*, desenrolado á frente d'uma enorme quantidade dos mesmos.

Sim, esse terrivel flagello, o maior dos maiores males, a fome, avizinha-se.

A incuria dos governos, os seus esbanjamentos, as excessivas contribuições lançadas sobre este infeliz povo, trouxe-nos este triste espectáculo que estamos vendo: o operariado pedindo esmola!

A nossa dôr é immensa ao traçarmos a sinistra palavra — fome! os aulicos d'essa podridão, que se chama politica monarchica, não porá os olhos nesses infelizes que pedem um bocadinho de pão para a mitigarem?

Não, porque os assassinos fogem sempre de se encontrarem com as suas victimas, e mesmo que por acaso se encontrassem fugiriam a encurralarem-se nos sumptuosos palacios com medo que essa onda humana, que representa a justiça mil vezes ultrajada, lhe pedisse contas das ladroenras que tem feito. Não immundos chacaes, a hora do ajuste de contas ainda não chegou; podeis dormir nos fofos travesseiros; o sussurro que ouvis, não é esse que trazeis sempre a corroer a vossa impura consciencia; esse brado terrivel que vos sobresaltou é a fome!...

Sim, o povo tem fome e os governos da monarchia pedem sacrificios, querem sobrecarregar o povo com novas contribuições.

Mas o povo não paga, não pôde pagar, nem deve pagar; os esbanjadores que devoraram milhares de contos, que prestem as devidas contas e que restituam o que roubaram.

A lei que é tão barbara para os jornalistas que pedem moralidade e seriedade, porque não manda metter toda essa ladroagem que anda á solta, sejam elles ministros de estado, grã-cruzes, pares do reino, ou seja quem fór, para as enxovias do Limoeiro?

Qual é mais criminoso, um jornalista ou um ladrão?

Poderá parecer a alguns que a nossa linguagem é de implorar qualquer pedido aos governos da monarchia.

Não, mil vezes não, o nosso intuito é descrever a traços largos a horrorosa crise que o operariado está atravessando, e para darmos uma ideia mais clara foi preciso que a nossa humilde penna trouxesse á luz da publicidade o que acabamos de citar, o que muitos outros já tem feito e continuar-se-ha a fazer, enquanto á

justiça não cumprir com os seus deveres.

O nosso dever é gritar bem alto, que ha fome, muita fome, porque infelizmente ouvimos milhares de vozes angustiosas pedindo pão!

«Quem vai além tirado a peralhas de raça? — Um gatuno!...»

Que contraste! o honrado operario, pedindo esmola e o gatuno recostando-se em fofos cochuios!

Vae vampiro da humanidade lambe-las botas do teu senhor! a tua consciencia não te ditará estas palavras: «real senhor; sou um miseravel, um ente indigno, os meus irmãos, a quem roubei, estenderam-me a mão implorando-me uma esmola... e eu real senhor repelli-os...»

Sim, os remorsos da tua consciencia talvez te ditasse estas palavras, mas a quem as dizes? A um ente que nunca soube o que eram privações e que te responderá d'esta maneira: «o que! a piolheira meche-se! diz que tem fome! quando nos meus reinos não acreditado que cada pessoa não consuma pelo menos um kilo de carne por dia!...»

Não; o real senhor engana-se, essa gente a quem se digna chamar *piolheira*, sustenta-se do seguinte: ao almoço uma fatia de pão e uma sardinha ao jantar e á ceia sempre a sardinha! Carne! carne! que dia de grande festa será, quando á parca mesa d'essa gente apparecer um naco d'essa comida substancial?

O real senhor não se deve admirar do que passa o *Zé*, nem todos podem nascer em berços reaes.

Mas não queremos agora tratar aqui do nascimento d'este ot. d'aquelle, o nosso brado é que o povo geme de fome e o que nos causa o maior nojo é que a fome d'esse mesmo povo seja escarnecida.

Ante esse povo que teve a infelicidade de ser governado por homens ineptos que lhe cavaram a sua ruina, devemos nos descobrir, soccorrel-o com o nosso obulo, mas nunca escarnece-lo.

Ferreira do Zezere, 6 — 2 — 92.

FERNANDO CALDEIRA.

*Os monarchicos enfurecem-se por que um republicano pediu no parlamento o castigo d'um ladrão da fazenda publica.*



## Publicações a pedido

Alguns jornaes deram a noticia menos verdadeira de ter sido *raptada* uma menina das proximidades de Penacova; outros desmentiram esta noticia e por fim a *Ideia Nova*, pela voz do seu correspondente de Penacova, explica o caso, a seu modo, mostrando que a mesma menina, uma brasileira — sympathica e com probabilidades de fortuna não havia sido *raptada* mas sim vendida pela familia, figurando no *contracto* a cunhada da *vendida* que, na qualidade de *servente do comprador*, metten bem boa *gorjeta* nas algibeiras, diz o tal correspondente.

Na primeira impressão e como cunhado da menina brasileira, não me servindo a carapuça que aquelle correspondente de Penacova tão rasteiramente imaginou, apenas li a referida correspondencia, escrevi logo a resposta e mandei-a no correio immediato para a redacção da *Ideia Nova*, pensando que tinha direito de ir alli defender-me e desmentir as insidias publicadas para meu descredito e da minha pobre cunhada. Era correspondente d'aquelle jornal d'aqui tanta mais razão me assistia para dar preferencia á sua redacção.

Foi entregue o meu escripto por um proprio ao encarregado da redacção, accetei por este e pelo mesmo foi dito que se lhe daria publicidade no numero seguinte. Porém, um dia depois, o mesmo empregado, tendo

accedido ao pedido mesquinho do meu aggressor, fez declaração de que o meu pobre escripto não seria publicado no seu jornal por *ter muita pimenta e por tratar d'um caso particular!*

E' certo que a correspondencia a que eu dava resposta tratava do mesmo caso, trazendo em logar de *pimenta*, lama, immundicie ás mãos cheias; mas o correspondente de Penacova era mais antigo, é esse o motivo por que foi deferida a sua exigencia menos leal, a menos propria de quem me chamou a este campo. Quer-me parecer que o procedimento da redacção foi tão incorrecto como o do seu correspondente em questão.

Perdida, assim, aquella taça de *pimenta*, permitta-me o publico a publicação d'estas linhas, por que eu conheço que sou indiscreto hoje, como o fui ha dias, dando resposta a uma perturbação de ciúmes, a uma perrice de creança vaidosa e mimada a que não devia ligar importancia. Tenho, porém amigos, a quem respeito muito, que me obrigam a esta indiscripção. O Alipio Leite é um d'elles.

Diz a correspondencia, a que me tenho referido, que a menina brasileira era namorada d'um empregado do telegrapho. Vem a ser este telegraphista o auctor da mesma correspondencia. Chamam-lhe o Santos Cabral.

Eu era amigo d'este rapaz e nunca me oppuz aos seus desejos de ser rico, um dia, despojando a minha cunhada que elle diz amava sinceramente e com desinteresse... Elle bem sabe quanto fiz para que viesse a realizar-se o casamento.

Ella é que pelos modos não gostava d'elle. Ao cabo de dois mezes ella esqueceu-se por completo d'elle para prometter a ligação dos seus destinos a outro seu pretendente que lhe pareceu menos torto do corpo e mais são da alma. A mãe permittiu-lhe a liberdade de escolher o companheiro de matrimonio e ella inclinou-se para o ultimo.

Amigo Santos, vendo então perdidas os punhados d'ouro que o desventurado do pae da sua pretendida ganhou nas roças do Brazil, desconcertada a sua razão e perturbado o seu espirito de ambicioso, arrasta essa menina, a quem diz ter amado, ás columnas da imprensa e lança-lhe ahí a immundicie do descredito! Não comprehendo que o homem que amou de vez uma mulher, possa salpical-a de lama no momento em que ella lhe diga que não pôde desposal-o. O homem que assim procede, recebe na face essa propria lama e prova á evidencia que é um verdadeiro monstro.

A quem escreveu estas linhas propoz o telegraphista da berlinda uma discussão por cartas a fim de apurar se eu estava cúmplice, como lhe haviam dito, na resolução de minha cunhada, ou innocente como tinha mostrado em minhas declarações. — Corria a discussão e o *rapazola* saltou-me para a imprensa, sem outra consideração, collocando-me ao peito uma *venera* de especulador de casamentos, por dinheiro. — Vem muito suja a luva, rapaz. Devolvo't'a, que ella partiu de muito baixo. Imaginas-te uma *negra* que se deixou vender na pessoa que havia escolhido para esposa, e escolhes-te em mim o *vendilhão* d'essa tua amaldiçoada...!

Não te perdoarei, jámais, meu ta-canho allucinado, o quanto me tens julgado imbecill e indigno. Quero que me digas, como corrector dos meus actos, se o meu passado te auctorisa a ajuizares tão rasteiramente dos meus sentimentos.

Eu não devia, nem podia impôr-me tanto pelo teu nome. Nunca recebes-te nem jámais receberás dedicação tão sincera. A tua *philosophia* é contra-procedente ao matrimonio.

Bem deves saber que possuo documentos que só por si bastam para destruir a tua argumentação. Publicados esses documentos, dirão que te

não fui desleal, que não tive os lucros que aventas-te. Precindo-os, por ora.

Por fim, dir-te-ei que a menina que tão rasteiramente enxovalhas-te está aos cuidados de duas respeitáveis senhoras de Coimbra, suas preceptoras, e não ás ordens de teu rival. E' muito honrosa e decente a sua estada alli.

Apaciente-se corcundinha, que não é com calumnias como essa que te has de desaffrontar do teu rival.

S. Pedro d'Alva, 2 de fevereiro de 1892.

JOSÉ MADEIRA MARQUES.

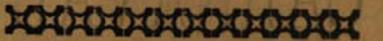
*Moralidade monarchica: Estão presos os falsificadores de notas; andam em liberdade os falsificadores de cédulas.*

*Differença: — uns são pobres diabos, sem posição e sem nome no cadastro dos titulares; outros tem assento na camara dos pares, e são grandes senhores.*

### Rede varredoura

Por toda a parte se houve fallar de desfalques — roubo é termo — e pelas ultimas noticias recebidas da India sabe-se que no cofre da fazenda do Damão desapareceram 12,000 rupias!!!

E' uma consolação para o *Zé* indiano. Cá e lá.



## Noticias diversas

Vão ser extinctas as irmandades e confrarias que não tenham os seus compromissos devidamente approvados, e os seus bens entregues á beneficencia da camara municipal, como determina o codigo administrativo.

No mez corrente podem observar-se nas noites de 15 a 17 algumas estrellas cadentes proximo da constelação da *Cabra*.

O conjunto das construcções projectadas para a exposição de Chicago terá perto de dez kilometros de volta.

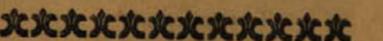
Foi ha dias julgado no tribunal da Feira e condemnado a trinta dias de cadeia, custas e sellos do processo, o professor da praia de Espinho por ter castigado severamente um dos seus alumnos.

Durante o mez de novembro de 1891 falleceram no Rio de Janeiro cento e toment cidadãos portuguezes.

Nem sido muito concorrida a exposição da fabrica das saianças da Avenida de Lisboa.

Em Darque tem andado um bando de gatuños assaltando descaradamente as capoeiras, não só de noite, mas até de dia.

As casas de beneficencia vão representar ao governo com respeito á diminuição do juro nas suas inscripções.



## ANNUNCIOS

### 600\$000 RÉIS

118 **D**á-se esta quantia a juro, sobre hypotheca, preferendo-se neste concelho.

Rua de João Cabreira, n.º 1, se diz.

## MASCARAS

Augusto dos Santos

RUA DIREITA, 68

117 **V**arietade de mascarás de aldeão, que vende a 70, 80, 100 e 120 réis,

# CARNAVAL

113 O estabelecimento que tem mais deposito de artigos de carnaval é a bem conhecida casa — SERIO VEIGA — Rua da Sophia. Coimbra. Remette catalogos com os preços correntes a quem os requisitar.

**SERIO VEIGA  
COIMBRA**

# EMPREGADO

115 OFFERECE-SE um para serviço de cartorio ou escriptorio, com habilitações, boa calligraphia e escrevendo corretamente. Carta a esta redacção com as iniciaes A. P. R.

# CARNAVAL

1892

112 O primeiro deposito de artigos para o Carnaval para sortir revendedores, é na Merceria Encarnação Gonzaga & C., na rua da Sophia, n.º 72. — Coimbra.

Sortimento, qualidade e preços sem competidor. Remetem-se catalogos aos commerciantes que os requisitarem.

José Gonçalves da Cruz

# NA HORA SUPREMA

(HOMENAGEM AOS VENCIDOS)

Preço 50 réis

A venda em todos os kiosques. Qualquer pedido deve ser dirigido, acompanhado do importe, ao auctor, cadeia da Relação, Porto.

73 Folhetim do «Alarme»

SENIO

# O TRONCO DO IPÊ

(SEGUNDA PARTE)

XV

A caixinha

Do jardim, onde passavam a tarde a familia e seus hospedes, Alice afastando-se com o pretexto de ver uma muda de flor, ganhou o fim da cerca.

D'ahi avistava-se por entre as arvores uma das janellas do quarto de Mario. Nesse momento o moço recostado, com os braços deitados no parapeito e a cabeça vergada, parecia adormecido, se de vez em quando não erguesse o rosto para olhar o céu, onde scintilavam já as primeiras estrellas. Nessa occasião notavam-se em sua phisionomia traços de angustia, que elle buscava dissipar com a contemplação do céu, essa fonte inexaurivel da luz e orvalhos d'alma.

Alice d'esta vez sentiu-se arrebatada por uma attracção irresistivel. Era forçoso que fallasse a Mario; que lhe arrancasse o segredo d'aquella

LARGO DA FREIRIA, 14—COIMBRA

Proprietario — Pedro A. Cardoso

# TYPOGRAPHIA

Livros, Estatutos, Mappas para repartições, Talões de cobrança  
BILHETES DE VISITA, Cartazes e programmas, etc.

# VIUVA MARQUES MANSO

RUA DO CEGO

COIMBRA

Armazem de merceria por junto e retalho. Deposito de vinhos da Real Companhia Vinicola. Agencia da Companhia de Seguros Bonança.

81 CONVIDA os seus ex.<sup>mos</sup> freguezes a visitar o seu estabelecimento onde encontram um variado sortido de merceria que vende por preços resumidos.

Também vende assucar da sua refinação pelos preços de Lisboa e Porto, de 3 kilos para cima.

RUA DO CEGO

COIMBRA

# JOÃO RODRIGUES BRAGA

SUCCESSOR

17—ADRO DE CIMA—20

(ATRAZ DE S. BARTHOLOMEU)

COIMBRA

Armazem de fazendas de lã, seda e algodão  
Vendas por junto e a retalho

29 GRANDE sortido de corças e bouquets, funebres e de gala, vindos das principaes fabricas nacionaes e estrangeiras. Fitas de faille, moiré, glacé e setim, em todas as côres e larguras.

Continúa a encarregar-se de funeraes completos, armações funebres, e trasladações, tanto nesta cidade como fóra.

PREÇOS SEM COMPETIDOR

17—ADRO DE CIMA—20

angustia; e o consolasse, embora tivesse para isso de renunciar a elle. Custar-lhes-ia a vida o sacrificio; mas sentia-se com a coragem de tentá-lo. Se teria forças para realisá-lo, só Deus o podia saber; ella receiava que não.

Já tinha um pretexto para aproximar-se de Mario; desde o jantar que o achára. Correu á alcova; tirou uma caixinha, e chamando a Euforsina para que a acompanhasse dirigiu-se ao quarto do moço.

Mario ouvindo a voz da menina que o chamava correu á porta:

— E' você, Alice?

— Está melhor, Mario? perguntou a menina fitando um olhar ancioso no semblante do engenheiro.

— Ficou inquieta por meu respeito? Obrigada Alice. Não tenho mais nada; já passou.

— De todo?

— De todo; respondeu o moço compreendendo o pensamento da menina.

— Mas pôde voltar!

Um triste sorriso fuziu pelos labios do mancebo, cujo olhos se abaixaram para não verem o semblante inquieto da menina.

Estava aberta a dois passos a porta de uma saleta desoccupada: era um terreno neutro onde ella podia

entrar sem o vexame que a impedira de transpor o liminar do quarto de Mario, depois que o moço o habitava.

— Escute, Mario: disse a menina conduzindo-o para a saleta. Desde a sua chegada estou para restituir-lhe o deposito que me foi confiado, e faltava-me o animo. Hoje não sei porque, pareceu-me que não devia conservar por mais tempo este objecto em meu poder. Talvez seja um consolo!... Tome.

A mão tremula de Alice apresentou a Mario uma caixinha que trouxera occulta sob o mantelete de seu vestido de cassa.

O mancebo em extremo commovido não viu o signal de uma lagrima que humedecera a capa de maroquim verde. Elle tinha reconhecido logo uma especie de estojo, onde sua mãe nos ultimos annos costumava guardar seus objectos de maior valor; os poucos e mesquinhos que lhe permittia a pobreza.

Havia dentro da caixa um cordão de ouro com um coração de coralina, primeiro presente de José Figueira á noiva; umas argolas esmaltadas, o relógio que Alice dera a Mario havia sete annos; brincos e collar de vidrilho preto; finalmente um anel de cabellos.

Foi este ultimo, que primeiro fe-

ESCRITORIO TECHNICO  
DE  
PROJECTOS E CONSTRUÇÕES  
21—Rua de João Cabreira—21  
COIMBRA

56 Encarrega-se da elaboração de projectos, e organamentos de construcções; levantamento de plantas; fiscalisação, vistorias e louvações de obras; desenhos e copias; consultas, pareceres e relatorios sobre trabalhos de construcção.  
O gerente — E. Parada.

# GRANDE NOVIDADE

107 Chegou grande remessa de chouriças d'Elvas, fari-nheiras e morcellas de sangue.

Ditas de Castello de Vide. Garante-se a boa qualidade. Preços sem competencia. Qualquer pessoa que compre e não goste recebem-se e entrega-se o seu dinheiro.

E. Gonzaga & C.ª

72, Rua da Sophia 72,

# BANDEIRAS



Balões venezianos

Balões á crivas

ILLUMINAÇÃO

USADA NO MINHO

Alugam-se

vendem-se. Encarrega-se de quaesquer festejos em todos os pontos dopaiz

SERIO VEIGA

SOPHIA

riu os olhos do mancebo. Levando-o aos labios e beijando-o com respeitosa ternura. Mario fitou um olhar repassado de gratidão no semblante de Alice, cuja mão adivinhara nessa delicada lembrança.

— Ella lhe queria muito bem, Mario; disse a menina com voz doce como um canto celeste. E a mim tambem!...

Mario não disse palavra; mas seus olhos embebidos nos labios da menina pareciam-lhe pedir-lhe que fallasse, que lhe derramasse na alma suavidade angelica das suas palavras.

— Ella chamava-me sua filha; e beijava-me e abraçava-me para matar as saudades que tinha de você. Quando recebia cartas suas, lia-as uma e muitas vezes para que eu as ouvisse; e por uma semana não se fallava em outra cousa, até chegar outra carta, que era a unica novidade da nossa solidão. Como ficava orgulhosa, quando vinham noticia dos progressos que você fazia nos estudos! Então achava um prazer extraordinario em descrever o que seu querido Mario havia de ser; e não se enganava!...

— Ella lhe chamava sua filha Alice! disse Mario repetindo como um echo as primeiras palavras da moça. Pobre mãe!

# ALVIÇARAS

117 Perdeu-se desde a travessa da rua do Loureiro, até á porta do ex.<sup>mo</sup> sr. padre Ricardo, rua do Loureiro, uma carteira com um pequeno valor. Pede-se a quem a achasse o favor de a entregar na Padaria do Arco d'Almedina, onde receberá alviçaras.

# CONVENIENCIA

110 VENDE-SE ou arrenda-se uma propriedade no sitio do Loreto, aros d'esta cidade, denominada Vinha do Celleiro, que se compõe de casas d'habitação, adega, terra de vinha e de sementeira.

Para tratar rua Direita, n.º 16.

# PAPAGAIO

113 Fugiu um. Quem o agarrou e o queira entregar a seu dono é na rua do Visconde da Luz, 90 a 92. Receberá alviçaras.

# PURO VINHO DE MESA

104 Na merceria — CARNEIRINHA — em Santa Clara, ao fim da Ponte, encontra-se á venda bom vinho da sua lavra, pelo preço de 90 réis, o litro.

Garante-se a boa qualidade.

# Bom emprego de capital

94 Vende-se um magnifico predio situado na rua de Ferreira Borges, a rua mais bonita e commercial de Coimbra, que dá um bom rendimento.

Para esclarecimentos — Largo do Principe D. Carlos, 2 — Coimbra.

# DIPLOMAS

A preto e a côres

Imprimem-se na

TYP. OPERARA

COIMBRA

E o moço fitou os olhos na penumbra do aposento, como se alli vira surgir a imagem d'aquella que nesse momento elle evocava do fundo do coração.

— Nos ultimos tempos, continuou Alice tremula e com a voz balba; nos ultimos tempos, Mario, quando ella presentia que não havia de o ver mais neste mundo, quantas vezes não dizia abraçando-me: — Eu morreria feliz, e iria contente encontrar no céu meu marido, se tivesse a certeza de uma cousa. E como eu lhe perguntava... — Acabe, Alice; instou Mario commovido pelo tremer que embargara a voz da menina.

— Ella me respondia «E' um segredo» E m'o dizia baixinho ao ouvido. Coitada! Depois arrendia-se tanto vendo que me affligia essa idea de que ella não havia de ver sua volta e nos abraçar a ambos como fazia antigamente. E tinha razão; o coração lhe adivinhava!

— Mas o segredo, Alice?... o segredo que ella dizia-lhe no ouvido e que a fazia morrer feliz!

(Continúa).

Impresso na Typographia Operaria — Largo da Freiria, n.º 14, proximo á rua dos Sapateiros — COIMBRA.



Redacção e administração

LARGO DA FREIRA

Não se restituem originaes sejam ou não publicados

Assumpo de redacção, dirigir a

Pedro Cardoso

EDITOR

Assumpo de administração, a

Antonio Augusto dos Santos

ADMINISTRADOR

# O ALARME

Publica-se ás quintas feiras e domingos

Condições de assignatura

(PAGA ADIANTADA)

Com estampilha Sem estampilha  
Anno... 2\$700 Anno... 2\$400  
Semestre 1\$350 Semestre 1\$200  
Trimestre \$680 Trimestre \$600

Avulso... 30 réis

Annuncios (cada linha) 30 réis  
Repetições 20 réis  
Permanentes contracto especial

Annunciam-se publicações enviand um exemplar

## O serviço militar e a emigração

Numa representação da câmara de Gondomar contra a emigração para o Brazil, lêem-se os seguintes trechos a cuja traslação não podemos resistir:

«Os protegidos têm sophismado a lei de 12 de setembro de 1887; os que o não são procuram na emigração o remedio para a tremenda desgraça que a imaginação lhes representa. Não emigra quem não quer; é este um facto indiscutível. Com documentos ou sem elles, conseguem embarcar, a troco d'uma quantia relativamente pequena, todos aquelles que o desejam: quando um é impedido de o fazer, já cem conseguem o seu intento.

«A industria, enormemente productiva, chegou ao maior grau de perfeição. Desde 1887 nunca os contingentes se preencheram, porque só têm assentado praça aquelles que o desejam; os restantes têm emigrado. Com isto soffreu a nação uma perda enorme e nada lucrou o exercito. Nem se diga que a permissão das substituições virá remediar os inconvenientes apontados. A dificuldade d'arranjar substitutos e o elevado preço que certamente exigirão os poucos que apparecerem farão que só os privilegiados possam aproveitar-se d'este beneficio; os restantes, a grande maioria, continuarão a recorrer á emigração. Resultado — ficará o trabalho nacional sem braços, o exercito sem soldados e o thesouro sem dinheiro.»

Tudo isso é exacto. A philosophia do caso porém é que falta ali.

A repugnancia instinctiva que tem o povo das nossas aldeias pelo recrutamento militar, repugnancia que leva tantos milhares de portuguezes a tentarem os azares da emigração, indo procurar em longes terras um trabalho que se veem obrigados a abandonar na mãe-patria; essa repugnancia é a mais formal condemnação do ruinoso systema dos exercitos permanentes.

Realmente, o trabalhador do campo não pôde já temer, ao ser chamado para o serviço militar, os perigos d'uma guerra, contingencia terrivel á qual não parece que estejamos sujeitos, nós, os portuguezes do seculo XIX. Nem mesmo a guerra civil, a revolução, d'onde a indole pacifica e soffredora do nosso povo, será hoje para temer.

O que é então que tanta repulsão provoca?... Não pôde ser mais do que a sujeição a uma disciplina que,

embora entre nós bastante afrouxada, é todavia sufficiente para tirar ao espirito a sua liberdade, e muitissimas vezes colloca o individuo na alternativa de, ou olvidar os mais rudimentares principios da dignidade humana, ou sujeitar-se a umas penalidades contrarias a toda a noção de justiça, pela disparidade entre a gravidade do supposto delicto e a gravidade da pena. Isto, agravado pela repulsão que naturalmente provoca a ociosidade, ou se preferem um termo mais suave, a esterilidade da caserna, aquelles que estão habituados a um trabalho util e fortificante.

Quaesquer medidas repressivas da emigração serão impotententes; e quanto ao alvitre das substituições, elle é immoral, pois que será sempre um privilegio aberto em favor dos ricos que compram a sua isenção do serviço, contra os proletarios que a não podem comprar.

O remedio, o unico remedio, é aquelle que a democracia nos offerece: dado o estado de guerra em que as nações se encontram, umas em frente das outras, não podendo o paiz desarmar, e por conseguinte não podendo o exercito ser licenciado em absoluto, é estabelecer o serviço militar obrigatorio nas condições d'um simples aprendizado por tres mezes ao anno, entre os 21 e os 25 annos para todos os mancebos válidos, podendo, findo o prazo dos exercicios, voltar cada qual tranquillamente para sua casa, valendo o código militar apenas pelo tempo d'esse serviço effectivo, e sendo devidamente expurgado de tudo quanto tenda a fazer do soldado um escravo sobre quem á sua vontade podem tripudiar os superiores impunemente. A officialidade instructora sahirá das escolas respectivas. E o corpo effectivo do exercito, permanente, ficará reduzido ao voluntariado.

Só assim ficará sanada essa repugnancia pelo serviço militar que tanto nos prejudica com a emigração.

Cadeta do Limoeiro.

HELIODORO SALGADO.

### O Dia republicano

Este jornal monarchico vai declarar-se republicano. Faz parte da redacção o sr. Gomes da Silva e outros distinctos escriptores democraticos. Estimamos.

Podem dinheiro ao povo, quando a industria não tem trabalho; a agricultura está decadente; e o commercio paralyzado!

### Theatro-Circo

Na quinta feira a estreia da Bella Zephora. Sensation! Entre a hypochondria em que fomos cahindo nas noites de Circo, pela quasi insubstituibilidade de programma, prepassava-nos, todavia, cá no estrô, a fagueira consolação de que a Zephora abria um sulco nesta modorra spleenica, e nós traria a nota vibrante dos grandes — ah! — admirativos e só consagrados ás grandes solemnidades da arte.

E nisto andavamos, quando o urgentissimo «telegramma» da empreza, com 8 dias de antecedencia nos prevenia, sem adjectivação por signal, que cá a teriamos; a ella, á Zephora, na quinta feira...

Com effeito. A Zephora chegou, viu, e não sabemos se venceu. A nós, venceu-nos. Inquestionavelmente o seu trabalho é apreciavel... no trapezio, está claro. Fora do trapezio, passando da esthetica aos dominios puros da plasticidade, ás bellezas da forma, a Zephora — ai! que indiscreção a nossa! — não vai tão longe como ás tubas do reclame a faziam desejar. Nós phantasiavamos a mais insinuante, carnuda, aspecto mais saleroso, fibra mais retezada, uns olhos ainda mais gaiatos — e seria isto possivel? — que os da Virginita d'Aragon... etc.

Alfina! a nossa phantasia illudiu-nos e os retratos coloridos enganaram-nos; mas não importa. É uma artista distincta; equilibra-se no trapezio, nas differentes posições, com uma destreza despretençiosa e agradável, baloiçando-se suavemente, com uma facilidade genial. E isto basta para merecer os applausos dos que alguma imparcialidade podem manter, sem cahirem, de papo, na baixa suppuração da lisonja, com pretensões a D. Juans de hospedaria d'aldeia...

É o que é. Os claqueurs que ao redor da Jenny, queixo de rebeca, iam delectando da loquella grandes baforadas de — foras — não fazem agora, com mais justiça, successivas chamadas á Bella Zephora, porque entre esta e a Jenny vai a grande distancia que medeia entre uma artista intelligente e modesta a uma ecuyère de bas école, com ademanes pretenciosos e delambidos, no intuito pandego de crear satellites... Ora ali está.

Na sexta feira, segunda apresentação da Bella Zephora. Idem, idem e idem. Repetição dos trabalhos da noite antecedente... sem alteração.

Hontem a terceira representação e que dizem ser a ultima, de mad. Bella Zephora.

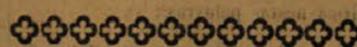
Hoje, a companhia, por deferencia com a troupe academica que promove uma garraida no Colyseu Combricense, em beneficio, não dá espectáculo de tarde no Circo.

### Marçal Pacheco

Este menino bonito das instituições, seu defensor, por estas lhe aquecerem as algibeiras e lhe fartarem o estomago vai (?) ser demittido de director geral de repartição, por abandono de lugar.

Explicamos: — Tinha o trabalho de receber o ordenado. E era favor.

D'estes exemplares abundam ás duzias no nosso functionalismo — e ninguém lhes falle em Republica!



### Contra antigos ministros

Damos hoje uma nota das accusações que deputados da nação têm feito contra os actos de ministros de estado.

Por ella se verá que todos os accusados ficaram impunes e que as camaras absolveram todos os ministros sobre quem recaiam immensas provas para uma severa condemnação.

Succederá agora o mesmo? Todos o esperam e ninguém acredita que a camara dos deputados faça justiça. Não que o accusado Mariano de Carvalho arrastaria atraz de si uma alluvia de homens que necessariamente haviam de merecer as iras populares.

Vejam os leitores a moralidade que nos offerece as instituições:

1840 — requerida pelo deputado Leonel Tavares, contra o ministro da guerra, conde de Bomfim.

1840 — requerida pelo deputado Alberto Cerqueira de Faria, contra o ministro da fazenda Florido Pereira Ferraz.

1843 — requerida pelo deputado Caetano Brandão, contra o mesmo ministro Florido, depois visconde de Castellões.

Estas tres accusações ficaram pendentes na commissão de infracções.

1840 — requerida pelo deputado José Alexandre de Campos, contra o ministro da justiça Antonio Bernardo da Costa Cabral.

Houve um parecer da commissão de infracções pelo decretamento da accusação, que foi rejeitada pela camara, ficando, portanto, resolvido, que não havia lugar a decretar a accusação do ministro.

1841 — requerida pelo cidadão Antonio Joaquim de Figueiredo e Silva, contra o ministro da guerra conde de Bomfim.

Resolveu-se que não devia ter lugar.

1841 — requerida pelo deputado Agostinho Coelho de Araujo, contra o ministro da justiça Antonio Bernardo da Costa Cabral (marquez de Thomar).

Resolveu-se que não devia ter lugar.

1841 — requerida pelo cidadão Manoel da Rocha, contra o ministro da justiça Antonio Bernardo da Costa Cabral.

Resolveu que não devia ter lugar.

1848 — requerida pelo cidadão Antonio José de Lima Leitão, contra o ministro do reino duque de Palmella.

Resolveu-se que não devia ter lugar.

1853 — requerida pelo deputado Antonio da Cunha Sotto Maior, contra todo o ministerio pelos abusos praticados pelo governador da India, visconde de Ourem.

1856 — accusação contra o ministro da justiça, Frederico Guilherme da Silva Pereira por falta da observancia da lei.

Resolveu-se não aceitar a accusação.

1884 — requerida pelo deputado Jacintho de Freitas Oliveira, contra o ministro da marinha, Manoel Pinheiro Chagas.

Esta accusação não foi admittida em votação nominal, por 57 votos contra 3.

### Suspensão do «Jornal da Noite»

Este nosso illustrado collega publica o seguinte no seu numero de quinta feira:

«Foi hoje condemnado a 45 dias de prisão, 15 dias de multa a 100 réis por dia, nos sellos e custas do processo, o chefe da reportagem d'esta folha, Augusto Soares.

«O delicto que lhe valeu esta condemnação foi o de haver estacionado em frente da esquadra de policia, na Avenida da Liberdade, tomando apontamentos sobre uma prisão que se havia effectuado naquella esquadra e dizerem as testemunhas de accusação, que foram unica e simplesmente os policiaes que o prenderam, que elle os havia injuriado e ameaçado.

«Sem fazermos comentário algum a este julgamento, entregamos ao cuidado da imprensa portugueza o nosso desagravo.

«Entretanto o Jornal da Noite suspende a sua publicação enquanto esse desagravo se não der.»

E é poder o sr. Dias Ferreira e outros liberaes que tanto defenderam as immunidades da imprensa, condemnando as brutalidades da policia.

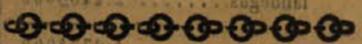
Está sabido e mais que provado que em se subindo aquelles logares esquecem-se por completo os deveres de consciencia e de moralidade, entregando-se somente aos caprichos e ás vontades d'um poder occulto que tantos caracteres tem delirado e tanto homem tem perdido.

Protestamos contra semelhante agravo practicado contra um jornalista, e d'elle tornamos responsavel o liberal governo do sr. José Dias Ferreira.

Mas bom é que fixemos isto: que a lei fez prender e condemnar em bem poucos dias um jornalista innocente; em quanto que aos ladrões confessos a lei garante mezes e mezes de impunidade.

Moralidade do caso: — castigar os honrados; e proteger os ladrões! Grande systema.

Onde ha de o povo ir buscar dinheiro para as contribuições, se não tem dinheiro para pão?!



### Espetadas

Cherchez la femme!...

Vae alta a lua...

Soube que na terça feira (não julguem ser isto arara) houvera scena brejeira p'ros lados de Santa Clara.

Uns tres, ou quatro, vicans bem conhecidos aqui, com fama de D. Juans... empalmaram a Jenny.

Constou o caso á policia. E submisso ao seu fadarío com arte, manha e pericia... o proprio sor commissario,

partiu! E quando chegou o rico bastião empunha... Tudo logo dispersou e a Jenny calu-lhe á unha.

Resultou d'esta prisão um facto bem galhofeiro; pois me dizem que — o Ferrão — heara prisioneiro!!!

PINTA-ROXA.

**Papeis velhos**

Giga a trashedor! Nunca me vi tão rico, e nunca me vi na colisão de não saber a quem hei de dar preferencias: se aos carimbados progressistas, se aos carimbados regeneradores!

Uma choldrice: uns atiram; outros esperneiam. Ambos querem vender honra aos alqueires!

Que peste!  
Se os ouvirem fallar e os não conhecerem tomam-os por uns santos — mas em pouco momentos dão pela falta do lenço, ou da corrente do relógio. Ladrões como pardaes; manhosos como raposas!

Mas o povo vai pagar e o paiz será salvo... de gente honrada.

Eu bem prego: — que não é com papas de linhaça que isto toma cura... nitrato de prata ou ferro em brazal!

Bem eu sei que a minha receita comparada á outra do hespanhol — tres dias a chover polvora e ao quarto cabir um raio — é uma panacéa indecente; mas cá nós, os portuguezes, somos menos prosaicos. Nas horas de estalar é que rejubilamos com o candieiro a servir de poste; mas é passageiro.

O candieiro! Que papão!

Conhecem o Barjona — alma candida, o virgem das instituições? Pois se conhecem apreciem-lhe o canto que o seu orgão — a *Revolução de Setembro* — entôa:

«O povo quer justiça, não pede vinganças. Exautorem e punam sem misericórdia os que provadamente faltaram ao seu dever, mas não nos estejam a atulhar de reputações abocanhadas, o caminho por aonde é preciso ir para diante na rude jornada, que a má fortuna nos impõe.»

Elle quer ir para diante na rude jornada; mas alguém lhe ha de gritar: — faça alto, seu moço!

E sem misericórdia serão punidos os que faltaram ao respeito e postergaram a patria, infamando-a com o tratado de 20 d'agosto.

A má fortuna lá tem no *Haver* — um candieiro!

Caramba! que salero!

Um patriota que está beneficiando a algeibra com as seguintes esportulas que recebe do thesouro:

Instrução publica ..	1:045\$000
Obras publicas.....	785\$000
Fazenda incluindo al-fandegas.....	2:445\$000
	4:275\$000

Mas leva vida de mouro — dá-lhe, que dá-lhe — e ao final ainda tem de escarrar 20 por cento, o pobre Mattozo dos Santos.

Uma injustiça!

Calado? nem por um porco! E agora é que é vel o fallar em voz grossa, no seu *Diario Popular*.  
Trata-se do Mariano, meus senhores. Leiam de mãos nos bolsos:

«Mas qual é o plano do governo?... Com que medidas salvadoras, com que milagres do ceu, quererá elle acudir á crise economica do paiz, que é lancinante, que é assustadora, elle que acaba de tão prodigiosamente agravar-a com as suas medidas financeiras, medidas que tanto assombram como inquietam o paiz inteiro?!...»

A doer-se pelo paiz — o patife; quando ao povo é que doe os milhares de contos que elle *surrupiou*...

Já viram tratante mais depravado? Canta filho, que um dia dançarás.

Vadio, o incomparavel *sergio*, sujo gatuno das livrarias de Coimbra, pede querella contra o *Seculo*, por este jornal dizer que a maioria parlamentar é uma perfeita carneirada.

Parabens ao *Seculo*, que já merece do Vadio as diatribes da sua prosa.

Mas saibam os leitores que essa opinião não é só do *Seculo*. O conspicio orgão da chefia progressista o afirma nestas palavras:

«Que differença de tempos e de homens, defrontando o *servilismo* da camara actual com a *nobreza altiva* da camara de 1820! Estamos sem duvida a-sistindo ao descalabro do systema representativo. Renunciae aos vossos mandatos, senhores, se não possuis a força e a intelligencia necessarias para fazer respeitar a instituição que representaes e arcar com as responsabilidades, que, neste momento, pezam sobre as vossas consciencias.»

Por pouco que o *Correio da Noite* nos não canta o hymno da Maria da Fonte. Bem se vê que a maioria do parlamento cheira a regeneradores que trezanda.

Para a *nobreza altiva* — não ha como os progressistas! Toma lá pinhões.

O jogo d'empurra. Vamos ter ralhinhos de comadres — p'la certa. Já se ouvem os primeiros rumores da contenda. Diz o *Diario Illustrado*:

«O *Correio da Noite* insta para que tudo se esclareça, com respeito aos adiantamentos feitos ao syndicatô de Salamanca.

«Como informação, diremos que esses adiantamentos, que sommam quasi 6:000 contos, ou quasi metade das quantias dos creditos do thesouro, foram feitos pelo ultimo gabinete progressista.»

É clarissimo. Os regeneradores são a gente mais honrada que cobre a rosa divina. As obras das Penitenciarías; as obras de Tancos; as Salamancadas; os testamentos, etc.; tudo isso representa a aureola de virtudes que pezam nesse partido, onde figura o honrado Lopo Vaz e Julio de Vilhena que ha pouco largaram o poder.

O paiz deve-lhes erguer um altar — illuminado por bons candieiros. Grande dial!

A isto é que as folhas monarchicas ainda não responderam. Enguliram em secco, e como a verdade é palpavel, nem tentaram defender-se como costumam.

Ora vejam como a *Vanguarda* os zurzo:

«Temem-se as reprezalias do ministro conselheiro Mariano de Carvalho, que certamente tem na mão seguro meio de attingir a familia real se quizer dizer como foi distribuida a *outra metade* e d'onde tem sabido dinheiro para todas as festas regias, para os passeios das magestades, para a torre do Outão e para outros muitos grandes escandalos. Receia-se tambem, por parte dos regeneradores, que o sr. Lopo Vaz — **que com seu cunhado Perestrello sabia de grande numero de ladroceiras e que é solidariamente responsavel por ellas** — seja envolvido na accusação criminal que foi formulada no parlamento.

«Por todas essas razões, fazem-se grandes esforços para evitar que se descubram mais crimes de latrocinio e fez-se uma conspiração de silencio em volta do

caso verdadeiramente pavoroso da Caixa Geral dos Depositos, d'onde o sr. Mariano de Carvalho — um Messias que se transformou em grillheta — tirou titulos que ali estavam á ordem dos juizes e cujo valor se calcula em 4:000 contos de réis!»

Explicado está porque Mariano ha de sair illeso; e porque aos regeneradores, que formam a maioria parlamentar, não convém individuos honrados na commissão d'infrações.

O Lopo Vaz que é o inspirador ha de triumphar da infamia; mas confiamos que este homem ha de pagar caro e bem caro os seus crimes.

O' se ha de...

TRAPEIRO.

Foi condemnado o jornalista Augusto Soares ha dias arbitrariamente preso pela policia de Lisboa!

Pois os ladrões dos cofres publicos continuam ao sol, gozando a liberdade de gente honrada!

Enas alturas — o sr. Dias Ferreira!

**O que o Zé vai pagar**

Segundo o projecto da commissão de fazenda, é esta a taxa a que é elevado o imposto complementar de 6 por cento estabelecido na lei de 30 de junho de 1890:

Contribuição sumptuaria:

Para collectas superiores a 10\$000 réis.....	10 %
Idem, 50\$000 réis.....	12 »
Idem, 100\$000 ».....	15 »
Idem, 150\$000 ».....	18 »
Idem, 200\$000 ».....	20 »

Contribuição industrial e predial:

Para collectas superiores a 10\$000 réis ...	10 %
Idem, 100\$000 réis.....	12 »
Idem, 200\$000 ».....	14 »
Idem, 300\$000 ».....	16 »
Idem, 400\$000 ».....	18 »
Idem, 500\$000 ».....	20 »

Contribuição de renda de casas:

Para collectas superiores a 10\$000 réis .....	7 %
Idem, 50\$000 réis.....	9 »
Idem, 100\$000 ».....	12 »
Idem, 1500000 ».....	15 »
Idem, 200\$000 ».....	20 »

Para a contribuição bancaria a mesma taxa é elevada a 15 por cento.

**Quem deve — teme!...**

Regeneradores e progressistas rejeitaram a proposta do sr. Mangel de Arriaga, para serem annexos á commissão d'infrações, que ha de examinar a proposta de accusação contra Mariano de Carvalho, outros srs. deputados.

Isto é significativo. Nem a regeneradores, nem a progressistas convêm se faça luz nas trevas de tanta ladroceira; e neste caso só homens promptos a fallar á verdade lhes servem na tal commissão que ha de abafar este escandalo — e outros que estão assolapados.

Nós confiamos que se a justiça monarchica proteger os ladrões; a justiça do povo ha de punil-os, e severamente.

**Sobre queda...**

Uma revista medica aponta as notas de banco como verdadeiros agentes d'epidemia, as quaes passando de mão em mão, servem de vehiculos para os germens contagiosos.

Deus super omnia.

Porque pedem dinheiro ao povo? — Para se pagarem 45:484\$200 réis ao sr. conde de Burnay, para despesas de viagem, juros e despesas diversas.

Isto consta do parecer da commissão de fazenda!!!

**Sciencias e Lettras**

**O Futuro**

(Ao dr. Eduardo Mata, o auctor reconhecido)

Desde a cova das trevas ao templo da luz, Da cruz de Nero á fiação de Jesus, Anda pelos caminhos alcateia infrene Qu'impede á liberdade seu final Laus-

Assolando as matilhas da padres e reis Aos crentes, que proclamam do Direito as leis.

E a alcateia entretanto, devora, devora... Porém o povo d'hoje não é o d'outr'ora Que dobrado á ignorancia respeitava o jugo;

Já lhe crepuse'la a luz; adora March e Hugo; Já vai 'sfregando os olhos, dissipando a treva.

Breve será qu'aurora a encarar se atreva E então, esmagará as matilhas e'roadas N'avalanche final de raivas represadas, E a alcateia voraz qu'intortava os caminhos

A orgia findará no toupo dos pelourinhos.

FELIZARDO DE LIMA.

**As maldades do Sylpho**

(CATULLE MENDÈS)

**III**

(CONCLUSÃO)

Mas o malicioso Sylpho gosta de pregar pirraças, enganára a princeza. Em vão ella caminhou todo o dia e toda a noite: não conseguiu alcançar o cavalleiro cujos olhos eram azues como o firmamento. Foi só á meia noite, em uma estrella que Yolaine viu passar, sobre o espectro de um cavallo, um grande phantasma branco.

— Quem és tu aveião que passas? perguntou Yolaine.

— Eu era um bello mancebo de cabellos cõr da noite; agora nada sou. Encontrei o sobrinho do imperador da Goiconda, meu rival, batemo-nos, e elle matou-me.

— Onde vaes? Interrogou de novo a princeza.

— Vou á casa onde dorme a minha amante.

— Causar-lhe-has pavor! Julgas que aquella que não amava um vivo, quererá amar um morto? Vem connigo que te escolhi: farei do meu leito um tumulo nupcial; adormecerei ahí para sempre ao teu lado, e teremos magnificos funeraes.

— Não. Quero aproveitar o somno da minha amante para lhe dizer adeus atravez dos seus sonhos; beijarei, nos seus labios adormecidos, o perfume da sua canção.

— Permite ao menos que eu te acompanhe: deixa-me montar á garupa contigo!

— Não é costume os phantasmas irem visitar as suas amantes levando mulheres á garupa. E o espectro desapareceu.

A filha do rei chorava, cada vez mais inconsolavel. Como passava da meia noite, a lua argentava melancolicamente o horizonte, os campos e a estrada, afogando-os em uma claridade branca como a neve; os passarinhos, adormecidos no leito da folhagem, sonhavam com os seus alegres vôos atravez das campinas em flôr.

**IV**

Sylpho sabia de um bosque de murta; trazia uma casaca de lucto, feita com duas metades de uma lúlipa preta, uma teia de aranha servia-lhe de fumo.

Yolaine, pobre Yolaine, disse Sylpho, porque choras tanto?

— O meu unico amor morreu, e eu não posso seguil-o.

E' o teu amor, esse phantasma que acaba de passar na estrada?

Elle mesmo. Arrancaram-lhe os seus cabellos cõr da noite, e a dôr de perder a sua amante apagou-lhe o olhar azul.

— Conheço as hervas que dão a vida e as que dão a morte. Procura o corpo do homem que amas, dar-te-hei a herva que restitue a vida.

— Sylpho, tu illudiste-me uma vez! Mas se tu enganás, quando se trata de fazer bem, serás talvez verdadeiro, tratando-se de fazer mal. Dá-me a herva que mata.

Ahi a tens, disse o garoto Sylpho. Logo que morreres, irás reunir-te ao teu amor, e nunca mais se separarão.

Sylpho entregou á infeliz princeza quatro folhas de uma herva, que em recordação de uma historia de amor, se chama Simo, ide: apenas Sylpho voltou para o bosque de murta, Yolaine levou a herva aos labios e morreu sem o mais leve soffrimento.

**V**

Mas ainda d'esta vez, Sylpho enganára a princeza.

No momento em que a alma de Yolaine voava para o ceo, avistou outra alma que descia para o inferno. Ao clarão de uma estrella, reconheceu a alma do bello mancebo.

— Onde vaes tu, alma do meu unico amigo?

— Ai de mim! falei de amor á minha amante, nos seus sonhos, e os seus sonhos, e os meus beijos posthumos roçaram a sua bocca, como uma borboleta preta que pousa, tremente, sobre uma rosa. Fui condemnado e desço ao inferno.

Queres que eu te acompanhe, eu que morri para tornar a ver-te? Consolar-te-hei nos teus tormentos, animar-te-hei na eternidade! O meu amor será a caudal de repouso e resignação, onde poderão dessedentar-se os labios da tua dôr. Queres que te acompanhe?

— Não! só a recordação da minha amante deve acompanhar-me.

E a alma do bello mancebo perdeu-se nas trevas, enquanto a alma da donzella se erguia, sósinha, para o espantoso paraizo!

ESMERALDA.

Em quanto houver a capa de ladrões podem dormir socegados os Murianos, os Lopus, os Navarros, os Mendonças Cortez, os condes de Burnay, os marquezes da Foz, e toda a quadrilha.

**Leitão e Verdial**

Estes dois valentes da revolução de janeiro, degredados pelos tribunaes de Leixões, e que, como já se sabe, fugiram do Ambriz, sem se saber para onde, chegaram finalmente a Paris, de boa saude e libertos das garras da monarchia.

Constatando este facto, que nos enche o coração do mais indizível jubilo, nós folgamos immenso que as auras da ventura bafejem aquelles sympathicos vultos da legião democratica, e que muito breve — oh! se pudesse ser amanhã! — a patria os possa ver, de perto, como seus filhos mais queridos...

Ah! se pudesse ser amanhã!

**Em favor de Tavares Coutinho**

Vão commissionedos a Madrid vinte estudantes portuguezes, afim de solicitar dos seus collegas da Academia hespanhola a sua interessão em favor de Tavares Coutinho, o sympathico emigrado por causa dos acontecimentos de 31 de janeiro, actualmente encarcerado em Santander, por falsamente arguido de abuso de liberdade de imprensa.

**Meliodoro Salgado**

Deixou de pertencer á redacção do *Seculo* este nosso estimadissimo collega, que entrou para a redacção effectiva da *Batalha*.

## RECLAMES

**Caldas da Cunha** — Modas e confecções, ultimas novidades de Paris e Berlim — rua F. Borges 117.

**Correio e selleiro** — estabelecimento de Evaristo José Corveira — rua da Sophia.

**Calçado e tamancos** — Sola e cabedaeas — Antonio Augusto da Silva — rua dos Sapateiros, 2 a 6.

**Casa Leão** — Loja de pannos e atelier de alfaiate — Rua Ferreira Borges.

### Para variar

Uma gentil amazona passeava pela Avenida, montada n'um fogoso cavallo. De repente, o animal espanta-se, faz umas cabriolas e atira a ao chão; e tão desastrosamente caiu que ficou descomposta. Levanta-se lestantemente, torna a montar e pergunta ao creado que a acompanhava:

— João, viste a minha agilidade?  
— Vi sim, minha senhora, mas não sabia que se chamava assim!

Uma viuva acaba de perder o marido e chora com a creada a sua infelicidade.  
— Ai! Josephina, como elle era bom! Nunca mais terei seus doces beijos, seus anhelantes abraços!...  
— Nem eu, minha senhora.

**Drogaria e deposito de tintas** de Matos Azeosa — rua de Mont-arroyo, 25 a 33.

**Funileiro** — estabelecimento de Luiz d'Almeida Junior — Obra em folha branca — rua do Corvo, 55 a 57.

**Instrumentos de corda e seus accessorios** — Augusto Nunes dos Santos — rua Direita, 18.

**Loja de barbear**, cortar cabellos e amolação de instrumentos cirurgicos, de Manoel Francisco da Silva, rua da Sofia, n.º 31.

**Manoel d'Oliveira** com estabelecimento d'amolação, afixação, barbear e cortar cabelo na rua do Paço do Conde, 14, Coimbra.

### Para variar

Na ante-sala de uma casa rica:  
O creado — Vieram tres cartas para o senhor.

A creada — E eu tenho duas para a senhora.  
O creado — Esta é da Julia; conheço-a pela letra. Que quererá tão cedo? (procura ler a carta).

A creada — Sem duvida esta é do sr. Pedro, o primo da senhora. Haverá alguma novidade? (intenta ler tambem, quando de repente sóa uma campainha). Que domonio de casa! diz ella. Não tem uma pessoa tempo para ler tranquillamente o correio!

**Mercearia** — José Paulo Ferreira da Costa — rua Ferreira Borges.

**Officina de calçado** — Antonio da Silva Baptista — Trabalhos em todos os generos — Sophia.

**Professora complementa** — R. da Sophia, 15 — Recebe alumnas internas, semi-internas e externas, ensina e aprompta para exames.

**Relojaria Universal** — A. J. Silva Pessoa — Deposito de relógios de todas as qualidades — rua de Ferreira Borges, 112 e 114.

**Sola e cabedaeas** — Vendas por junto e a retalho — Ricardo Pereira da Silva — rua dos Sapateiros.

### Canções populares

Pergunta bem perguntado se eu te quero bem ou não: ás telhas do meu telhado, ás pedras do meu balcão.

### Tavares Coutinho

Atravessa o paiz, numa onda sonorosa de fremente sentimento, o nome d'este sympathico rapaz, emigrado da revolução de janeiro, que em Santander (Hespanha) jaz numa prisão por causa d'um *suelto* que sem sua ordem foi publicado em *El Centro Montañez*, de que era director.

Como se sabe o delegado pediu para elle 8 annos de prisão e o sympathico republicano lá está soffrendo o horror dos instinctos inquisitoriaes das auctoridades visinhas...

Isto é monstruoso. Como contraposição a tal monstruosidade só nos consola essa corrente electrica de entusiasmo que hoje vibra em todos os peitos portuguezes para melhorar a situação do nosso infeliz amigo, para mitigar as duras provações por que aquelle espirito juvenil ha passado após a revolução do Porto!

Honra, gloria aos que assim procedem!

*Os regeneradores são tão ladrões como os progressistas. Ambos tem sido governo e ambos tem estado ao abrigo da capa de ladrões.*

*Vide antigas collecções dos jornaes monarchicos.*



## Infeliz paiz!!...

Como o medico que por meio da respiração artificial, conserva alguns dias a vida do doente até que finalmente morre; assim as nossas notabilidades procuram, servindo-se d'uma politica de expedientes, salvar Portugal da proxima catastrophe que trará consigo as horrorosas consequências d'uma bancarrota; e talvez, a semelhança do Egypto, a intervenção estrangeira e d'ali a perda da nacionalidade.

Não somos pessimistas! Analysamos apenas os factos taes como se nos apresentam. O que, porém, nunca faremos é illudir o povo!

Nunca elle lerá no nosso jornal que as finanças estão prosperas, quando os credores nos ameaçam por dificuldades nos pagamentos; que o thesouro tem dinheiro, quando se suspendem as obras mais urgentes; que o banco tem reservas metallicas sufficientes, quando não se trocam as notas!

Os programmas governamentais são realmente bons; mas infelizmente têm para o paiz o grande defeito de não se cumprirem.

Aquelle que sobe ao poder faz promessas que deixam antever um futuro feliz, mas immediatamente falta ao prometido e concorre com as suas reformas, os seus esbanjamentos, para agravar a crise: essa crise de que são victimas, o pobre e o rico, o operario e o burguez.

Na verdade o estado do paiz, não pôde ser peor!

Milhares de operarios sem trabalho; e a fome por toda a parte!

Não ha ainda um anno que na mallograda revolução do Porto, aquella altiva cidade mostrou quanto avançadas são as suas ideias. Ainda as familias choram o pae que morreu, ou o filho que está preso.

O governo, porém, não se importa! Antes faltando ás suas promessas e ao que é justo, deixa zazer no carcere os criminosos, que desejando dar ao paiz a forma de governo mais consentanea ao direito das gentes, foram apenas as victimas do seu patriotismo!

Basta essa serie de factos para facilmente se prognosticar qual a sorte que espera este infeliz paiz.

E' então a nós, republicanos, que mais do que nunca, cumpre libertar a patria, realisando o nosso ideal: dar a Portugal uma administração séria, uma justiça recta.

JEREMIAS.

## Publicações a pedido

### Consortio

No dia 7 do corrente, pelas 2 horas da manhã, na igreja parochial de Santa Clara, casou-se o nosso querido amigo Alfredo Maria Pinto, da Abruñeira, com a ex.<sup>ma</sup> sr.<sup>a</sup> D. Josephina Brazillia Moreira, da Quinta das Lamas (Penacova).

Depois da cerimonia religiosa serviu-se em casa do noivo um magnifico *lunch*, ao qual assistiram algumas pessoas das suas mais estreitas relações.

Os noivos partiram em seguida para o Bom Jesus de Braga, aonde foram passar a lua de mel.

Sabemos que a noiva é uma excellente menina, que reúne todos os dotes que podem garantir a paz e a ventura num lar domestico, e d'ella é digno o nosso particular amigo, cujas qualidades, que ha muito conhecemos de bem perto, não de sem duvida tambem concorrer para esse fim grande e sublime.

Os parabens sinceros que já lhes demos, aqui os renovamos, fazendo votos para que a felicidade que hoje lhes sorri, seja sempre a sua fiel companheira num longo decurso d'annos.

D. G.

### Nem palavra...

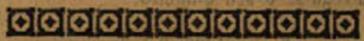
A do terreiro, matrona ja conhecida e experimentada em negocios sujos, não abre bico contra as ladrocinhas que estão sendo descobertas.

No ultimo numero apenas umas censuras contra o sr. Manoel d'Arriaga e contra o partido republicano.

Chama ao digno deputado: muito boa pessoa, mas leviano; e azeda-se porque elle escolhera homens, honrados para a commissão d'infrações.

Por fim falla da canalha — provavelmente refere-se aos ladrões dos cofres publicos, ou aos galinos presos nas cadeias de Lamego.

*Todos os ministros demissionarios são responsaveis pelos roubos praticados pelo Mariano de Carvalho, no ultimo ministerio. E deviam ser punidos se houvesse justiça.*



## Camara Municipal

### Sessão ordinaria

14 de janeiro

Presidencia do conselheiro dr. Manoel da Costa Alemão. Vereadores presentes, Antonio d'Almeida e Silva, Antonio José Lopes Guimarães, Miguel José da Costa Braga, effectivos; João da Fonseca Barata e Antonio Nunes Corrêa, substitutos.

Expulso do corpo de bombeiros municipaes o bombeiro n.º 41, Domingos Albanazio, por motivo de contravenção do regulamento respectivo e multou em 300 réis cada um dos n.ºs 9 e 17.

Mandou reparar a canalisação das aguas para o ourinol da praça do Commercio.

Mandou collocar duas bocças de incendio junto do theatro Circo.

Resolveu mandar annunciar a praça para a conclusão dos trabalhos da rua n.º 8 da quinta de Santa Cruz.

Demittiu do serviço por motivo de embriaguez o vigia dos impostos n.º 19, nomeou outro em sua substituição.

Admittiu interinamente cinco individuos para o corpo de bombeiros municipaes.

Resolveu agradecer ao redactor do *Conimbricense* o offerecimento por el-

le feito no jornal de 9 do corrente de publicar gratuitamente os annuncios para a venda de terrenos na quinta de Santa Cruz.

Resolveu representar ao governo pedindo a cedência do terreno pertencente á estação chimico agricola na quinta de Santa Cruz em frente do theatro Circo para embelezamento e alargamento d'aquelle local.

Tomou conhecimento da correspondencia recebida e despachou requerimentos de interesse particular fazendo lançar no livro da porta os despachos respectivos para serem examinados.

×

28 de janeiro

Presidencia do conselheiro dr. Manoel da Costa Alemão. Vereadores presentes, Antonio d'Almeida e Silva, Ernesto Lopes de Moraes, Miguel José da Costa Braga, effectivos; João da Fonseca Barata, substituto.

Depois de feita pela presidencia a declaração de que na semana anterior não houve sessão por falta de numero de vereadores, achando-se elle presidente e o vereador Almeida e Silva em serviço na commissão do recrutamento, foi registrada uma nota das arrematações dos impostos indirectos effectuados no dia 22, com respeito a algumas freguezias do concelho, e arrematou em praça o lote, n.º 62 de terreno, na rua n.º 8 da quinta de Santa Cruz, a 310 réis cada um metro.

Concedeu a exoneração pedida pelo professor official da cadeira d'ensino elementar de Antanol, Ventura José Esteves, mandando annunciar concurso para o devido provimento.

Auctorizou a reparação d'um muro de supporte ao caminho da Cioga do Monte, que ha pouco desabára.

Mandou intimar o dono do predio n.º 46, da rua Sá de Miranda, para fazer aprear as paredes interiores do mesmo predio, que se consideram em estado de ruina.

Auctorizou a reparação do caminho de Brasfemes ao Rumungão, e d'um aqueducto na estrada de Sernaça a Villa Pouca e o caminho que do matadouro conduz ao bairro novo de Mont'arroyo.

Mandou annunciar a venda em praça, da madeira dos salgueiros existentes na estrada municipal á ponte de Paço, junto ao logar d'Arzilla.

Mandou intimar a viuva de Joaquim Antunes, de Ceira, para fazer levantar uma barreira cahida d'um predio no caminho do logar do Casal.

Tomou conhecimento da correspondencia recebida e despachou 24 requerimentos de parte, cujos despachos se encontram no livro da porta para serem examinados.



### Noticias diversas

Proximo da povoação da Ermida, concelho de Villa Real, uma alcatêa de lobos atacou um rebanho de ovelhas, do qual não levaram nenhuma, graça aos gritos e á coragem d'um rapaz de 16 annos que guardava o rebanho.

A febre amarella está fazendo grandes estragos na Bahia.

E' muito pequena a colheita da azeitona este anno no districto da Guarda.

Já se acha restabelecido o serviço de comboio pela segunda via ferrea, entre as estações de Queluz e Cacem.

Diz o *Universal* que se está procedendo a uma syndicancia na secção das obras publicas da camara municipal.

Em consequencia de o parcho da freguezia do Raiva, Castello de Paiva, se oppôr á construcção do cemiterio da localidade, algum atirou-lhe contra a casa onde móra uma bomba de dynamite, que não causou desgraças pessoas.

\* Existe em Lóndres um club de celibatarios cujos membros estão sujeitos não só á exclusão, mas ainda a uma multa de 25 libras esterlinas, se contractam enlaces matrimoniaes. Muito frios...

\* Dizem do Algarve que a pesca tem agora sido bastante escassa, e por isso se nota maior miseria na classe piscatoria.

\* Foi auctorizada a criação de uma officina de canastras nas Caldas da Rainha, e outras de redes de malhas em Peniche. Estas officinas serão annexas ás escolas industriaes.

\* A ponte do caminho de ferro em Braço de Prata ameaça ruina. Foi ha dias examinada, precisando de reparações urgentes.

\* A fim de evitar despesas nos transportes, quer pela via ferrea, quer pela maritima, vae ser determinado que as forças que saíam dos corpos, para escoltas ou manutenção de ordem publica, sejam o mais reduzidas possivel.

\* O Instituto Ultramarino vae tomar a seu cargo a pensão que era paga mensalmente á filha de Silva Porto pelo ministerio da marinha. Este pagamento cessou em virtude das ultimas medidas geraes de economia adoptadas pelo governo.

### Obituario

Nas semanas findas enterraram-se no cemiterio da Conchada os seguintes cadaveres:

Maria Claudia Augusta Ferreira, filha de Agostinho Ferreira d'Oliveira e Maria da Conceição, de Coimbra, de 70 annos. Falleceu de broncho pneumonia chronica, no dia 1.

Francisco Pedro, filho de Antonio Pedro e Rosa da Conceição, de Autuzede, de 34 annos. Falleceu de erysipela diffusa, no dia 1.

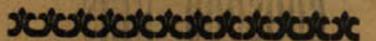
Antonio Dias, filho de Agostinho Dias e Anna Maria, de Souzellas, de 54 annos. Falleceu de lesão cardíaca, aperto e insuficiencia aortica, no dia 2.

Maria da Costa, de Aronca, de 55 annos. Falleceu de asphyxia por submersão, no dia 2.

Felicidade de Jesus, filha de Antonio Mathias e Maria Barbosa, de Moreira de 62 annos. Falleceu de pneumonia dupla, no dia 2.

Bernarda Sant'Anna, filha de Manoel de Castro Cordinhã e Maria Sant'Anna, de Tentugal, de 64 annos. Falleceu de seclerosa da spinal, medulla, no dia 6.

Total — 16:272.



## ANNUNCIOS

## LEILÃO

123 **Em casa** que foi de Joaquim dos Sapateiros, no dia 14 do corrente, pelas 10 horas da manhã, se faz leilão de todos os moveis que foram do mesmo e constam: mobilia de sala, com cadeiras e canapé de pau preto, mesas, quadros, guarda roupa, trem de cosinha, fogão, louças, bacias de arame e cobre, objectos de prata, chrystaes, potes de azeite, mesa de jantar e outros muitos objectos que estarão presentes.

## PURO VINHO DE MESA

104 **Na mercearia** — CARNEIRINHA — em Santa Clara, ao fim da Ponte, encontra-se á venda bom vinho da sua lavra, pelo preço de 90 réis, o litro. Garanto-se a boa qualidade.

## PAPAGAIO

113 **Fugiu um**. Quem o agarrou e o queira entregar a seu dono é na rua do Visconde da Luz, 90 a 92. Receberá alviquaras.

**R**OTULOS PARA Pharmacia Brevidade e nitidez Typ. Operaria Coimbra  
**E**NVELOPES timbrado Impressões rapidas Typ. Operaria Coimbra  
**P**ARTICIPAÇÕES DE CASAMENTO Menús, etc. Perfeição Typ. Operaria Coimbra  
**U**LTIMA NOVIDADE em facturas Especialidade em côres Typ. Operaria Coimbra  
**B**ILHETES de visita Qualidades e preços diversos Typ. Operaria Coimbra  
**L**IVROS e jornaes Pequeno e grande formato Typ. Operaria Coimbra  
**I**MPRESSOS PARA repartições publicas Typ. Operaria Coimbra  
**G**ARTAZES Prospectos e bilhetes de theatro Typ. Operaria Coimbra  
**A**VISOS PARA Leilões, casas commerciaes, etc. Typ. Operaria Coimbra

14, LARGO DA FREIRIA, 14

**José Gonçalves da Cruz**  
**NA HORA SUPREMA**

(HOMENAGEM AOS VENCIDOS)

Preço 50 réis

A venda em todos os kiosques. Qualquer pedido deve ser dirigido, acompanhado do importe, ao auctor, cadeia da Relação, Porto.

**CARNAVAL DE 1892**

72 — RUA DA SOPHIA — 72  
**COIMBRA**

121 **N**em artigos do carnaval para revenderem sem examinarem os preços correntes que estão patentes no estabelecimento de mercaderia e salischeria de Encarnação Gonzaga & C.ª, verão depois que não encontram mais barato, embora não tenhamos os grandes depositos das alfândegas de Lisboa e Porto.

O nosso maior deposito é nos grandes armazens de Casimiro R. Valente, em Lisboa, aonde compramos e podemos revender com uma pequena percentagem aos freguezes que nos honrarem com os seus pedidos.

Reinitem-se catalogos a quem os requisitar.

Pedidos a Encarnação Gonzaga & C.ª — Coimbra.

**600000 RÉIS**

118 **D**á-se esta quantia a juro, sobre hypotheca, preferindo-se neste concelho.

Rua de João Cabreira, n.º 1, se diz.

**Folhetim do «Alarme»**

**SENIO**

**O TRONCO DO IPÉ**

(SEGUNDA PARTE)

XV

**A caixinha**

Alice hesitou um momento; depois tornou-se livida como uma estatua de alabastro e a sua voz pulsou como um arquejo:

— Era que você, Mario, me quizesse tanto bem como ella sabia que eu lhe. . .

A voz estalou como a corda de instrumento, vibrada com demasiada força, e a menina apoiou-se para não cahir no bordo do consolo, de frente ao qual se passava a scena.

— Bôa mãe! . . . exclamou o mancebo erguendo ao céu as mãos trancadas. Como ella deve ser feliz então no seio de Deus! . . .

Alice involuntariamente reunira as mãos supplices ao seio, sem comprehender o sentimento que a levava a imitar o gesto do mancebo. Um effluvio de bemaventurança derramou-se por sua phisionomia, que lembrava

**A CURA DAS PURGAÇÕES COM O BLENORRHICIDA**

99 **O** *Blenorrhicida* é o non plus ultra da sciencia para a cura de todas as purgações, antigas ou modernas, ou catarrhos de bexiga. Provam-no o espantoso consumo e os elogios dos que só com elle se curaram, depois de experimentarem todos os medicamentos:

DEPOSITOS: — Coimbra, pharmacia Ferraz, rua de Ferreira Borges, 152; e drogaria Rodrigues da Silva. — Figueira da Foz, pharmacia Sotero, praça Nova. — Aveiro, Pharmacia Moura.

Preço 500 réis, pelo correio 640 réis.

**TINTURARIA DE P. J. A. CAMBOURNAC**

14, LARGO D'ANNUNCIADA, 16 LISBOA RUA DE S. BENTO, 120  
 Correspondente em Coimbra

Antonio José de Moura Basto, — Rua dos Sapateiros, 26 a 28

**OFFICINA A VAPOR DA RIBEIRA DO PAPEL**

**ESTAMPARIA MECHANICA**

11 **T**inge-lã, seda, linho e algodão em fio ou em tecidos, bem como fato feito ou desmanchado. Limpa pelo processo parisiense; fato de homem, vestidos de senhora, de seda, de lã, etc., sem serem desmanchados. Os artigos de lã, limpos por este processo não estão sujeitos a serem depois atacados pela traça. Estamparia em seda e lã.

**Tintas para escrever** de diversas qualidades, rivalizando com as dos fabricantes inglezes, allemães e francezes. **Preços inferiores.**

**JULIÃO ANTONIO D'ALMEIDA**

20 — Rua do Sargento-Mór — 24

33 **N**o seu antigo estabelecimento concertam-se e cobrem-se de novo, guarda-soes pelos seguintes preços:

Guarda sol para homem, coberto com a melhor seda portugueza, réis 18900; idem para senhora, 18400 réis.

Tambem tem fazendas de lã e algodão para coberturas baratas. Garante-se a perfeição do trabalho encomendado nesta casa.

**GRANDE NOVIDADE**

107 **C**hegou grande remessa de chourças d'Elvas, fari-neiras e morcellas de sangue.

Dias de Castello de Vide. Garante-se a boa qualidade. Preços sem competencia. Qualquer pessoa que compre e não goste recebem-se e entrega-se o seu dinheiro.

E. Gonzaga & C.ª

72, Rua da Sophia 72,

naquelle momento a face do anjo do amor banhada pelo olhar de Deus.

Quando ella e elle voltaram d'esse enlevo, seus olhos tímidos se encontraram um momento e lagrimam; tinham-se queimado no rubor que abraçava o rosto de ambos. O amor, o verdadeiro e puro amor, é sempre assim, cheio de recato e pudor. O outro, o fagueiro cupido da mythologia, que nasceu de Venus, a deusa da belleza e das educação, chama-se desejo.

Involuntariamente, Alice, procurando um disfarce para seu enlevo, começou a examinar os objectos contidos na caixa. Mario acompanhou lhe o movimento; e seus dedos tocaram-se muitas vezes. Sentiam nisso um encanto indefinivel; parecia-lhe que a alma da terna mãe, despedida d'este mundo os envolvia a ambos, e unia suas mãos pelo vinculo d'aquellas reliquias.

Nesse brinquedo, Mario descobriu um papel dobrado, que parecia servir de calço ao cordão de ouro. As letras cercadas de uma orla amarella, indicavam que o escripto era antigo, e apagado em alguns lugares por nodos lividas que talvez fossem traços de lagrimas.

O olhar de Mario fitando-se no papel desdobrado, tornou-se fulvo. Cobria-lhe o rosto a mascara do escarneo que elle costumava trazer nos

ultimos tempos. Mas d'esta vez, o odio borbulhava de seus labios com o assomo da ira.

Tranzido com a rapida e incomprehensivel transformação, Alice lançou um olhar ansioso sobre o escripto que encerrava sem duvida algum terrivel mysterio. Mas o mancebo prevenindo o seu movimento fechára o papel na mão; e dirigia-se á porta.

— Mario! exclamou a menina querendo impedir-lhe a saída.

— Deixe-me! disse o mancebo com um timbre de voz surda. Neste momento não me pertence, mas aquelles que já não são d'este mundo!

Alice que não se animára a retel-o, ouviu-lhe os passos precipitados que ressoavam pelo corredor. Quando o ruido cessou de todo no fim da escada, a menina levou a mão ao seio, que uma dor lancinante traspassava. Era um presentimento de que d'esta vez Mario se separava d'ella para sempre. A fatalidade, essa fatalidade mysteriosa de que fallava o mancebo, acaba de romper o elo que os prendia a ambos; suas almas estavam decapadas uma da outra.

Desde esse dia com effeito Mario isolou-se ainda mais; as raras vezes que tomava parte nas reuniões da Casa grande, era para dar expansão ao sarcasmo, e ostentar indifferença, frio desdem pela filha do barão.

**CARNAVAL**

113 O estabelecimento que tem mais deposito de artigos de carnaval é a bem conhecida casa — **SERIO VEIGA** — Rua da Sophia. Coimbra. Remette catalogos com os preços correntes a quem os requisitar.

**SERIO VEIGA COIMBRA**

**ESCRITORIO TECHNICO**

**DE PROJECTOS E CONSTRUÇÕES**

21 — Rua de João Cabreira — 21

**COIMBRA**

56 **E**ncarrega-se da elaboração de projectos, e orçamentos de construcções; levantamento de plantas; fiscalisação, vistorias e louvações de obras; desenhos e copias; consultas, pareceres e relatorios sobre trabalhos de construcção.

O gerente — E. Parada.

**CONVENIENCIA**

110 **V**ENDE-SE ou arrenda-se uma propriedade no sítio do Loreto, aros d'esta cidade, denominada Vinha do Cellerio, que se compõe de casas d'habitação, adega, terra de vinha e de semeadura.

Para tratar rua Direita, n.º 16.

Parecia que elle achava exquisito prazer em provocar da parte da menina os signaes da afeição mais delicada, para responder com as provas de um desprezo esmagador.

Felizmente para Alice, os hospedes começaram a retirar-se. Restituída ao secego da familia, mas não á placidez de sua vida de outros tempos, a menina sentia-se mais forte contra a desventura e queria habituar-se a ella. Ver Mario, ou quando o não visse, tel-o perto de si; era uma consolação.

Não escapam ao barão as vixitudes porque passára a alma da filha na ultima semana. Elle rastreava em seu rosto com ardente solicitude o traço das lagrimas que lhe fanava o brilho dos olhos azues, e a pallidez que a vigilia deixava impressa nas faces tão frescas sempre e tão rosadas.

Talvez porisso o barão esperava com impaciencia que os hospedes se retirassem. Nos annos anteriores era elle quem instava para ficarem o mais tempo possível; naquella occasião porém a companhia o incommodava; e cada dia de demora trazia-lhe uma contrariedade.

Imagine-se pois quanto devia impaciencia-o a chuva torrencial que durante dois dias cahiu em todo aquella zona da Serra do Mar. A inundação

**ALVIÇARAS**

117 **P**erdeu-se desde a travessa da rua do Loureiro, até á porta do ex.º sr. padre Ricardo, rua do Loureiro, uma carteira com um pequeno valor. Pede-se a quem a achasse o favor de a entregar na Padaria do Arco d'Almedina, onde receberá alviçaras.

**LAMPREIAS**

120 **V**endem-se boas lampreias por preços commodos. A tratar com Maria da Conceição Patrão, rua da Galla, n.º 33; ou com José Lagarto, rua dos Esteireiros. — Coimbra.

**MASCARAS**

Augusto dos Santos

RUA DIREITA, 68

117 **V**arietade de mascaras de aldeão, que vende a 70, 80, 100 e 120 réis.

**Companhia Auxiliar de Credito Agricola-Industrial**

SUCCURSAL N.º 29

AVISO

122 **S**ão avisados todos os srs. mutuarios que estejam em debito de tres mezes de juros a virem renovar seus contractos até ao dia 28 do corrente.

Outrosim se faz publico que no proximo domingo, 6 de março, se fará leilão de todos os objectos abandonados por seus donos.

O gerente,

João Augusto Simões Favas.

do Parahyba que é sempre a consequencia d'esses alluviões, impediu a partida dos hospedes.

Para distrahir a soffregidão, apenas esteou, sahiu o barão a cavallo acompanhado do administrador, para ver os estragos da inundação. Eram como de costume arvores arrancadas, fossos obstruidos pelo enxurro, e regos profundos cavados pela torrente das aguas.

Proximo á cabana do pae Benedicto, o barão estremeceu, avistando de repente ao longe a sombria face do Boqueirão.

— Que é isto? perguntou com a voz tropeçada e o rosto livido.

— A enxurrada levou o muro. Era um poder d'agua, como v. ex.ª não imagina! . . .

— D'agua! . . . murmurou o barão com um sorriso estranho.

— Agora ha de ser preciso levantar outra vez o muro?

— Sim. . . sim. . . respondeu com impaciencia; fustigando o animal para affastar-se mais depressa.

(Continua).

Impresso na Typographia Operaria — Largo da Freiria, n.º 14, proximo á rua dos Sapateiros — COIMBRA.



Redacção e administração

LARGO DA FREIRA

Não se restituem originaes sejam ou não publicados

Assumplos de redacção, dirigir a

Pedro Cardoso

EDITOR

Assumplos d'administração, a

Antonio Augusto dos Santos

ADMINISTRADOR

# O ALARME

Publica-se ás quintas feiras e domingos

Condições de assignatura

(PAGA ADIANTADA)

Com estampilha Sem estampilha  
Anno... 2\$700 Anno... 2\$400  
Semestre 1\$350 Semestre 1\$200  
Trimestre \$680 Trimestre \$600  
Avulso... 30 reis

Annuncios (cada linha) 30 reis  
Repetições 20 reis  
Permanentes contracto especial

Annunciam-se publicações enviando um exemplar

## Manoel d'Arriaga

Na sessão parlamentar de segunda feira apresentou este honrado cidadão e convicto republicano uma importante proposta, que a maioria da camara dos deputados se viu na necessidade de admitir á discussão, para não dar ao paiz mais uma prova de immoralidade e cumplicidade com os ladrões dos cofres publicos.

Na referida proposta pede o sr. Manoel d'Arriaga e com elle todo o paiz:

1.º A substituição da actual estrutura do estado em toda a sua ostentação e grandeza, de todo o ponto impossivel de sustentar-se, por uma outra puramente democratica, modesta, sobria, rigorosamente economica e moral em harmonia com o espirito do tempo, o modo de pensar e sentir da nação e as circumstancias angustiosas que o regimen monarchico nos legou;

2.º Que se decretem arrestos e que estes sejam devidamente registados com privilegio a favor do estado, em todos os bens dos delapidadores da fazenda publica já implicados ou que venham a achar-se implicados nas diligencias adoptadas e por adoptar, e que conjunctamente se promova até termo final a punição dos culpados, e bem assim que se proceda á arrecadação dos creditos devidos ao thesouro;

3.º Que seja integrada a alma nacional e unida a familia portugueza na mais estreita confiança e solidariedade, com a promulgação de leis sabias que deem solidas garantias a todas as liberdades publicas e individuais, e a cuja sombra, sem subterfugios, leal e desassombradamente, sejam mantidas no dominio da concorrencia e da especulação pura, todas as creanças, seitas e escolas, uma vez que não offendam a moral e pugnem segundo o seu ponto de vista pelos principios do bem e do justo;

4.º Que seja organizada a defeza nacional, tanto quanto possivel, segundo o systema adoptado na Suissa, por ser o mais seguro, o mais economico e o mais patriotico;

5.º Que nestes termos, restituída a nação a si propria, investida na sua augusta soberania, assegurada a ordem pelo jogo harmonico dos direitos e interesses de cada um com os do Estado que lhes dever garantia e protecção, se recorra só então ao credito, agora abalado, retrahido, e aos sacrificios ainda indispensaveis para com segurança entrar-se em via nova com processos novos. — O deputado por Lisboa, Manoel de Arriaga.

Antes do povo ir satisfazer as exigencias do actual governo — que lhe pede um augmento excessivo nos tributos já de si pezadissimos — devem os ministros, por um principio de moralidade e justiça, de equidade e isenção, dar inteiro cumprimento a essa proposta; principalmente, onde se pede o castigo dos ladrões, que, sob a protecção e

guarda das instituições vigentes, têm cavado fundo a ruina das nossas finanças, degradando as tradições honradas d'esta gloriosa nação.

Ao governo cumpre dar severa lição de moralidade a esse parlamento — onde é grande a corrupção — se por um acaso a sua audacia fôr ao ponto de rejeitar a proposta de Manoel de Arriaga, a qual bem representa a vontade e sentir do povo, nesta hora angustiosa em que se lhe pede mais dinheiro, quando lhe falta o pão para mitigar a fome com que elle já lucha, e que de futuro mais o perseguirá.

Ao governo cumpre dar um grande exemplo de civismo: dissolver ás camaras que são uma pura ficção da representação popular; porisso que ellas só advogam os interesses dos corrilhos; só defendem as veniagas e as delapidações dos bandos politicos — regeneradores e progressistas — pois que a esses bandos devem as suas candidaturas, e a posição que occupam no mundo official.

Deve o governo proceder d'esta forma, emancipando-se e emancipando o paiz da tutela d'esses vampiros, d'esses malfeitores, auctores e cumplices de tantos crimes, que não se pejam em proteger os defraudadores da fazenda publica, ainda aquelles que expontaneamente vieram confessar os desvios dos dinheiros da nação, levados para salvaterio de infames syndicatos de sujas companhias e bancos, cujas direcções estavam entregues a salteadores convictos.

Venha a dictadura; mas uma dictadura de moralidade e de justiça, e só assim o governo terá cumprido a sua nobre missão — se são nobres os sentimentos que o levaram ao poder, se é nobre e elevada a sua permanencia nos conselhos da corôa.

O momento é opportuno para se poder avaliar a dignidade de caracter do actual gabinete: ou se eleva, esmagando essa malta de bandidos; ou cae desastrosamente no lodaçal immundo em que estrebucha a politica monarchica, e então ao povo cumpre proceder com energia e com rudeza.

Para exaltação da justiça e honra da nação o povo ha de cumprir o seu dever!

Mas que o faça com a mesma solemnidade, com o mesmo estrondo com que os patriotas francezes souberam salvar a sua patria — a gloriosa França que já hoje todo o mundo respeita.

VIRIATO.

### Dr. José Falcão

Tem estado incommodado em virtude d'uma melindrosa operação que soffreu, este distincto ornamento da Universidade.

Informando-nos do estado do illustre enfermo, podemos transmittir aos nossos leitores a bella nova de que elle se acha em via de restabelecimento.

Sinceramente o estimamos.

×

### «O Dia»

Appareceu effectivamente na segunda feira, militando na politica republicana, este nosso collega da capital. Tomou a sua direcção politica o sr. Gomes da Silva, jornalista aprimorado e talentoso, que de certo imprimirá áquelle jornal uma feição superior.

Jubilando com a transformação do Dia, o partido republicano ufana-se de possuir o novo combatente.

×

### Associação Commercial

Hoje ha reunião da assembléa geral d'esta sociedade.

E' convocada para o fim de se tratar do novo vexame por que se está fazendo passar o commercio e os particulares, não consentindo o fisco que se levantem fazendas sem estas virem acompanhadas de facturas com o respectivo visto dos postos da policia fiscal.

O modo como esse serviço está sendo feito tem dado logar a alguns vexames feitos ao commercio d'esta cidade. Ainda ha poucos dias o sr. Manoel José da Costa Soares ao despachar na estação um pequeno volume de tecido para forro de carros, foi-lhe apprehendido pela policia fiscal e pela mesma lhe foi dito que só lhe seria entregue quando apresentasse conhecimento do pagamento de direitos na alfandega do Porto. Ora estas ordens tem dois lados pessimos: são absurdas e deficientes. São absurdas porque havendo em Lisboa e Porto as alfandegas, onde deve haver toda a vigilancia para evitar a importação dos generos sem o pagamento dos respectivos direitos, parece que fôr d'isto nas outras terras do paiz, se devia deixar livre transito a essas fazendas. São deficientes porque não se lhes deu a publicidade que as tornasse conhecidas do publico para evitar os vexames que ahi se tem dado.

O sr. Soares dirigindo-se á repartição fiscal com o documento que lhe veio d'alfandega do Porto, ponde hontem haver a fazenda explicando-se-lhe muito amavelmente que essas ordens tinham sido transmittidas por circular de ordem superior. Ora o que não se comprehende é que essas circulares se não tornem do dominio publico para se não darem estas tristes demonstrações da anarchia em que se exercem os serviços publicos. Além do incommodo occasionado aos commerciantes, ha, a maior, os prejuizos provaveis, que ninguem indemaisa, em virtude d'estas ordens vexatorias que nem sequer se trazem ao conhecimento dos interessados!

Além de este caso sabemos de particulares que têm sido obrigados a pagar direitos de objectos que compraram em outras localidades, cedendo as ameaças de serem presos por contrabandistas se não pagassem o exigido pelo fisco.

### Registe-se a garotice

Na sessão de segunda feira, quando o honrado deputado pelo circulo de Lisboa, sr. dr. Manoel d'Arriaga, estava na tribuna a fundamentar a sua patriótica proposta de salvação da patria, dava-se a edificante scena nos corredores da camara, que o nosso collega o Seculo, conta por esta forma:

«Um parenthesis: quando o illustre deputado republicano definiu a nossa infeliz situação, nos corredores passava-se uma scena alegre, e eloquente. O sr. Arroyo imitava, como se estivesse em palco de comedia ligeira, os srs. Arriaga, Manoel d'Assumpção e Alves da Fonseca, e tão bem que os applausos rebenlavam entusiasticos do meio dos circumstantes, que rebenlavam e choravam de riso.»

«Nos corredores tanta alegria, na tribuna parlamentar tanta tristeza.»

Uma garotada perfeita, a genuina malta em que ha dias fallou o sr. dr. Eduardo Abreu, expressão que tantos catafrios produziu nos paes da patria.

E' assim que procedem os defensores da monarchia, os homens que pelos seus crimes têm chegado o paiz á maior das desgraças! No momento em que na camara se decreta a fome do povo, pedindo-se-lhe sacrificios, antes de se punirem os ladrões collegas e amigos d'esse tal João Arroyo, os deputados da nação assistem nos corredores, em galhofas de garotos, aos arremedos do ex-ministro de instrucção publica!

Impudicos garotos!

Então o povo ha de pagar os roubos, sem ver os ladrões na cadeia?

### Onde nos leva a monarchia

Que o povo leia a com attenção o telegramma que abaixo publicamos e nos diga depois se não está ali bem frizada a morte violenta da nossa autonomia. Eil-o:

«Londres, 15, á 1 h e 35 m. t. — Acaba de realizar-se a reunião dos possuidores da divida portugueza approvando uma solução para se pedir ao Council of foreign Bondholders que escolha personagens financeiros competentes de Inglaterra e dos demais paizes onde haja portadores de titulos portuguezes, a fim de fazerem um inquerito sobre a situação actual das finanças portuguezas e protegerem os interesses dos possuidores da divida externa portugueza.»

No estrangeiro lá anda o sr. Burnay, com poderes do governo a tratar dos nossos negocios.

Quem conhece tal judeu, rico hoje a custa do thesouro e das veniagas com os partidos monarchicos, pode bem calcular o que aquelle homem ha de fazer em beneficio duma nação, que lhe é completamente estranha, e que só lhe inspira interesse pelas sangrias que ha dado nos cofres publicos.

E não havemos de repetir que Portugal está completamente perdido, devido unicamente ás instituições e aos partidos que as servem?!

Um dia e talvez bem cedo o povo se decidirá a nova vida e a escorregar do paiz os ladrões que d'elle têm feito coito, convertendo-o num miseravel pinhal d'Azambuja.

### Salamanca — os roubos do partido regenerador

Apparece-nos novamente na tela da discussão esta infame trama, protegida pelo partido regenerador de mancomunação com alguns triumphos progressistas do Porto, entre os quaes figurou o celebre tambor-mór dos pequeninos, Corrêa de Barros.

São contas de grande capitão como o leitor vae ver. Alli não se sabia gastar senão aos contos de réis, e desde a administração até aos armazens se vê a roubaheira mais descaçada de que ha memoria.

Na administração depara-se-nos o seguinte:

Administração e representação em Madrid	20 contos
Gratificação em Madrid e Salamanca	10 contos
Jurô ao Comptoir d'Escompte, A. Girod, bancos do Porto e Henri Burnay e sellos	310 contos
Diferença de cambios	45 contos
Gastos d'installação	9 contos
Percentagem aos delegados do syndicato, isto é, a Henri Burnay & C.	200 contos
<b>Total</b>	<b>594 contos</b>

Temos agora o que se chama Diferença:

Honorarios	29 contos
Gratificações	3 contos
Despezas de viagem	4 contos
Telegrammas, sellos telephone, assignatura de jornaes, annuncios e despesa miuda	3 contos
Preza lithographica, papel e livros	2 contos
Reuda d'escriptorio	2 contos
<b>Total</b>	<b>43 contos</b>

Chama-se Linha a 3.ª parte do appendice, e diz assim:

Honorarios	54 contos
Despesa de viagem	8 contos
Despesa d'escriptorio	7 contos
Renda d'escriptorio	2 contos
Papel e impressões	5 contos
<b>Total</b>	<b>76 contos</b>

Passemos ao 4.º capitulo. Denomina-se Armazens:

Honorarios	8 contos
Gratificações	1 conto
Despezas de viagem	1 conto
Despesa d'escriptorio	2 contos
<b>Total</b>	<b>12 contos</b>

Isto somma o melhor de 723 contos de réis, com que se locupletaram os felizardos que formaram o celebre syndicato tão combatido pelos progressistas, que, quando poder não tiveram coragem de o entregar á justiça.

E' que nesta panelinha havia seus correligionarios.

Para a semana diremos mais relativamente ao mesmo assumpto.

Os roubos do partido regenerador são tão importantes como os do partido progressista.

Quem ganha um conto de réis por anno tem o desconto de 20 por cento; quem ganha um conto de réis por dia fica com equal desconto.

## O adicional de 10 por cento pelo ministerio Dias Ferreira sobre a contribuição territorial.

Não desejamos a queda do ministerio, antes a falta de cousa mais promettedora, desejamos a sua conservação. Não para comprometter e deteriorar mais as condições do paiz, mas para os melhorar quanto couber no possível, e se não é, como não é possível, curar radical e completamente todos os males de que a nação enferma, ao menos minoral-os até certo ponto, pondo um dique ao desbarate da fazenda publica, a ruina dos bons costumes d'outro tempo, hoje tão pervertidos, ao imposto e ao empréstimo porque todo o governo que hoje e d'ora avante quizer governar, segundo as circumstancias e necessidades do paiz deve partir do principio aliás exactissimo de que — o povo não pode nem deve pagar mais, porque já de ha muito paga mais do que pode.

E desejamos a sua conservação, para esperarmos ainda mais algum tempo pelos seus actos, e para um desgano extremo, pela simples razão de que a sua retirada do poder importa forçosamente a entrada dos mesmos homens, cujas desastrosas administrações nos arrastaram á beira do abysmo que temos diante dos pés, ou d'outros que taes que continuam seguindo pela mesma senda errônea e calamitosa, para o povo e para a patria.

É certo que o governo, apesar de novo, já teve tempo para praticar actos e factos a bem do povo opprimido, se entrasse desde logo com tenção deliberada de mudar a face á situação desgraçada que encontrou; e comtudo tem-se limitado a algumas palavras, promessas e propostas e algumas d'ellas mais para contristar do que para consolar quem vive afflicto. De resto tudo está no mesmo pé e por isso o povo bastante descontente. Apesar d'isso convira, pela razão já dada, esperar um pouco mais. Pela nossa parte concordamos com a tal velha, que, quando encontrava o seu abbade o cumprimentava rogando a Deus que o conservasse, pedindo-lhe este a razão do cumprimento lhe respondeu ella que se havia de vir outro peor, Deus o conservasse.

Poucos dias serão precisos para se poder julgar com segurança, o que o povo tem a esperar da actual situação politica, porque a camara electiva na sua grande maioria ministerial de todos os ministerios, approvará todas as propostas do ministro da fazenda, solidário com os outros, e entre ellas o adicional de 10 por cento sobre a agricultura, que incontestavelmente é de todas ellas a mais dura, a mais injusta, a mais repugnante e menos acceptavel, e approvada que ella seja, o povo fica em peores e muito peores condições do que está.

Justificado ficará então *ipso facto*, que o povo não pode esperar senão de si mesmo para melhorar o seu mal estar, e levado a toda a evidencia que não ha no partido monarchico homens que, chamados ao poder falem com honestidade e independencia ao chefe do estado, apresentando-lhe francamente o seu plano governativo e pedindo-lhe a sua cooperação, porque se os houvesse, cremos que a monarchia accedera ao seu plano, e com mais ou menos vontade, por conveniencia propria, viria o accordo e por tal forma dentro mesmo das instituições vigentes, se poderia conseguir algum allivio nas vexações porque temos passado e estamos passando.

Nunca a occasião foi mais azada para o ministerio actual poder promover alguns beneficios em favor d'este povo que está depauperado, enervado, terrorisado e digno de lastima, captar a sua benevolencia e dispor da opinião

quasi geral; mas pela attitudo que os negocios vão tomando, não se cre que possa merecer as sympathias populares, visto como precisando o povo de lhe diminuir a contribuição predial que assenta na propriedade territorial, o governo lhe vae elevar consideravelmente esta e outras.

É este o assumpto mais importante e vital, se pode dizer, para o paiz que se debate no meio da crise agraria e da crise alimenticia, a par de outras.

Não conhecemos outro que mais séria e eficazmente deva chamar a attenção da imprensa, que quizer desempenhar-se da sua honrosa e sublime missão; e, por igual a attenção dos corpos legislativos, se bem se compenetrarem do seu dever de representar fielmente os interesses da nação e dos povos, porque para estes se pode dizer questão de vida, ou morte; porque a vingar o addicional, mais de tres partes da nação que vivem só d'esses escasos recursos que offerece a agricultura ficarão sacrificados a morrerem de fome, porque apenas chegarão para saciar a avidez do fisco, se chegarem.

Não ignora o governo decerto, porque se sabe dentro e fora do paiz, que a nossa agricultura está passando por uma crise tremenda, medonha, como nunca se viu, e sem esperança de melhorar. As vinhas mirram e desaparecem e o vinho que ainda ha não tem procura e baixa de preço sensivelmente para o productor, sem baixar para o grande numero dos consumidores que gastam das tabernas onde é sempre caro? Também não pode ignorar que ha grande escassez de azeite, que era outro recurso do lavrador, e que, em geral as produções de cereas escasseiam de anno para anno, seja qual for a causa. Depois d'isto que resta ao contribuinte para prover a sua subsistencia e acudir á agricultura que decae e caduca a olhos vistos, e ainda para mais pena sentir, sem os braços mais vigorosos que lhe levam para se enervarem no ocio das casernas, ou mingam por causa do recrutamento e das iniquidades com que se faz?

Tambem o governo não desconhece que nunca a vida foi tão cara, como no presente, desde a classica sardinha até ao cigarro vil que tem só o papel, custa hoje o dobro do que custava em outro tempo, mal o haja o monopolio e quem o concedeu, e, por desgraça, como prova da liberdade que gozamos, até se prohibe ao pobre que mate o vicio com a erva — a salva brava! Em taes condições parece incrível que houvesse um governo que tributasse mais do que ja o está o nosso povo, e comtudo é um facto, mas cremos que é um erro politico e de summa gravidade para o povo e para o mesmo governo.

BERNARDO JOSÉ CORDEIRO.

Ha quem pergunte se a cadeia não é para os ladrões?

— Não senhor, a cadeia é para os jornalistas que os accusam e condemnam.

### O syndicato de Salamanca

Em appendice ao *Diario do Governo* foram ha dias publicados os trabalhos da comissão de syndicanca parlamentar aos negocios do syndicato de Salamanca, comissão de que foi presidente o sr. deputado José Dias Ferreira, hoje presidente do conselho de ministros. Estes documentos, publicados no appendice, são muito limitados. Compreendem 3 actas da comissão parlamentar, um questionario, tres depoimentos e os mappas das despesas das linhas de Ciudad Rodrigo e Barca d'Alva, notando-se que segundo um officio publicado no appendice, taes contas vinham acompanhadas de 15 annexos explicativos, os quaes não foram publicados.

Começa a farça.

### Republicanos hespanhoes

Uma das commemorações mais importantes que os nossos correligionarios de Hespanha realisaram no dia 11 de fevereiro, solemnizando o anniversario da Republica, foi o grande comicio de Cordova, em que Salmeron tomou parte, proferindo um notabilissimo discurso.

Nesse discurso, o grande orador fez a comparação do regimen monarchico e das instituições democraticas mostrando como a monarchia não offerece as minimas garantias, nem na ordem economica, nem na ordem politica, sendo irrisorio haver a menor esperança de que, mantendo-se as instituições vigentes, a Hespanha possa resalvar-se da crise profunda em que jaz, lutando com a peor das anarchias, a que, descendo das classes governativas, por toda a parte se alastra, desmoralizando e corrompendo.

Sem intransigencias funestas, nem precipitações, mas tambem sem tibieza de nenhuma especie, devem os republicanos proseguir na luta pelo conseguimento dos seus ideaes.

E essa luta politica, concluiu o orador, os republicanos devem feril-a, pensando não só no presente mas no futuro e analysando e estudando sem descanso as graves questões sociais, cuja resolução cada vez mais se impõe a todos os partidos democraticos, sob pena de ficarem asoberbados e distanciados na sua campanha.

O discurso de Salmeron foi entusiasticamente applaudido, prolongando-se a ovação até o illustre chefe republicano entrar em sua casa.

×

### Theatro-Circo

Os ultimos espectaculos tem corrido com mais animação em virtude da companhia ter facultado a entrada gratuita a senhoras.

Não tem havido alteração no programma, mas comtudo os espectaculos têm agradado.

A Bella Zephora não tem deixado os seus creditos por mãos alheias, merecendo por isso os applausos de todos. Esta e a señorita Virginia Aragon, teem sido os alvos do enthusiasmo do publico que vê nellas duas artistas intelligentes.

No domingo á noite houve um entreacto tragico motivado pela senhora Jenny não se querer dar ao commodo de levantar da arena o chapéo d'um estudante que graciosamente lh'o tinha atirado. Este, sentido pelo proceder da Jenny, zurrrou, zurrrou com o bengalão nas taboas até que ella teve de voltar á pista. O caso ficou, pois, tragi-comico.

Na segunda feira houve no palco, varios intermedios comicos, em que tomaram parte alem da conhecida *ecuyère de haute école*, um distincto actor-amador, L. da G. e o applaudido amador tauromachico A. P. que se revesavam muito a contento, no decorrer da scena...

Na terça feira, de notavel, alem da queda de Barberina, debaixo do cavallo, feriram especialmente a attenção dos que olhavam, os *coups de il*, despegados numa larga demonstração de languidez conquistadora, pela senhora Jenny a Mr. Ferron, o epico que, do canto do seu camarote, accedia, desasombrado, a monomania da sobredita cuja...

Apesar de annunciado para este dia o ultimo espectáculo da companhia, esta resolveu-se a dar mais algumas representações, reduzindo os preços. A geral foi reduzida a 100 réis, cadeiras a 300 réis e camarotes a 1500 réis. Já hontem foi o primeiro, sendo hoje o ultimo e irrevogavel(?)

×

### Donativo

O Asylo de Mendicidade recebeu do sr. Manoel d'Almeida Cabral, membro da direcção d'esta casa de beneficencia, a offerta de 12 cobertores de lã.

Apraz-nos registrar esta boa acção.

## Sciencias e Letras

### CANALHA!

(CATULLE MENDÈS)

Na alcova silenciosa que a luz do velador illuminava apenas, emquanto Angelo dormita de cansasso no rezaço da amante ella contempla-o feliz. Mulher honesta, cercada de todos os respeitos, casada com um homem de quem era a unica ventura, abandonára furtivamente ao cahir da noite a casa conjugal, dizendo aos creados que ia ver sua mãe, descera depois d'um *coupé* á porta d'um jardim e, tremula de medo, voltando a cada passo a cabeça, com a angustia do ladrão que mette a gazua numa porta, abria a cancella com a chavita que elle lhe tinha dado na vespera no theatro, no ultimo intervallo, e pisando levemente a relva, e subindo a tremer uma escada, achará-se num quarto desconhecido, onde pela primeira vez, allucinada, louca, experimentára o criminoso enleio d'um adultero amor. Aventura desgraçada! Por que não era só ter perdido para sempre a honra, o respeito de si propria, os bons sonhos descansados, mas é que aquillo vinha a acabar por força em alguma catastrophe horrivel.

Seu marido, ella conhecia-o bem, genio violento, coração nobre, braço forte, era incapaz de transigir com a infamia. Na raiva do seu atroz desespero, era fatal: ou se matava, ou a mataria a ella. E o seu destino seria este. Ou morta, ou a chorar junto d'um cadaver! Pois bem! Embora! Não quero pensar em tal! Para longe presentimentos funestos! Na embriaguez da sua loucura só quer lembrar-se de amor e ser amada. A felicidade d'esse amor não é pago ainda com o preço da propria vida! Como elle a enlaçava estreitamente! Que promessas de amor sem fim lhe não faria inda ha bem pouco! até depois de morta lhe seria fiel.

Angelo, ella bem o sabia, tinha fama de leviano. Atribuiam-se-lhe até, no cochichar por traz dos leques, não poucas aventuras galantes. Mas transformára-se completamente sob o influxo d'aquelle immenso amor. Sim! elle amava-a sem limites, doidamente! Assim lh'o jurava inda ha bocado, e bem lh'o tinha provado naquelles seis mezes em que a perseguira com tão magoadas supplicas.

E agora os seus corações pertenciam-se um ao outro eternamente, perdidamente.

Mas o relógio começou a dar pausadamente 11 horas e Angelo entreabrindo as palpebras, disse-lhe meio despertado acariciando-lhe os cabellos perfumados:

— Como o tempo assim passa depressa... meu amor! Mas... é necessario que me deixes, que partas...

Ella apartou-se bruscamente num tremor, e ficou-se a olhal-o attonita, como se não tivesse percebido bem.

Deixar-te?! disse ella. Partir?! — Decerto minha filha, para não inspirar suspeitas aos teus creados, para chegares a casa antes do teu marido voltar do circo.

Soltando um grito estridulo, ella chegou d'um salto á porta da alcova, e depois, d'alli muito pallida, os bellos olhos muito abertos, com palavras sacudidas, entrecortadas:

— Estás louco?... deixar-te?... partir?... para não inspirar suspeitas? por causa dos creados? de meu marido? qual creados? qual marido? tenho eu actualmente alguem no mundo? Lembra-me acaso se fui casada? Tu disseste-me «Vem» e eu vim. Ha volta possivel depois de ter partido assim? Não, não posso mais sair d'aqui senão para onde tu fôres, contigo. Tenho só uma casa, a tua. Se não tiveres um leito para repousores a cabeça, seremos dois vaga-

bundos. Deixarte?! Oh! Oh! com certeza entendi mal! Tu não disseste tal, tu não podias tel-o dito. Meu Deus! Tu não me respondes? Tu voltas a cara? E' pois verdade? Ah! queres que me vá embora, que volte amanhã, para tornar a partir como esta noite? Queres que eu vá dizer a meu marido ao entrar: «Minha mãe vae um pouco melhor; uma indisposição passageira» e que ao adormecer junto da sua nobre fronte eu estude novo protesto para a proxima saída? Oh! miseravel... e eu... que desgraçada! Calculavas que eu podia ser tua amante sem deixar de ser mulher d'outro. Amar-nos-hiamos quando calhasse, quando eu pudesse escapar-me. Seria tua, mas seria tambem d'elle. Os teus beijos encontrar-me-hiam ainda tepida dos beijos d'elle, e eu levaria os teus labios á sua bocca! Ah! agora percebo tudo! Sim o que tu me pedes é um amor prudente, calculado cheio de medo, que se esconde, que disfarça; é mentir constantemente, atraçoal-o a elle por ti, a ti por elle, a sorrir! Sim, sim, eu sei que ha mulheres capazes de tal baixaza. Algumas, que inquietando-se pouco com a propria estima, contanto que não percam os respeitos apparentes no mundo, chegam a essa hypocrisia abjecta! Ah! pode-se permittir tudo comtudo que nada se comprometta. Com o protesto d'uma visita, d'uma missa ir em *coupé* de praça á entrevista, com o veu caído, sem esquecer ate o pó de arroz para disfarçar a volta o ruborizar dos beijos. Calcular as palavras, os gestos, o olhar, fingir não conhecer aquelle que se ama, não escrever nunca, nunca perder uma carta, assim é que é feita a virtude d'ellas. Oh! pois pensaste que eu podia descer a parecer-me com taes mulheres? Não: entreguei-me toda, para sempre. O que te concedi não foi uma hora foi toda a vida. Quebrei de vez o meu feliz passado. Para traz de mim nada mais resta de mim. Pude consentir num crime, não consentirei na infamia. Não quero repartir-me. Não saberia mentir. Aceito, deixo até, os despezos do mundo, as coleras, o castigo. Fui criminosa, mas não saberia ser vil. A confissão altiva do meu amor é talvez a unica desculpa que me resta. E quero que a tua audacia seja igual á minha. A posse do meu amor, o meu coração devem ser bastantes para que proclames bem alto a tua ventura. Deshonra-me se me adoras! E's um covarde ou não me amas?

(Continúa).

Quem são os ladrões? Os vencidos ou vencedores de 31 de janeiro?

Os vencidos deixaram intactos os cofres municipaes; os vencedores roubaram dos cofres do estado, dos bancos e companhias milhares de contos!

### O comicio operario

Cerca de uma hora e meia da tarde de domingo reuniu no pateo do Salema o comicio operario, presidido pelo sr. B. Constantino.

Varios operarios pediram a palavra, sendo apresentada e approvada a seguinte proposta:

«Que se dirija uma representação ao governo, expondo a insufficiencia dos salarios, e propondo ao mesmo tempo a redução das horas de trabalho, em relação com os mesmos salarios.

«Entregar ao governador civil um memorial, afim de que aquelle funcionario ponha em execução a caiação e pintura dos predios, como ordena o código de posturas municipaes.

«Caso não sejam attendidas as suas justas reclamações, a comissão fará distribuir um manifesto convidando o operariado a abandonar o trabalho, a fim de por meios mais energicos e violentos conseguir o que necessita.»

O comicio, correu no maior sossego.



## RECLAMES

**Caldas da Cunha** — Modas e confecções, ultimas novidades de Paris e Berlim — rua F. Borges 117.

**Correio e selleiro** — estabelecimento de Evaristo José Cerqueira — rua da Sophia.

**Calçado e tamancos** — Sola e cabedacs — Antonio Augusto da Silva — rua dos Sapateiros, 2 a 6.

**Casa Leão** — Loja de pannos e atelier de alfaiate — Rua Ferreira Borges.

### Para variar

Num tribunal:  
**Juiz** — Jura dizer a verdade?  
**Testemunha** — Tão certo, como é certo não ter sido recebido pelo ex-ministro aquelle escrivão que está acollá, e...  
**J.** (interrompendo-o) — Não diga asneiras. Responda simplesmente ao que lhe pergunto. Que idade tem?  
**T.** — A que quizerem dar-me: não faço questão por ninharias.  
**J.** — Em que se emprega?  
**T.** — Em empregar os mais.  
**J.** — Pergunto qual é a sua occupação?  
**T.** — Ah! Marido de minha mulher.  
**J.** — E d'isso que vive?  
**T.** — Como muitos que por ahí ha.  
**O advogado de parte** — Rejeito a testemunha por immoral.  
**J.** — Pode retirar-se... Ah! espere. Aonde mora?  
**T.** — Queira v. ex.ª perguntar áquelle escrivão, que é visita de minha casa.  
**O escrivão** consigo mesmo, olhando para a testemunha por cima dos olhos: — Que maroto! Foi por causa d'elle que eu estive duas horas metido na carvoeira. Tu m'as pagarás...

**Drogaria e depósito de tintas** de Mattos Areosa — rua de Mont-arroyo, 25 a 33.

**Famileiro** — estabelecimento de Luiz d'Almeida Junior — Obra em folha branca — rua do Corvo, 55 a 57.

**Instrumentos de corda e seus accessorios** — Augusto Nunes dos Santos — rua Direita, 18.

**Loja de barbear**, cortar cabellos e amolagem de instrumentos cirurgicos, de Manoel Francisco da Silva, rua da Sotta, n.º 31.

### Para variar

Foi á scena em um dos nossos principaes theatros, um drama que, logo na primeira representação, cahiu para não mais se levantar.  
**O publico** manifestava o seu desagrado com assobios e chiufas, e pateando furiosamente.  
**No meio** de todo aquelle chifrim, havia um unico espectador que applaudia freneticamente.  
**O sr.** gosta do drama? perguntou-lhe um dos seus vizinhos.  
**— Não** gosto, não, senhor, respondeu o interpellado; estou applaudindo os que pateiam.

**Mercearia** — José Paulo Ferreira da Costa — rua Ferreira Borges.

**Officina de calçado** — Antonio da Silva Baptista — Trabalhos em todos os generos — Sophia.

**Professora complementar** — R. da Sophia, 15 — Recebe alumnas internas, semi-internas e externas, ensina e aprompta para exames.

**Relojoaria Universal** — A. J. Silva Pessoa — Depósito de relógios de todas as qualidades — rua de Ferreira Borges, 112 e 114.

**Sola e cabedacs** — Vendas por junto e a retalho — Ricardo Pereira da Silva — rua dos Sapateiros.

### Canções populares

Alem vae a presamida,  
 Rua cheta sem ninguém;  
 Ella cuida que é bonita,  
 Nada disso ella tem.

### Theatro D. Luiz

Assistimos na segunda feira ao exame ás obras a que a empresa d'este theatro procedem ultimamente.

Pode-se dizer que a reforma foi geral no que diz respeito á decoraçáo, especialmente na sala dos espectáculos. Desappareceu aquelle aspecto reles que lhe dava a antiga decoraçáo e hoje a sala está digna e decente para um theatro.

A pintura foi entregue a um scenographo habil, o sr. João Cabral. A parte uns *nadas*, a decoraçáo agrada a muitos. No tecto, nuns paineis com largas listas e repuchados vemos os bustos de profissionaes e amadores dramaticos: Lucinda Simões, Pepa, Taborda, Taveira, Valle, Ferreira da Silva, Adelino Veiga e Luiz da Gama. Dos lados do proscenio os bustos em relevo de Carlos dos Santos *vis á-vis* com Emilia das Neves. O panno de bocca que foi visto de relance parece-nos razoavel.

No palco e ardimiento foram collocadas internamente bocas de incendio.

Ao convite da empresa vimos alli os srs. presidente da camara e vereador do peloro d'incendios, sr. commissario de policia, engenheiros, representantes da imprensa, e das corporações de bombeiros e muitos outros cidadãos.

Os hombeiros voluntarios fiada a visita simularam um ataque de collaboraçáo com os empregados do theatro. Num momento dado as portas se abriram rapidamente, as mangueiras de prompto funcionaram e os hombeiros executaram com precisáo e presteza as manobras indicadas. Foram applaudidos os briosos hombeiros.

A empresa na pessoa do nosso amigo sr. Francisco dos Santos Lucas, recebeu de todos sinceros parabens pelos melhoramentos que havia feito neste theatro, que pode equiparar-se com vantagem a muitos de Lisboa e Porto.

### A favor d'um vencido

Um grupo de bons rapazes, entusiastas, promove para domingo, segundo nos consta, uma garrafeira, cujo producto devera revertir em beneficio d'um vencido da revolução de 31 de janeiro.

Como se vê o beneficiado hem merece a protecção do publico á levar-se á realisação tal intento.

### Grandes criminosos

Deram entrada na esquadra de policia tres rapazes que d'uma propriedade proxima do rio Mondego tiraram tres laranjas.

Estiveram na esquadra até terça feira de tarde. Não nos consta que fossem entregues ao poder judicial.

### Novo processo por notas falsas

A requerimento do sr. dr. Trindade Coelho, delegado do ministerio publico, instaurou-se processo ácerca d'um caso de notas falsas de 20\$000 réis á que se referiu primeiro *O Credito* e depois *O Correio da Tarde*.

### O suffragio universal

O partido operario belga está resolvido a manter-se firme e intransigente para que na revisáo da constituição se inclua o suffragio universal.

O conselho geral do partido, na sua ultima reunião, deliberou empenhar todas as forças de que dispõe para que essa ideia triumphes.

### A nossa ruina

O thesouro publico tem gasto em obras nos palacios regios desde 1855 a 1888, a importante verba de 653:865\$317 réis.

É por estas e por outras que se está pedindo ao povo mais dinheiro

### Fallecimento

Foi no sabbado o funeral do sr. José Theotonio da Maia, industrial sapateiro que gosava de bons credits nesta cidade.

Chefe de familia exemplar deixa viuva e filhos em bem tri-tes circumstancias, apezar de ter sido um trabalhador incansavel.

Aos seus os nossos sentimentos.

### Gymnasio de Coimbra

Chegaram a esta sympathica instituição 24 armas para os exercicios militares das creanças que hão de tomar parte no sarau que em breve se ha de realisar num dos nossos theatros.

Mais uma vez se prova que Augusto Martins é um trabalhador incansavel pelo desenvolvimento e progresso d'esta associação que elle creou e que hoje está num periodo de grande prosperidade.

Este sarau começa a attrahir a attenção do publico e é grande já a procura de bilhetes.

### Reunião de imprensa

Reuniram na sala da redacção da *Nação*, a convite do director do *Jornal da Noite*, representantes de quasi todos os jornaes da capital, com o fim de protestar contra a violencia de que foi victima o chefe da reportagem d'aquelle jornal, e de pedir ao governo a concessáo de livre transito dos jornalistas no desempenho dos deveres do seu cargo, por fórma á pô-los a salvo das brutalidades da auctoridade.

Foi nomeada uma commissáo que ficará composta dos srs. Fernando Pedroso, Armando da Silva, Heliodoro Salgado, João Fraga, Santa-Rita, e dr. Vaz Ferreira, para representar ao governo naquelle sentido. O sr. Fernando Pedroso encarregou-se da redacção da representação.

Representou o *Alarme* o nosso amigo Heliodoro Salgado.

### Syndicancia

O sr. Augusto da Costa Motta, cidadão de provado character e rectidão, foi encarregado pela commissáo districtal de proceder a uma syndicancia ao municipio de Montemor-o-Velho.

Estamos certos de que o nosso amigo ha de proceder com justiça.

### Siamezes...

Chuto — ão! ão! — transcreve a pasquinada do barão da Divina Providencia e applaude... com os pés e com as mãos — as mãos de baixo.

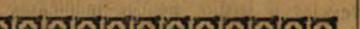
Dignos um do outro. Um já entrou na vinha; o outro está ao portal.

O do portal quer saltar para a vinha: d'ahi, late, late, late, de rojo no pó, — ão! ão! — a ver se o barão lhe abre o portal.

O barão gosta do — ão! ão! — lamuriente do chuto, mas vae-se aboitoando sósinho com os *bagos* da vinha (vide casos de Lamego).

O resto da contenda ha de ver-se. Por agora só se vae vendo que são uns madraços, afinal de contas, sem responsabilidades e sem consciencia, que se dão as patas para enxovalhar os que lhes balem.

Andem lá, mastins, mas passem de largo... ão! ão!  
 Chut!



### Camara Municipal

#### Sessão ordinaria

28 de janeiro

Presidencia do conselheiro dr. Manoel da Costa Alemão. Vereadores presentes: Antonio d'Almeida e Silva, Ernesto Lopes de Moraes, Antonio José Lopes Guimarães, Miguel José da

Costa Braga, effectivos; João da Fonseca Barata, Antonio Nunes Corrêa, substitutos.

Arrematou os impostos indirectos em algumas das freguezias ruraes do concelho.

Expulsou o vigia dos impostos n.º 21 por abandono do posto sendo ouvido convenientemente pela camara este empregado.

Mandou pagar trabalho a mais nas obras da construcção da casa da estação do material d'incendios, executados pelo respectivo empreiteiro, sendo presente neste acto uma nota desenvolvida das mesmas obras, assignada pelo architecto e pelo conductor da repartição technica.

Nomeou vogaes para a junta escolar do concelho, o dr. Guilherme Alves Moreira e o vereador Antonio d'Almeida e Silva, por ter findado o biennio a dois vogaes da mesma junta.

Nomeou louvados para o serviço do arbitramento das congruas dos parochos.

Resolveu reunir no dia 5 do corrente para abertura de propostas para a conclusáo de trabalhos da rua n.º 8, da quinta de Santa Cruz.

Despachou alguns requerimentos de interesse particular, ficando os despachos respectivos lançados no livro da porta.

### Sessão extraordinaria

5 de fevereiro

Presidencia do conselheiro dr. Manoel da Costa Alemão. Vereadores presentes, Antonio d'Almeida e Silva, Antonio José Lopes Guimarães, Miguel José da Costa Braga, effectivos, João da Fonseca Barata, Antonio Nunes Corrêa, substitutos.

Apresentadas, segundo deliberação tomada na sessão anterior, duas propostas para a conclusáo dos trabalhos da rua n.º 8, da quinta de Santa Cruz, foram ellas abertas pela presidencia vendo ser a 1.ª de Manoel Simões Canha, do Tavim, do preço de 377 réis por cada metro cubico de terraplanagem e 1\$800 réis a das alvenarias e a 2.ª de Fernando Amaral e Manpel da Costa Lima, residente em Miranda do Corvo, do preço de 360 réis — terraplanagem, — e 2\$200 réis alvenarias.

Ponderando a Camara que nenhuma d'ellas, era em cada uma das suas partes, inferior á outra, ouviu os proponentes que se achavam presentes, Manoel Simões Canha e Manoel da Costa Lima, abrindo-se licitação verbal de que resultou o 1.º descer para 358 réis o preço de terraplanagem: e como o 2.º Manoel da Costa Lima declarasse que não estava auctorisado pelo seu companheiro Fernando Amaral para entrar nesta licitação, resolveu-se transferir a mesma licitação para o dia 9 do corrente pela 1 hora da tarde.



### Noticias diversas

Vivem na freguezia de Ferreiros, Sinhões, dois velhos de cento e nove annos cada um.

\* Em Inglaterra constituiu-se uma commissáo que angaria donativos para auxiliar as victimas da fome na Russia.

\* Os typographos de Berlim, Dresde, Leipzig e outras cidades da Alemanha, que se tinham declarado em greve, resolveram voltar ao trabalho.

\* Está em erupção, desde ha dias, o vulcão Njaronhoe, da Nova Zelandia. Da cratera irrompem, com grande violencia, chammas e fumo. A lava corre até grande distancia. O começo da erupção foi assignalado por um forte tremor de terra.

\* Os depositarios de tabaco no Porto vão reclamar ampla liberdade de venda.

\* As cedulas de 100 e 50 réis que estão actualmente em circulação consta que vão ser substituidas por outras de typo diverso, estampadas em papel de linho.

\* O facto seguinte dá uma ideia da violencia dos tremores de terra no Japão. Um sujeito encontrou ultimamente um seu amigo japonês, e vendo que este andava de luto, perguntou-lhe se lhe tinha morrido algum parente. Um parente! respondeu. Todos os meus parentes! Perdi meu pae, minha mãe, os meus cinco irmãos e irmãs, e o resto de todos os meus parentes. Todos elles morreram soterrados por occasião dos tremores de terra recentes!

\* Em Braga converteu-se ao catholicismo, o hebreu José Augusto Alves, marroquino, de 31 annos d'idade.

\* Está a concurso o partido medico do Bombarral com o vencimento annual de 400\$000 réis.

\* Os prelados vão sollicitar do governo a modificação do recrutamento afim de que os alumnos dos seminarios que estejam aptos para receber ordens de presbyteros, possam immediatamente receber aquellas ordens sem esperar a isenção do serviço militar.

\* Dora Lambertini está actualmente em Veneza.

\* Varios membros d'um club francez de excursionistas projectam visitar Portugal no proximo mez de março.

\* O maior cão do mundo é actualmente um de S. Bernardo. Mede 1 metro e 10 centimetros de altura nos hombros e peza 247 libras. Ganhou 26 premios nos diferentes concursos em que foi apresentado. Chama-se *Lord Bute* e foi comprado por um americano por 19:000 dollars.

\* A industria dos leques occupa em Paris cerca de mil operarios, operarias e aprendizes dos dois sexos. Na fabricação d'estes leques cooperam um grande numero d'outras industrias. As aldeias do departamento de Oise (França) contam uns 3:000 obreiros que entram na confecção dos lindos modelos que se vêem nas montras parisienses.



## ANNUNCIOS

### JUIZO DE DIREITO DE COIMBRA

#### ARREMATACÃO

(1.ª publicação)

125 No dia 6 do proximo mez de março, por 11 horas da manhã, á porta do tribunal de justiça d'esta comarca, proceder-se-ha á venda e arrematação em hasta publica, para pagamento do passivo descripto e approvedo no inventario orphanologico a que se procede por obito de Antonio Pereira Neves e mulher Maria Henriques, moradores que foram no logar e freguezia de S. Martinho de Arvore, da seguinte propriedade:

Uma sorte de pinhal, no sitio da Redonda, limite de Valle de Rosas freguezia de S. Silvestre, no valor de 14\$000 réis;

Pelo presente são citados quaisquer credores que se julgue com direito ao mencionado predio ou ao seu producto, para o deduzirem, querendo, no prazo legal.

Coimbra 15 de fevereiro de 1892.

Verifiquei a exactidão.

O juiz de direito,  
 Queiroz.

O escrivão,  
 José Lourenço da Costa.

## MARCANO

126 Offerece-se um para mercearia ou fazendas.  
 Para tratar — Arco do Bispo — 2.

## O adicional de 10 por cento pelo ministerio Dias Ferreira sobre a contribuição territorial.

Não desejamos a queda do ministerio, antes á falta de cousa mais promettedora, desejamos a sua conservação. Não para comprometer e deteriorar mais as condições do paiz, mas para os melhorar quanto couber no possível, e se não é, como não é possível, curar radical e completamente todos os males de que a nação enferma, ao menos minoral-os até certo ponto, pondo um dique ao desbarate da fazenda publica, a ruina dos bons costumes d'outro tempo, hoje tão pervertidos, ao imposto e ao empréstimo porque todo o governo que hoje e d'ora avante quizer governar, segundo as circumstancias e necessidades do paiz deve partir do principio aliás exactissimo de que — o povo não pode nem deve pagar mais, porque já de ha muito paga mais do que pode.

E desejamos a sua conservação, para esperarmos ainda mais algum tempo pelos seus actos, e para um desengano extremo; pela simples razão de que a sua retirada do poder importa forçosamente a entrada dos mesmos homens, cujas desastrosas administrações nos arrastaram á beira do abismo que temos diante dos pés, ou d'outros que taes que continuem seguindo pela mesma senda errônea e calamitosa, para o povo e para a patria.

É certo que o governo, apesar de novo, já teve tempo para praticar actos e factos á bem do povo opprimido, se entrasse desde logo com tenção deliberada de mudar a face á situação desgraçada que encontrou; e comtudo tem-se limitado a algumas palavras, promessas e propostas e algumas d'ellas mais para contristar do que para consolar quem vive afflicto. De resto tudo está no mesmo pé e por isso o povo bastante descontente. Apesar d'isso convirá, pela razão já dada, esperar um pouco mais. Pela nossa parte concordamos com a tal velha, que, quando encontrava o seu abbade o cumprimentava rogando a Deus que o conservasse, pedindo-lhe este a razão do cumprimento lhe respondeu ella que se havia de vir outro peor, Deus o conservasse.

Poucos dias serão precisos para se poder julgar com segurança, o que o povo tem a esperar da actual situação politica, porque a camara electiva na sua grande maioria ministerial de todos os ministerios, approvará todas as propostas do ministro da fazenda, solidario com os outros, e entre ellas o adicional de 10 por cento sobre a agricultura, que incontestavelmente é de todas ellas a mais dura, a mais injusta, a mais repugnante e menos accetavel, e approvada que ella seja, o povo fica em peores e muito peores condições do que está.

Justificado ficará então *ipso facto*, que o povo não pode esperar senão de si mesmo para melhorar o seu mal estar, e levado a toda a evidencia que não ha no partido monarchico homens que, chamados ao poder falem com honestidade e independencia ao chefe do estado, apresentando-lhe francamente o seu plano governativo e pedindo-lhe a sua cooperação, porque se os houvesse, creímos que a monarchia accedera ao seu plano, e com mais ou menos vontade, por conveniencia propria, viria o accordo e por tal forma dentro mesmo das instituições vigentes, se poderia conseguir algum allivio nas vexações porque temos passado e estamos passando.

Nunca a occasião foi mais azada para o ministerio actual poder promover alguns beneficios em favor d'este povo que está depauperado, enervado, terrorisado e digno de lastima, captar a sua benevolencia e dispor da opinião

quasi geral; mas pela attitude que os negocios vão tomando, não se cre que possa merecer as sympathias populares, visto como precisando o povo de lhe diminuir a contribuição predial que assenta na propriedade territorial, o governo lhe vae clevar consideravelmente esta e outras.

É este o assumpto mais importante e vital, se pode dizer, para o paiz que se debate no meio da crise agraria e da crise alimenticia, a par de outras.

Não conhecemos outro que mais seria e eficazmente deva chamar a attenção da imprensa, que quizer desempenhar-se da sua honrosa e sublime missão; e, por igual a attenção dos corpos legislativos, se bem se compenetrarem do seu dever de representar fielmente os interesses da nação e dos povos, porque para estes se pode dizer questão de vida, ou morte; porque a vingar o adicional, mais de tres partes da nação que vivem só d'esses escasos recursos que offerece a agricultura ficarão sacrificados a morrerem de fome, porque apenas chegarão para saciar a avidez do fisco, se chegarem.

Não ignora o governo decerto, porque se sabe dentro e fora do paiz, que a nossa agricultura está passando por uma crisetremenda, medonha, como nunca se viu, e sem esperança de melhorar. As vinhas mirram e desaparecem e o vinho que ainda ha não tem procura e baixa de preço sensivelmente para o productor, sem baixar para o grande numero dos consumidores que gastam das tabernas onde é sempre caro! Também não pode ignorar que ha grande escassez de azeite, que era outro recurso do lavrador, e que, em geral as produções de cereaes escasseiam de anno para anno, seja qual for a causa. Depois d'isto que resta ao contribuinte para prover á sua subsistencia e acudir á agricultura que decae e caduca a olhos vistos, e ainda para mais pena sentir, sem os braços mais vigorosos que lhe levam para se enervarem no ocio das casernas, ou mingam por causa do recrutamento e das iniquidades com que se faz?

Tambem o governo não desconhece que nunca a vida foi tao cara, como no presente, desde a classica sardinha até ao cigarro vil que tem só o papel, custa hoje o dobro do que custava em outro tempo, mal o haja o monopólio e quem o concedeu, e, por desgraça, como prova da liberdade que gozamos, até se prohibe ao pobre que mate o vicio com a erva — a salva brava! Em taes condições parece incrível que houvesse um governo que tributasse mais do que ja o está o nosso povo, e comtudo é um facto, mas cremos que é um erro politico e de summa gravidade para o povo e para o mesmo governo.

BERNARDO JOSÉ CORDEIRO.

Ha quem pergunte se a cadeia não é para os ladrões?

— Não senhor, a cadeia é para os jornalistas que os accusam e condemnam.

### O syndicato de Salamanca

Em appendice ao *Diario do Governo* foram ha dias publicados os trabalhos da comissão de syndicança parlamentar aos negocios do syndicato de Salamanca, comissão de que foi presidente o sr. deputado José Dias Ferreira, hoje presidente do conselho de ministros. Estes documentos, publicados no appendice, são muito limitados. Compreendem 5 actas da comissão parlamentar, um questionario, tres depoimentos e os mappas das despesas das linhas de Ciudad Rodrigo e Barca d'Alva, notando-se que segundo um officio publicado no appendice, taes contas vinham acompanhadas de 15 annexos explicativos, os quaes não foram publicados.

Começa a farça.

### Republicanos hespanhoes

Uma das commemorações mais importantes que os nossos correligionarios de Hespanha realizaram no dia 11 de fevereiro, solemnizando o anniversario da Republica, foi o grande comicio de Cordova, em que Salmeron tomou parte, proferindo um notabilissimo discurso.

Nesse discurso, o grande orador fez a comparação do regimen monarchico e das instituições democraticas mostrando como a monarchia não offerece as minimas garantias, nem na ordem economica, nem na ordem politica, sendo irrisorio haver a menor esperança de que, mantendo-se as instituições vigentes, a Hespanha possa resalvar-se da crise profunda em que jaz, lutando com a peor das anarchias, a que, descendo das classes governativas, por toda a parte se alastra, desmoralizando e corrompendo.

Sem intransigencias funestas, nem precipitações, mas tambem sem tibieza de nenhuma especie, devem os republicanos proseguir na lucta pelo conseguimento dos seus ideaes.

E essa lucta politica, concluiu o orador, os republicanos devem ferir-a, pensando não só no presente mas no futuro e analysando e estudando sem descanso as graves questões sociaes, cuja resolução cada vez mais se impõe a todos os partidos democraticos, sob pena de ficarem asoberbados e distanciados na sua campanha.

O discurso de Salmeron foi entusiasticamente applaudido, prolongando-se a ovação até o illustre chefe republicano entrar em sua casa.

### Theatro-Circo

Os ultimos espectaculos tem corrido com mais animação em virtude da companhia ter facultado a entrada gratuita a senhoras.

Não tem havido alteração no programma, mas comtudo o espectáculo tem agradado.

A Bella Zephora não tem deixado os seus creditos por mãos alheias, merecendo por isso os applausos de todos. Esta e a señorita Virginia Aragon, tem sido os alvos do entusiasmo do publico que vê nellas duas artistas intelligentes.

No domingo á noite houve um entreacto tragico motivado pela senhora Jenny não se querer dar ao commodo de levantar da arena o chapéo d'um estudante que graciosamente lh'o tinha atirado. Este, sentido pelo proceder da Jenny, zurrrou, zurrrou com o bengalão nas taboas até que ella teve de voltar á pista. O caso ficou, pois, tragi-comico.

Na segunda feira houve no palco, varios intermedios comicos, em que tomaram parte alem da conhecida *ecuyère de haute école*, um distincto actor-amador, L. da G. e o applaudido amator taumachico A. P. que se revesavam muito a contento, no decorrer da scena...

Na terça feira, de notavel, alem da queda de Barberina, debaixo do cavallo, feriram especialmente a attenção dos que olhavam, os *coups de vil*, despegados numa larga demonstração de languidez conquistadora, pela senhora Jenny a Mr. Ferron, o epico que, do canto do seu camarote, accidia, desasombrado, á monomania da sobredita cuja...

Apezar de annunciado para este dia o ultimo espectáculo da companhia, esta resolveu-se a dar mais algumas representações, reduzindo os preços. A geral foi reduzida a 100 reis, cadeiras a 300 reis e camarotes a 1,500 reis. Já hontem foi o primeiro, sendo hoje o ultimo e irrevogavel (?)

### Donativo

O Asylo de Mendicidade recebeu do sr. Manoel d'Almeida Cabral, membro da direcção d'esta casa de beneficencia, a offerta de 12 cobertores de lã.

Apraz-nos registrar esta boa acção.

## Sciencias e Lettras

### CANALHA!

(CATULLE MENDÈS)

Na alcova silenciosa que a luz do velador illuminava apenas, enquanto Angelo dormita de cansasso no regaço da amante ella contempla-o feliz. Mulher honesta, cercada de todos os respeitos, casada com um homem de quem era a unica ventura, abandonára furtivamente ao cahir da noite a casa conjugal, dizendo aos creados que ia ver sua mãe, descera depois d'um *coupé* á porta d'um jardim e, tremula de medo, voltando a cada passo a cabeça, com a angustia do ladrão que mette a gazua numa porta, abria a cancella com a chavita que elle lhe tinha dado na vespéra no theatro, no ultimo intervallo, e pisando levemente a relva, e subindo a tremar uma escada, achará-se num quarto desconhecido, onde pela primeira vez, allucinada, louca, experimentára o criminoso enleio d'um adultero amor. Aventura desgraçada! Por que não era só ter perdido para sempre a honra, o respeito de si propria, os bons sonhos descaçados, mas é que aquillo vinha a acabar por força em alguma catastrophe horrivel.

Seu marido, ella conhecia-o bem, genio violento, coração nobre, braço forte, era incapaz de transigir com a infamia. Na raiva do seu atroz desespero, era fatal: ou se matava, ou a mataria a ella. E o seu destino seria este. Ou morta, ou a chorar junto d'um cadaver! Pois bem! Embora! Não quero pensar em tal! Para longe presentimentos funestos! Na embriaguez da sua loucura só quer lembrar-se de amor e ser amada. A felicidade d'esse amor não é pago ainda com o preço da propria vida! Como elle a enlaçava estreitamente! Que promessas de amor sem fim lhe não faria ainda ha bem pouco! até depois de morta lhe seria fiel.

Angelo, ella bem o sabia, tinha fama de leviano. Attribuiam-se-lhe até, no cochichar por traz dos leques, não poucas aventuras galantes. Mas transformára-se completamente sob o influxo d'aquelle immenso amor. Sim! elle amava-a sem limites, doidamente! Assim lh'o jurava ainda ha locado, e bem lh'o tinha provado naquelles seis mezes em que a perseguira com tão magoadas supplicas.

E agora os seus corações pertenciam-se um ao outro eternamente, perdidamente.

Mas o relógio começou a dar pausadamente 11 horas e Angelo entreabrindo as palpebras, disse-lhe meio despertado acariciando-lhe os cabelos perfumados:

— Como o tempo assim passa depressa... meu amor! Mas... é necessario que me deixes, que partas...

Ella apartou-se bruscamente num tremor, e ficou-se a olhar-o attonita, como se não tivesse percebido bem.

Deixar-te?! disse ella. Partir?! — Decerto minha filha, para não inspirar suspeitas aos teus creados, para chegares a casa antes do teu marido voltar do club.

Soltando um grito estridulo, ella chegou d'um salto á porta da alcova, e depois, d'alli muito pallida, os bellos olhos muito abertos, com palavras sacudidas, entrecortadas:

— Estás louco?... deixar-te?... partir?... para não inspirar suspeitas? por causa dos creados? de meu marido? qual creados? qual marido? tenho eu actualmente alguém no mundo? Lembro-me acaso se fui casada? Tu disseste-me «Vem» e eu vim. Ha volta possível depois de ter partido assim? Não, não posso mais sair d'aqui senão para onde tu fóres, contigo. Tenho só uma casa, a tua. Se não tiveres um leito para repou-sares a cabeça, seremos dois vaga-

bundos. Deixarte?! Oh! Oh! com certeza entendi mal! Tu não disseste tal, tu não podias tel-o dito. Meu Deus! Tu não me respondes? Tu voltas a cara? E' pois verdade? Ah! queres que me vá embora, que volte amanhã, para tornar a partir como esta noite? Queres que eu vá dizer a meu marido ao entrar: «Minha mãe vae um pouco melhor; uma indisposição passageira» e que ao adormecer junto da sua nobre fronte eu estude novo protesto para a proxima saída? Oh! miseravel... e eu... que desgraçada! Calculavas que eu podia ser tua amante sem deixar de ser mulher d'outro. Amar-nos-hiamos quando calhasse, quando eu pudesse escapar-me. Seria tua, mas seria tambem d'elle. Os teus beijos encontrar-m-hiam ainda tepida dos beijos d'elle, e eu levaria os teus labios á sua bocca! Ah! agora percebo tudo! Sim o que tu me pedes é um amor prudente, calculado cheio de medo, que se esconde, que disfarça; é mentir constantemente, atraçal-o a elle por ti, a ti por elle, a sorrir! Sim, sim, eu sei que ha mulheres capazes de tal baixez. Algumas, que inquietando-se pouco com a propria estima, contanto que não percam os respeitos apparentes no mundo, chegam a essa hypocrisia abjecta! Ah! pode-se permitir tudo contanto que nada se comprometta. Com o protesto d'uma visita, d'uma missa ir em *coupé* de praça á entrevista, com o veu caído, sem esquecer até o pó de arroz para disfarçar á volta o ruborizar dos beijos. Calcular as palavras, os gestos, o olhar, fingir não conhecer aquelle que se ama, não escrever nunca, nunca perder uma carta, assim é que é feita a virtude d'ellas. Oh! pois pensaste que eu podia descer a parecer-me com taes mulheres? Não: entreguei-me toda, para sempre. O que te concedi não foi uma hora foi toda a vida. Quebrei de vez o meu feliz passado. Para traz de mim nada mais resta de mim. Pude consentir num crime, não consentirei na infamia. Não quero repartir-me. Não saberia mentir. Aceito, deixo até, os desprezos do mundo, as coleras, o castigo. Fui criminosa, mas não saberia ser vil. A confissão altiva do meu amor é talvez a unica desculpa que me resta. E quero que a tua audacia seja igual á minha. A posse do meu amor, o meu coração devem ser bastantes para que proclames bem alto a tua ventura. Deshonra-me se me adoras! E's um covarde ou não me amas?

(Continua.)

Quem são os ladrões? Os vencidos ou vencedores de 31 de janeiro?

Os vencidos deixaram intactos os cofres municipaes; os vencedores roubaram dos cofres do estado, dos bancos e companhias milhares de contos!

### O comicio operario

Cerca da uma hora e meia da tarde de domingo reuniu no pateo do Salama o comicio operario, presidido pelo sr. B. Constantino.

Varios operarios pediram a palavra, sendo apresentada e approvada a seguinte proposta:

«Que se dirija uma representação ao governo, expondo a insufficiencia dos salarios, e propondo ao mesmo tempo a redução das horas de trabalho, em relação com os mesmos salarios.

«Entregar ao governador civil um memorial, afim de que aquelle funcionario ponha em execução a caiação e pintura dos predios, como ordena o código de posturas municipaes.

«Caso não sejam attendidas as suas justas reclamações, a comissão fará distribuir um manifesto convidando o operariado a abandonar o trabalho, a fim de por meios mais energicos e violentos conseguir o que necessita.»

O comicio, correu no maior sossego.